



3

JÓ A CANTARES DE SALOMÃO

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Milo L. Chapman

W. T. Purkiser

Earl C. Wolf

A. F. Harper

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

O Livro de
PROVÉRBIOS

Earl C. Wolf

Introdução

O livro de Provérbios é uma antologia inspirada de sabedoria hebraica. Esta sabedoria, no entanto, não é meramente intelectual ou secular. É principalmente a aplicação dos princípios da fé revelada às tarefas da vida diária. Nos Salmos temos o hinário dos hebreus; em Provérbios temos o seu manual para a justiça diária. Neste último encontramos orientações práticas e éticas para a religião pura e sem mácula. Jones e Walls dizem: “Os provérbios nesse livro não são tanto ditos populares como a essência da sabedoria de mestres que conheciam a lei de Deus e estavam aplicando os seus princípios à vida na sua totalidade [...] São palavras de recomendação ao homem que está na jornada e que busca trilhar o caminho da santidade”.¹

A. Autoria e Data

A tradição hebraica atribuiu o livro de Provérbios a Salomão assim como atribuiu o de Salmos a Davi. Israel considerava o rei Salomão o seu sábio por excelência. E há justificativas suficientes para esse reconhecimento. O reinado de quarenta anos de Salomão em Israel foi realmente brilhante. É evidente que esses anos não deixaram de ter os seus defeitos. Os muitos casamentos de Salomão não contam pontos a favor dele (1 Rs 11.1-9). Na parte final do seu reinado ele preparou o cenário para a dissolução do seu grande império (1 Rs 12.10). Não obstante, ele realizou um ótimo reinado durante os anos dourados de prosperidade e poder de Israel. A arqueologia é testemunha das suas habilidades na arquitetura e engenharia, da sua competência na administração e da sua capacidade como industrialista.²

O historiador sacro de 1 Reis nos conta que Salomão amou o Senhor (3.3); ele orou pedindo a Deus um coração compreensivo (3.3-14); ele mostrou possuir sabedoria em questões práticas da administração (3.16-28); a sua sabedoria foi concedida por Deus (4.29); ele era conhecido por sua sabedoria superior entre as nações vizinhas (4.29-34); ele escreveu 3.000 provérbios e mais de mil hinos (4.32); e foi capaz de responder às perguntas mais difíceis da rainha de Sabá (10.1-10).

No entanto, assim como nem todos os salmos foram escritos por Davi, nem todo o livro de Provérbios foi obra de Salomão. Uma parte do livro é designada como “palavras dos sábios” (22.17—24.34). Os últimos dois capítulos do livro contêm as palavras de Agur, o filho de Jaque (30.1-33), e de Lemuel, filho de Massá (31.1-9). O belo poema acróstico acerca da mulher e mãe perfeita (31.10-31) foi escrito por um autor desconhecido. A erudição conservadora aceita a autoria salomônica da maior parte do livro de Provérbios e a sua inclusão como um todo no cânon do Antigo Testamento.

A erudição crítica, no entanto, tende a rejeitar a atribuição tradicional da maior parte do livro de Provérbios a Salomão. W. O. E. Oesterley diz: “A maioria dos críticos modernos rejeita totalmente a tradição de que Salomão tenha escrito uma série de provérbios”.³ S. H. Blank comenta: “Não é necessário levar a sério a atribuição de Provérbios a Salomão em 1.1; 10.1; 25.1 [...] O livro canônico de Provérbios de Salomão não necessita de mais pretensão de autoria de Salomão do que o livro apócrifo de

Sabedoria de Salomão”.⁴ Mesmo assim, esse mesmo autor reconhece a tendência crescente de se aceitar a validade da tradição judaica. Ele diz: “Não se pode negar a possibilidade, e a opinião da erudição recente se inclina a aceitar o ponto de vista de que Salomão ao menos cultivava a arte proverbial e foi responsável pelo cerne do livro que lhe é atribuído”.⁵

Embora grande parte do livro de Provérbios tenha sua origem na época de Salomão, no décimo século a.C., a conclusão da obra não pode ser datada antes de 700 a.C., aproximadamente duzentos e cinquenta anos após o seu reinado. Uma seção (25.1—29.27) contém a coleção de provérbios que os escribas de Ezequias copiaram de obras anteriores de Salomão. Alguns estudiosos datam a edição final de Provérbios ainda mais tarde, mas antes do período de conclusão do Antigo Testamento — 400 a.C. Outros ainda chegam a datar a edição final no período intertestamental. Uma referência ao livro de Provérbios no livro apócrifo de “Eclesiástico” (“A Sabedoria de Jesus Ben Sirach”), escrito em torno de 180 a.C., indica que nessa época Provérbios era amplamente aceito como parte da tradição religiosa e literária de Israel.

B. Definição e Forma literária

A palavra “provérbio” em nossos dias significa um ditado breve e incisivo, expressando uma observação verdadeira e conhecida concernente à experiência humana — por exemplo: “Deus ajuda quem cedo madruga”. Há diversas coletâneas de provérbios modernos publicadas nas mais diversas línguas e culturas. Para o antigo hebreu, no entanto, a palavra “provérbio” (*mashal*) tinha um significado muito mais amplo. Era usada não somente para expressar uma máxima, mas para interpretar um ensino ético da fé do povo de Israel. A palavra vem do verbo que significa “ser como” ou “comparar”. Por isso, no livro de Provérbios encontramos uma série de símiles, contrastes e paralelismos. O paralelismo de duas linhas é a forma predominante encontrada em Provérbios. Dentro dos limites desse modo de expressão há uma variedade extraordinária. Existe o paralelismo antitético (10.1), o paralelismo sinônimo (22.1) e o paralelismo progressivo, ou sintético (11.22). Encontramos o paralelismo também em outras partes das Escrituras do Antigo Testamento, especialmente em Salmos.

Em algumas partes do Antigo Testamento o *mashal* tem ainda usos mais amplos. Em Juízes é usado para descrever uma fábula (9.7-21) e como designação de um enigma (14.12). Em 2 Samuel 12.1-6 e Ezequiel 17.2-10 refere-se a uma parábola ou alegoria. Em Jeremias 24.9 identifica um provérbio. Em Isaías caracteriza um insulto (14.4) e em Miquéias um lamento (2.4).

O livro de Provérbios é escrito e estruturado em forma poética, sendo que os ditos aparecem geralmente em pares de versos (dísticos). Muitas versões e traduções modernas seguem o padrão poético do original hebraico. Não é difícil perceber a estrutura das partes principais do livro (veja esboço). No entanto, o conteúdo em cada uma dessas partes muitas vezes resiste a um arranjo bem-organizado. Em muitos casos não há conexão lógica entre um provérbio e os adjacentes.

C. Provérbios e o Restante da Literatura Sapiencial

A literatura sapiencial do Antigo Testamento inclui o livro de Jó, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos, além de Provérbios. Não se pode negar que essa sabedoria hebréia teve seus antecedentes em culturas mais antigas e seus paralelos com nações vizinhas. Israel estava situado na “encruzilhada cultural do Crescente Fértil”.⁶ Salomão e Ezequias e os sábios da sua época estavam sintonizados com a sua época e sem dúvida estavam em contato com a literatura existente nos seus dias.

A arqueologia nos deu uma série de coleções do antigo Egito e da Mesopotâmia. Duas dessas são particularmente significativas: “As palavras de Ahiqar” e “A instrução de Amen-em-opet [Amenemope]”. Em virtude da semelhança de idéias e estrutura entre esses escritos e o livro de Provérbios, eruditos críticos tendem a defender a opinião de que houve dependência direta ou indireta dos hebreus dessa literatura sapiencial. Esses estudiosos chamam atenção especial para as semelhanças entre Provérbios 22.17—23.14 e “A instrução de Amen-em-opet [Amenemope]”.⁷ Fritsch nos lembra, no entanto, que “não podemos negligenciar a possibilidade de que Provérbios 22.17—23.14 já existisse como unidade de texto muito antes de sua incorporação nesse livro, e que na verdade esse texto pudesse ter influenciado o escriba egípcio”.⁸

A erudição bíblica conservadora rejeita a idéia de que os autores hebreus tenham dependido da literatura egípcia com base no fato de que há contrastes como também semelhanças e certamente grandes diferenças teológicas. Kitchen diz: “A discordância completa em relação à ordem dos tópicos e as claras diferenças teológicas entre Provérbios 22.1—24.22 e Amenemope impedem cópia direta em qualquer direção”.⁹ Edward J. Young crê que o politeísmo de Amenemope teria causado repulsa ao hebreu monoteísta e teria assim impedido a dependência da literatura egípcia por parte do autor hebreu.¹⁰

D. Mensagem Relevante

A mensagem do livro de Provérbios é sempre relevante. Os seus ensinamentos “cobrem todo o horizonte dos interesses práticos do cotidiano, tocando em cada faceta da existência humana. O homem é ensinado a ser honesto, diligente, auto-confiante, bom vizinho, cidadão ideal e modelo de marido e pai. Acima de tudo, o sábio deve andar de forma reta e justa diante do Senhor”.¹¹

A sabedoria de Provérbios coloca Deus no centro da vida do homem. A sabedoria, expressa por Salomão no Antigo Testamento, teria a sua revelação mais plena em Jesus Cristo nos dias da nova aliança. Disse Jesus: “A Rainha do Sul se levantará no Dia do Juízo com esta geração e a condenará, porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis que está aqui quem é mais do que Salomão” (Mt 12.42; Lc 11.31). Paulo falou de Cristo como a “sabedoria de Deus” (1 Co 1.24; Cl 2.3). Kidner diz que no livro de Provérbios a sabedoria “é centrada em Deus, e mesmo quando é extremamente real e relacionada ao dia-a-dia consiste da maneira inteligente e sábia de conduzir a vida no mundo de Deus, em submissão à sua vontade”.¹² Sabedoria é encontrar a graça de Deus e viver diariamente em harmonia com os propósitos salvadores que Ele tem para nós.

Esboço

I. TRIBUTO À SABEDORIA, 1.1—9.18

- A. Título e Propósito, 1.1-6
- B. O Tema principal, 1.7
- C. Advertências contra a Violência, 1.8-19
- D. Advertências contra Negligenciar a Sabedoria, 1.20-33
- E. As Recompensas de se Observar a Sabedoria, 2.1-22
- F. As Bênçãos da Sabedoria, 3.1-35
- G. A Primazia da Sabedoria, 4.1-27
- H. Instruções para o Casamento, 5.1-23
- I. Uma Série de Advertências, 6.1-19
- J. A Sabedoria e o Adultério, 6.20—7.27
- K. A Fama e a Excelência da Sabedoria, 8.1-36
- L. O Contraste entre a Sabedoria e a Loucura, 9.1-18

II. OS PROVÉRBIOS DE SALOMÃO, 10.1—22.16

- A. Provérbios de Contraste, 10.1—15.33
- B. Provérbios Parcialmente Paralelos, 16.1—22.16

III. AS PALAVRAS DO SÁBIO, 22.17—24.34

- A. Introdução, 22.17-21
- B. Primeira Coleção, 22.22—23.14
- C. Segunda Série, 23.15—24.22
- D. Admoestações Adicionais, 24.23-34

IV. A COLEÇÃO DE EZEQUIAS NOS PROVÉRBIOS DE SALOMÃO, 25.1—29.27

- A. Primeira Coleção, 25.1—27.27
- B. Segunda Coleção, 28.1—29.27

V. AS PALAVRAS DE AGUR, 30.1-33

- A. Observações Pessoais, 30.1-9
- B. Provérbios Numéricos, 30.10-33

VI. AS PALAVRAS DE LEMUEL, 31.1-9

- A. Título, 31.1
- B. Advertências contra a Lascívia e Bebidas Fortes, 31.2-7
- C. Julgar Retamente, 31.8-9

VII. A MULHER E MÃE VIRTUOSA, 31.10-31

- A. Características Máximas, 31.10-29
- B. Tributo Final, 31.30-31.

SEÇÃO I

TRIBUTO À SABEDORIA

Provérbios 1.1—9.18

O livro de Provérbios é um livro para todas as idades. O povo de Israel o estimava como parte da sua herança religiosa. O povo da dispensação do Novo Testamento o tem amado como parte da mensagem de Deus para os seus filhos. Os autores do Novo Testamento foram influenciados por esse livro (cf. 3.7 e Rm 12.16; 3.11-12 e Hb 12.5-6; 3.34 e Tg 4.6 e 1 Pe 5.5). Encontramos ecos dele nos ensinamentos de Jesus (cf. 14.11 e Mt 7.24-27; 25.6-7 e Lc 14.7-11; 27.1 e Lc 12.13-21). A palavra hebraica para “provérbio” (*mashal*) é melhor traduzida no grego por “parábola” (*parabole*). O método de parábolas tão característico em Provérbios é uma técnica que Jesus usou com frequência no seu ensino.

A. TÍTULO E PROPÓSITO, 1.1-6

Quando o povo hebreu pensava na lei, a sua mente se voltava imediatamente para Moisés. Quando se expressavam em cânticos, usavam as composições de Davi. E quando traziam à memória os seus ditados e provérbios, pensavam em Salomão.

1. O Significado do Título (1.1)

O versículo 1 provavelmente nos dá o título editorial para todo o livro como também a chamada para a primeira seção dele. Essa designação não significa que todo o conteúdo do livro se originou com Salomão, mas reconhece-o como o autor das partes principais de Provérbios e também dá a ele o tributo como o sábio inigualável de Israel. Veja a discussão mais abrangente acerca da autoria de Provérbios na Introdução.

Acerca do significado de **Provérbios** (*mashal*) veja a Introdução. A expressão **filho de Davi** reafirma explicitamente a linhagem de Salomão (1 Rs 11.12). Mathew

Henry diz acerca dessa afirmação: “Cristo é com frequência chamado de *Filho de Davi*, e Salomão era um tipo dele no fato, como também em outros, de que *ele abria a sua boca em parábolas ou provérbios*”.¹

2. O Propósito do Livro (1.2-6)

Muito do que está em Provérbios tem aplicação universal. O seu propósito fundamental, no entanto, é religioso. Salomão tentou fazer mais do que compartilhar o seu conhecimento; ele se esforçou em mostrar a Israel o caminho da santidade. As quatro palavras **para aprender a sabedoria** nos dão o cerne do propósito do livro inteiro. Edgar Jones diz que o termo hebraico **aprender** (conhecer) “traz o sentido de um encontro e comunhão pessoais que vão além de mera curiosidade intelectual. [...] O propósito do livro é conquistar a submissão dos jovens à lei moral de Deus. Além de curiosidade, há compromisso”.²

Provérbios é direcionado em primeiro lugar **aos jovens** (4) e aos inexperientes, mas serve também para todas as idades e estágios da vida. Até o **sábio** — a pessoa mais idosa e experiente — pode adquirir **habilidade** (5). A palavra hebraica para **simples** (4) “designa o oposto do homem moral. Não significa um simplório no nosso sentido do termo, mas um pecador, um mau caráter. Provérbios tem uma mensagem de moralidade para os ímpios”.³ Essa mensagem, no entanto, é expressa de forma um tanto indireta por meio de **enigmas** (6; a ARC antiga traz “adivinhações”), ou outras formas proverbiais que exigem algum tipo de interpretação, em vez do método mais direto e franco das declarações proféticas dos profetas de Israel.

B. O TEMA PRINCIPAL, 1.7

Depois da declaração de propósito extraordinariamente clara (1.2-6), o autor expressa no versículo 7 o tema principal de Provérbios e o princípio fundamental da religião revelada. Este é o versículo-chave e contém a palavra-chave de todo o livro — **sabedoria**. **O temor do SENHOR** é uma expressão comum nas Escrituras, especialmente em Salmos e Provérbios. Esse temor não é o medo subserviente do castigo, mas o temor que se expressa em reverência e admiração. É “um temor reverente e adorador” (AT Amplificado). Rylaarsdam diz: “Temer a Deus não é ter medo dele, mas colocar-se diante dele em admiração, visto que o significado de tudo e o destino de todas as pessoas são determinados por aquilo que Deus é e faz”.⁴

Acerca de uma expressão semelhante em Salmos 111.10, Davies diz: “*O temor do Senhor* nas Escrituras não significa somente aquela paixão piedosa ou a reverência filial ao nosso adorável Pai que está no céu, mas com frequência se transforma em religião prática [...] implica todas as graças e todas as virtudes do cristianismo; em resumo, toda aquela santidade de coração e de vida que é necessária para se desfrutar da felicidade eterna”.⁵

A palavra **SENHOR** é significativa nesse versículo-chave. É o termo usado na tradução portuguesa do nome hebraico de Deus que foi revelado ao povo de Israel (Êx 3.13-15). Esse nome era constituído de quatro consoantes, **YHWH**, e provavelmente se pronunciava *Yahweh* (Javé). Esse foi o Deus que havia se revelado ao seu povo Israel e lhe tinha dado um sentido especial de destino entre as nações da terra.

O princípio, “ponto de começo” ou “parte principal”, sugere mais do que uma posição cronológica. É a “parte principal e mais importante do conhecimento — isto é, o seu

ponto de partida e a sua essência” (AT Amplificado). Kidner diz: “*O princípio* (isto é, o princípio primeiro e controlador, e não um estágio que uma pessoa deixa para trás; cf. Ec 12.13), não é meramente um método de pensamento correto, mas um relacionamento correto; é a submissão (temor) adoradora ao Deus da aliança que se revelou”.⁶

Os loucos desprezam a sabedoria. Esses **loucos** são os que rejeitam as orientações divinas para a vida e trilham o caminho da impiedade. O seu caminhar obstinado é contrário ao caminhar do homem de sabedoria e de bondade. O louco, no sentido usado em Provérbios, não é meramente um sujeito simplório. “Os loucos zombam do pecado” (Pv 14.9). O louco é espiritualmente rebelde, indiferente aos conselhos divinos e que rejeita o temor do Senhor.⁷ Jesus retratou esse tipo de pessoa quando chamou de louco o homem que não observava os seus ensinamentos (Mt 7.26-27).

Nesse versículo-chave podemos ver: “As Exigências de Deus para uma Vida Santa”. É necessário haver: 1) o relacionamento correto com Deus — **o temor do Senhor**; 2) o discipulado contínuo — **o princípio da ciência** (sabedoria); e 3) o respeito pelas orientações divinas — somente **loucos desprezam a sabedoria e a instrução**. Precisa haver a iniciação da nossa caminhada com Deus, a continuação da comunhão redentora e a aplicação dos nossos corações à disciplina da instrução divina.

C. ADVERTÊNCIAS CONTRA A VIOLÊNCIA, 1.8-19

1. *O Caminho da Sabedoria* (1.8-9)

O homem sábio prossegue então para a aplicação prática da sabedoria à área da tentação e do comportamento. Ele insta o jovem a ser obediente a Deus e a respeitar os seus pais. Nessa forma de proceder, os jovens vão encontrar a melhor proteção contra o mal. Esse caminho — embora não tão atraente e fascinante quanto as seduções do pecado — é o seu melhor caminho na vida. **Filho meu** (8) é um termo carinhoso usado pelo mestre para com o seu pupilo e é usado com frequência em Provérbios. **Ouve** pode ser melhor traduzido por “obedece” ou “guarda” (Berkeley). **A instrução** (treinamento ou disciplina) **do teu pai** sugere o lugar principal e central do pai no lar judaico (Êx 12.26-28; Dt 6.6-7). Mas o autor acrescenta: **e não deixes** ou: “não rejeites” (RSV) **a doutrina**, “os ensinamentos” (Berkeley) ou “orientações” (Moffatt), **da tua mãe**. Esses ensinamentos também eram significativos e não eram considerados inferiores aos do pai. Nenhum livro da Bíblia se iguala a Provérbios na ênfase ao amor e ao respeito pela mãe. Os pais são os primeiros mestres da religião, e as crianças hebreias aprendiam os primeiros passos da sabedoria com os seus pais.

A observância das instruções dos pais não ficaria sem sua recompensa. Essa conduta ornamentaria a vida do jovem com honra. Ele teria um **diadema de graça** (9; “uma grinalda graciosa”, Moffatt) sobre a sua **cabeça e colares** (“enfeites”, Berkeley) para o seu **pescoço**. É uma referência a adornos usados por reis (Gn 41.42; Dn 5.29).

2. *O Caminho dos Pecadores* (1.10-19)

Podemos intitular essa passagem: “Não Ceda às Tentações”. Nela vemos que: 1) *O pecado é sedutor*. O malfeitor ou escroque diz: **Vem conosco** (11). Aqui está um apelo à necessidade que o homem tem de pertencer — “Venha pertencer à nossa gangue”. Além disso, o bandido promete abundância material (13-14) — um apelo ao

desejo que o homem tem de possuir. 2) *O mal é agressivo*. É um agressor que não poupa a ninguém. É tão cruel quanto a morte. **Traguemo-los vivos, como a sepultura** (12). 3) *O mal é atormentador*. É doloroso para os outros. **Os pés do malfeitor se apressam a derramar sangue** (16). O mal também faz armadilha e destrói o próprio pecador (17-19). “Até mesmo um inocente pássaro é esperto o suficiente para não se aproximar de uma armadilha quando vê que ela está sendo colocada; mas esses pecadores preparam uma armadilha e eles mesmos caem nela”.⁹ **Aquele que se entrega à cobiça** (19) descobre que o pecado sempre age como um bumerangue. Séculos mais tarde Jesus perguntou: “Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?” (Mt 16.26).

D. ADVERTÊNCIAS CONTRA NEGLIGENCIAR A SABEDORIA, 1.20-33

Neste texto a sabedoria é personificada pela primeira de muitas vezes no livro de Provérbios. A **sabedoria** é retratada no papel de um profeta de Deus com uma mensagem urgente, que é proclamada **pelas ruas** (20), **no meio dos tumultos [...] às entradas das portas** (21). Aqui onde estão “as **encruzilhadas** das vidas das pessoas” a sabedoria faz o seu apelo fervoroso. No versículo 22 ela usa três termos para descrever os que rejeitam a revelação divina. São os **néscios** (moralmente neutros), os **escarnecedores** (que desafiam) e os **loucos** (espiritualmente obstinados).

Convertei-vos (23) é um chamado profético ao arrependimento (cf. Jr 3.12-14,22; 4.1). Rejeitar esse chamado é algo trágico. Para os que o fazem, a sabedoria diz: **também eu me rirei na vossa perdição** (26). Estas palavras, diz Kidner, “não são uma expressão de dureza de coração pessoal, mas da absurdidade de escolher a loucura, a completa vindicação da sabedoria e a conveniência incontestável da calamidade”.¹⁰

O juízo que virá sobre os que rejeitam a Deus será tão repentino **como tormenta** (27). Essa calamidade será o **fruto do seu caminho** (31). Eles vão colher o que semearam (cf. Gl 6.7-8). O **desvio** (32; “recaída”, AT Amplificado; ou “desobediência”, Berkeley) **dos simples** e a **prosperidade** (ou “o ócio despreocupado”, Berkeley) **dos loucos** será a destruição deles. Os que confiam na sabedoria, no entanto, não precisam temer as calamidades e os desastres que vêm como consequências da loucura pecaminosa (33).

E. AS RECOMPENSAS DE SE OBSERVAR A SABEDORIA, 2.1-22

Neste capítulo o mestre fala em nome da sabedoria assim como o profeta falava em nome de Deus. Este poema hebraico pode ser dividido em seis partes. As linhas introdutórias (1-4), ou a prótase, contêm um apelo urgente para que o pupilo dê atenção ao chamado da sabedoria. Em seguida vem a consequência, ou apódose, que descreve os cinco resultados ou frutos de se conhecer a Deus (5-22).

1. A Urgência do Apelo da Sabedoria (2.1-4)

A urgência do apelo do sábio é indicada por quatro conjuntos de orações gramaticais paralelas — um conjunto em cada um dos versículos dessa seção. No versículo 1 a

condição é: **se aceitares [...] e esconderes contigo** (“entesourares”, TB). **Para fazeres atento [...] o teu ouvido, e [...] inclinares o teu coração** (“para que o teu coração alcance”, Berkeley) são condições encontradas no versículo 2. As condições **se clamares** (“se implorares”, Berkeley) [...] **alçares a tua voz** estão no versículo 3. No versículo 4 lemos: **se como a prata a buscares e como a tesouros escondidos a procurares** (cavares por ela). Somente essa sinceridade de coração que o mestre defende nesses versículos vai gerar no pupilo o conhecimento da vontade santa de Deus. A declaração de Paulo em Filipenses 3.13-14 é uma ilustração neotestamentária dessa intensidade de propósito.

A palavra **coração** (hb. *leb*) no versículo 2 é especialmente significativa. Tem um significado muito mais amplo no hebraico do que em português, incluindo sensibilidades intelectuais e morais como também emocionais. É o centro do ser humano do qual brotam as decisões vitais. A Bíblia nunca fala do cérebro como local do intelecto do homem. **Para inclinares o teu coração** (2) sugere real dedicação e zelo. O mestre está desafiando o pupilo a buscar a sabedoria com todo o seu ser — sua razão, suas emoções, sua vontade — para que o propósito não seja diluído.¹¹

2. Os cinco Frutos da Sabedoria (2.5-22)

O apelo urgente do mestre para que haja uma resposta completa ao chamado da sabedoria é seguido das promessas encorajadoras de que os esforços do pupilo não serão em vão.

a) *Quem Procura Vai Encontrar a Deus* (2.5-8). A busca espiritual faz com que a pessoa entre em comunhão com Deus. **Então** — depois da busca diligente — o que busca entenderá **o temor do SENHOR** (5; veja comentário de 1.7). A religião pessoal começa com a revelação de Deus ao coração da pessoa. Essa é a recompensa suprema de quem busca (cf. Jo 17.3). Aquilo que a pessoa que busca encontra é o presente de Deus para ela — **Porque o SENHOR dá a sabedoria** (6). O pupilo descobre tudo que é essencial para uma vida reta — a sabedoria **verdadeira**, ou prática, e a proteção (7). O Senhor é um **escudo** (Gn 15.1; Sl 59.11; 84.11) **para os que caminham na sinceridade** (“aos que caminham com integridade”, Berkeley). Essa proteção está reservada para os **seus santos** (8); lit. “aos seus devotos” (“quem anda com integridade”, NVI; cf. Sl 12.1; 30.4; 31.23).

b) *A Sabedoria Concede Entendimento e Liberdade* (2.9-11). O fato de Deus dar-se a si mesmo e revelar aspectos do seu propósito para a nossa vida trazem a nós o poder e os princípios para a conduta correta. Estas dádivas divinas são algo **suave** (10), concedendo proteção (11). A força interior é a melhor resposta para o mal exterior. O santo — a pessoa dedicada e consagrada a Deus — encontra vida abundante e a liberdade de trilhar o caminho da vida com segurança e vitória sobre o mal. Conhecer a Deus e fazer a sua vontade são realidades que libertam o homem (Jo 8.32).

c) *O Homem de Deus é Liberto do Caminho Mau* (2.12-15). Esta bênção e a que segue são conseqüências dos primeiros dois frutos da sabedoria. Podem ser consideradas resultados de se encontrar a Deus (5-8) e do entendimento dado por Deus (9-11). Nesta passa-

gem o mestre fala do mal em geral. O **mau caminho** (12) é o contrário do caminho da retidão. Estes caminhos contrastantes são muitas vezes retratados nas Escrituras (Sl 1; Is 59.8; Mt 7.13-14,24-27). O **homem** que anda no **mau caminho** é escravo dos caminhos da loucura pecaminosa. Mas o homem de sabedoria anda por outros caminhos. O fato de ter escolhido a Deus lhe dá forças para recusar as seduições do caminho que leva à destruição e à morte eterna.

Nesta passagem temos a descrição do caráter do homem mau. Ele é um **homem que diz coisas perversas** (12). A sua fala é distorcida (“pervertida”, Berkeley). Moffatt diz que a sua fala é “obstinada”, sugerindo a rejeição da vontade de Deus para a sua vida. Ele anda **pelos caminhos das trevas** (13; cf. Dt 29.29; Sl 82.5; Pv 4.19; Is 59.9). Além disso, ele se alegra em fazer o **mal** e tem prazer em ver que outros entrem pelo mesmo caminho (14). As suas **veredas são tortuosas** (15), isto é, contrárias ao que é verdadeiro e moralmente correto.

d) *Ele é Salvo da Mulher Lasciva* (2.16-19). O homem de Deus não é somente liberto do caminho mau em geral, mas da **mulher estranha** (16) em particular. A prostituição não era incomum em Israel. O adultério, como também a idolatria, eram pecados comuns do povo (cf. Jr 23.10,14; Os 4.14). Provérbios dedica espaço considerável à mulher lasciva ou sedutora (5.1-23; 6.20-35; 7.1-27; 9.13-18). A **mulher estranha** (“mulher imoral”, NTLH) personifica o caminho que é contrário à sabedoria; é o caminho que termina em **morte** em vez de vida (18-19). “O salário do pecado é a morte” (Rm 6.23).

A versão *Berkeley*, além de usar também a palavra **estrangeira**, traduz a palavra **estranha** por “forasteira”. A razão para usar esses termos é dada numa nota de rodapé. “Uma mulher dessas tinha perdido o direito de ser chamada israelita”.¹² Toy diz que “a característica geral das descrições aqui e nos capítulos 5, 7 e 9.13-18 e o contraste expresso em 5.19,20 tornam quase certo o aspecto de que o autor tem em mente mulheres dissolutas, independentemente da nacionalidade, e que a *mulher estranha* é uma que não está ligada ao homem por laços legais, que está fora do círculo de relações normais, ou seja, uma prostituta ou adúltera”.¹³ Esta devassa é uma mulher casada que abandonou tanto o **guia** (“companheiro”, RSV; “amigo”, ARA; ou “marido”, Berkeley) **da sua mocidade** quanto o **concerto** (aliança) **do seu Deus** (17). O relacionamento com Deus e o compromisso com a sua vontade dão força à pessoa para resistir às tentações de tal mulher. Séculos mais tarde Paulo disse aos Gálatas: “Digo, porém: andai em Espírito e não cumpríreis a concupiscência da carne” (5.16).

e) *Ele Terá uma Herança Especial* (2.20-22). Os que andam **pelo caminho dos bons** (20) **habitarão a terra** (21). A referência principal aqui é à terra de Canaã, que foi prometida ao povo de Deus (Êx 20.12; Lv 25.18-24; Sl 37.9-11). Habitar a terra de Canaã era desfrutar do favor e da bênção de Deus. Estar exilado dessa terra era uma indicação de desobediência e de desfavor divino. Jesus expressou uma verdade semelhante quando disse: “Bem-aventurados os mansos porque herdarão a terra” (Mt 5.5). As posses de Deus são compartilhadas com os seus filhos. **Mas os ímpios** (22) não são abençoados dessa forma. Eles **serão arrancados da terra** e **exterminados** (Dt 28.63) da terra dos seus pais. A retribuição por rejeitar os caminhos de Deus é certa e trágica.

F. AS BÊNÇÃOS DA SABEDORIA, 3.1-35

Esta seção continua a destacar as bênçãos da sabedoria do capítulo anterior. No capítulo 2, a estabilidade moral era o fruto principal da sabedoria. Aqui a felicidade e a segurança são as recompensas principais e positivas. O capítulo consiste de três discursos distintos, cada um começando com a expressão “Filho meu”. O primeiro (1-10) é um chamado à dedicação completa. O segundo (11-20) fala da felicidade de se confiar em Deus. A divisão final (21-35) destaca a segurança na caminhada com Deus.

1. *O Chamado à Dedicação Completa* (3.1-10)

O desafio principal do mestre nesta seção relaciona-se à dedicação para com a vontade de Deus. Ele defende de forma gentil mas sincera e séria a obediência às orientações divinas para a vida. **Filho meu, não te esqueças da minha lei** (1). Fritsch diz: “Uma das palavras de ouro da religião é ‘lembrar’. Não há vida espiritual ou crescimento à parte da grande herança espiritual do passado. Nenhuma religião reconheceu essa verdade de maneira mais clara do que o judaísmo, com a forte ênfase no ensino aos seus jovens com respeito aos grandes fatos e verdades da sua história sagrada (Êx 12.26-27; Dt 6)”.¹⁴ A fé sólida é fundamentada em ensino sadio enraizado numa rica tradição religiosa. Na igreja de hoje, a evangelização e a educação cristã precisam andar de mãos dadas.

E o teu coração guarde os meus mandamentos. Em outras palavras, comprometa-se com Deus. Maclaren diz: “A mãe de todas as graças da conduta é a submissão da vontade à autoridade divina. A vontade faz o homem, e quando ela deixa de se elevar em rebeldia auto-sacrificadora e autodeterminada, e se dissolve em águas correntes de submissão, essas vão fluir pela vida e torná-la pura”.¹⁵ Uma das recompensas de uma vida comprometida é que há acréscimo de **anos de vida** (2). Aqui temos um conceito recorrente nas Escrituras (cf. Gn 25.8; Êx 20.12; Dt 5.16; 22.7; Pv 2.21; 4.10). Paulo escreveu: “A piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente e da que há de vir” (1 Tm 4.8).

Outra recompensa da vida temente a Deus é a **paz**. Aqui a palavra hebraica é *shalom*, que significa completude, harmonia completa. O relacionamento correto com Deus e a consideração apropriada pelo próximo tornam a vida verdadeiramente completa e digna de ser vivida.

Acerca das palavras **Não te desamparem a benignidade e a fidelidade** (3), Jones e Walls dizem: “*Misericórdia* (hb. *Hesedh*; [aqui ‘misericórdia’]) é uma palavra difícil de entender à parte da idéia de *aliança*. Significa amor da *aliança*, e só podemos entender a amplitude disso com base no Grande Mandamento e no que é semelhante a ele (Dt 6.5 e Lv 19.18). *Verdade* (hb. *’emeth* [aqui ‘fidelidade’]) significa ‘firmeza’ e daí ‘confiabilidade’, ‘estabilidade’, ‘fidelidade’ e ocasionalmente o que a fidelidade exige — realidade e verdade”.¹⁶ Os termos **benignidade** e **fidelidade** com frequência estão associados no Antigo Testamento. Eles refletem a fidelidade de Deus às suas promessas. Quando aplicados ao homem, descrevem a integridade no seu sentido mais amplo.

O judaísmo entendeu literalmente as expressões **ata-as** e **escreve-as**. Os filactérios que continham partes das Escrituras eram carregados e usados no braço e na testa (Êx 13.9; Dt 6.8-9; 11.18). No seu sentido mais profundo, **benignidade** (misericórdia) e **fidelidade** (verdade) são princípios em que devemos refletir e segundo os quais devemos viver.

Nos versículos 5 e 6 temos palavras seletas que refletem o teor de todo o livro de Provérbios. **Confia no SENHOR [...] e não te estribes no teu próprio entendimento** (5). A sabedoria humana é inadequada, mas a sabedoria divina é orientação suficiente para a vida. A certeza é que Deus vai “endireitar” (6) a nossa vida e nos capacitar a alcançarmos o nosso destino. Moffatt diz: “Ele vai limpar o caminho para você”. É uma referência à remoção de obstáculos na construção de uma estrada (Is 40.3; 45.13).

O autor diz: **Não sejas sábio a teus próprios olhos** (7), ou: “Nunca se orgulhe da sua própria sabedoria” (Moffatt). Temos aqui essencialmente a repetição do apelo dos versículos 5-6 para que a pessoa coloque a sua confiança no Senhor. Somos encorajados aqui a não pensarmos demais de nós mesmos, mas reverenciarmos a Deus. Esta reverência vai resultar em “cura para o seu corpo e alimento para os seus ossos” (8, Berkeley). O **umbigo** e os **ossos** são usados como símbolos de todo o corpo. O conhecimento de Deus que conduz ao bem-estar espiritual tem os seus efeitos sobre os aspectos psicológicos e físicos da personalidade humana.

Nos versículos 9-10, temos um apelo a favor do uso apropriado das posses materiais. No final das contas, o homem é um mordomo, e tudo que ele tem pertence a Deus (Sl 50). Quando ele honra a Deus com parte do seu progresso, ele vai ser abençoado materialmente — **e se encherão os teus celeiros** (10). Temos aqui um princípio de mordomia e não uma garantia de riquezas materiais. Podemos confiar a Deus as nossas dídivas e que ele garante a provisão das nossas necessidades materiais (Mt 6.33). O mordomo cristão nunca precisa temer que vai ser o perdedor ao dar a Deus (Ml 3.8-10). Ninguém perde porque crê ou porque obedece. O homem de Deus não é um servo relutante, mas um mordomo feliz e responsável.

2. A Felicidade da Confiança em Deus (3.11-20)

O problema do sofrimento humano, que é o tema do livro de Jó, é introduzido aqui nos versículos 11 e 12. No início, essa ênfase parece um desvio do tratado acerca das bênçãos do temor a Deus. Há muitas pessoas boas que não são abençoadas com riqueza ou corpos saudáveis, e nem todos os maus são pobres ou miseráveis. No versículo 12, o mestre apresenta uma solução para esse problema desconcertante. Ele diz que a **correção** (11; “disciplina”, ARA) e a **repreensão** indicam a preocupação contínua de um Pai que ama e quer o bem-estar do seu filho (cf. Hb 12.5-11). Na adversidade ou na prosperidade, os filhos de Deus nunca estão separados do seu amor (Rm 8.38-39). Entendamos ou não completamente nossa disciplina ou repreensão, podemos saber que Deus nos ama e que nossa vida está nas suas mãos.

A adversidade não destrói a alegria duradoura do homem de Deus. O caminho da sabedoria, embora dispendioso, é recompensador. O termo **Bem-aventurado** (13) é o mesmo que é usado nas Bem-aventuranças do Sermão do Monte. É encontrado com frequência nos salmos (1.1; 112.1; 119.1) e em Provérbios (8.34; 16.20; 20.7; 28.14). Enquanto todos em volta estão ocupados na busca de riquezas terrenas, o homem de sabedoria descobriu tesouros superiores ao **ouro** e à **prata** (14). Os seus tesouros são mais preciosos **do que os rubins** (15) — pérolas, ou corais vermelhos (Jó 28.18; Lm 4.7). Tesouros terrenos não podem prover **Aumento de dias** (16) ou **paz** de espírito e mental (17). A sabedoria é **árvore da vida** (18), que simboliza o poder gerador de vida que vem de Deus.¹⁷

Nos versículos 19-20, vemos a criação como uma expressão da **sabedoria** de Deus — a mesma sabedoria que ele compartilha com os seus filhos. Edgar Jones diz: “Assim como a Sabedoria muda a vida humana do caos para a ordem assim a Sabedoria funcionou no início”.¹⁸ Com tudo isso, o homem de Deus só pode ser abençoado!

3. *A Segurança na Caminhada com Deus* (3.21-35)

A parte final desse capítulo começa no versículo 21. O mestre diz ao seu pupilo que a **sabedoria** é duplamente recompensadora. Ela trará **vida para a tua alma e graça, para o teu pescoço** (22). Essa sabedoria fornece recursos ao homem interior e torna graciosa a sua aparência exterior. O mestre deixa claro que ter sabedoria significa caminhar com Deus (23). Esta caminhada traz um sentido de segurança e liberta a pessoa de temores atormentadores (24). A confiança em Deus dá à pessoa uma **esperança** (26) recompensadora.

O homem que deposita a sua confiança em Deus (3.1-10) e caminha alegremente com ele (3.11-20) vai expressar a sua fé nos seus relacionamentos sociais. Nenhum homem consegue ter profunda comunhão com Deus sem ter um bom relacionamento com as pessoas à sua volta. Nos versículos 27-30 há quatro proibições que tratam da responsabilidade que o homem tem para com os outros. Em primeiro lugar, o homem temente a Deus precisa ser generoso e justo — **Não detenhas [...] o bem** (27) — para com aqueles a quem se deve ou a quem um favor deve ser feito. Ele não deve se demorar, mas deve dar prontamente (28) salários devidos ou a ajuda necessária (cf. Tg 2.16). Não deve maquinar **o mal contra o [...] próximo** (29). E, por último, não deve ser briguento (30).

Nos versículos 31-35 temos uma série de contrastes entre os destinos do homem de sabedoria e do homem marcado pela impiedade. O homem mau não deve ser invejado por causa do seu sucesso aparente. Ele é **abominação para o SENHOR** (32), mas o **segredo** de Deus (“conselho íntimo”, Berkeley; ou “confidência”, Smith-Goodspeed) está **com os sinceros** (32). Somente o homem de sabedoria é honrado por Deus (33-35).

G. A PRIMAZIA DA SABEDORIA, 4.1-27

Neste trecho temos um retrato seletivo da primazia da sabedoria. O capítulo contém três discursos distintos. No primeiro (1-9), um pai tenta transmitir o seu amor pela sabedoria ao seu filho; no segundo (10-19), a escolha entre os caminhos contrastantes da vida é destacada; e na seção final (20-27), encontramos um apelo à pureza de coração e de vida.

1. *O Amor do Pai pela Sabedoria* (4.1-9)

Ouvi, filhos, a correção do pai (1). O mestre aqui ou assume o papel de um pai ou, como pai, lembra a sua própria herança religiosa tão valiosa. Esta última posição parece mais provável em vista das declarações autobiográficas dos versículos 3-4. Certamente o antigo povo de Israel cria que a religião deveria ser ensinada e transmitida na prática. Preceitos e prática eram ambos muito importantes na propagação da fé. Em concordância com essa herança, o cristianismo é evidentemente uma religião de instruções.

O mestre fala de forma carinhosa acerca do seu próprio lar hebreu. Quando ele era **tenro** (3; jovem na idade biológica), ambos, pai e mãe, compartilhavam a educação dos

filhos. A devoção aos mais elevados valores na vida é transmitida por meio do impacto pessoal de pais devotos sobre a vida dos seus filhos, e de mestres sobre as vidas dos seus pupilos. Edgar Jones nos lembra que “o relacionamento entre o mestre e o aprendiz é pessoal, e não superficial. Nesse relacionamento de confiança mútua a verdadeira educação se torna possível”.¹⁹

Adquire a sabedoria, adquiere a inteligência (5). A repetição do verbo “adquirir” é significativa. Não é suficiente ser ensinado, por mais importante que isso seja. A pessoa precisa adquirir a sabedoria por iniciativa própria. Kidner pensa que a expressão do mestre aqui “é uma forma direta de dizer: ‘O que é necessário não é intelecto nem oportunidades, mas decisão. Você quer isso? Então venha e pegue’”.²⁰ As parábolas neotestamentárias do tesouro escondido e da pérola de grande valor (Mt 13.44-46) ilustram bem essa verdade que o pai estava tentando comunicar.

A primazia da sabedoria é sublinhada novamente nos versículos 6-9. O filho deve “amar” a sabedoria assim como amaria a sua noiva (6). Este amor traz grandes recompensas (cf. Sl 45.13; Pv 1.9; Is 61.10). Paulo disse: “Mas é grande ganho a piedade com contentamento” (1 Tm 6.6). O conhecimento vale mais do que todo o custo para obtê-lo.

2. A Escolha entre dois Caminhos (4.10-19)

O mestre coloca em forte contraste nos versículos 10-19 os dois caminhos da vida (veja comentário de 2.12-15). O **caminho da sabedoria** (11) é retratado nos versículos 10-13. Este caminho é a melhor rota para a peregrinação da vida. Este caminho — **não se embaraçarão os teus passos** (12) — está livre de pedras de tropeço (cf. Jd 24a). As admoestações do versículo 13 desafiam o homem de Deus à fidelidade imediata. O caminho dos maus é retratado de forma bem diferente nos versículos 14-17. Os ímpios são zelosos nas suas más ações (Ef 4.19). A sua comida e bebida são adquiridas de forma injusta (17).

Os dois caminhos são resumidos nos versículos 18-19. **Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora** (18) que cresce em brilho **até ser dia perfeito**, ou “até a completa luz do dia” (Moffatt). Mas **o caminho dos ímpios é como a escuridão** (“escuridão profunda”, Berkeley), e eles **nem conhecem aquilo em que tropeçam** (19). Schloerb diz: “Eles não conseguem diagnosticar a sua triste situação; continuam tropeçando no mesmo obstáculo de novo e de novo”.²¹

3. Um Apelo para a Pureza de Coração e de Vida (4.20-27)

O segredo da vida santa é dado nos versículos 20-27. Ela é, em primeiro lugar, a confiança no Deus que nos capacita a trilhar o caminho da justiça e retidão. **Filho meu, atenta para as minhas palavras** (20) com toda a sua personalidade humana — **ouvido** (20); **olhos** (21,25); **coração** (21,23); **corpo** (22); **boca** [...] **lábios** (24); mãos e pés (27). Em segundo lugar, o **coração** precisa ser guardado com toda a diligência, **porque dele procedem as saídas** (“fontes”, ARA) **da vida** (23); “dela fluem as fontes da vida” (AT Amplificado). Horton diz: “Toda conduta é resultado de fontes escondidas. Todas as palavras são a expressão de pensamentos. A coisa primeira e mais importante é que as fontes escondidas dos pensamentos e sentimentos sejam mantidas puras. A origem de todos os nossos problemas é a amargura do coração, o sentimento de inveja, a erupção repentina de desejos pervertidos. Uma salvação meramente exterior não tem valor algum; uma mudança de local, uma fórmula mágica, um perdão convencionado, não po-

dem tocar a raiz do mal. ‘Eu gostaria que o senhor mudasse o meu coração’, disse Sekomi, chefe de uma tribo na África, a Livingstone. ‘Dê-me remédio para mudá-lo, porque é orgulhoso, orgulhoso e zangado, sempre zangado’. Ele não queria ouvir falar da forma neotestamentária de mudança de coração; ele queria uma forma exterior, mecânica — e seria impossível encontrar essa forma”.²²

No apelo que o mestre faz pela pureza, apelo profundo e recorrente na revelação do Antigo Testamento, encontramos o conceito que Jesus destacou de forma ainda mais intensa no Novo. Ele falou da necessidade da pureza da alma quando mostrou que o coração do homem é a fonte de todos os pensamentos e atos maus (Mt 15.18-19; Mc 7.20-23). Ele anunciou a pureza de coração como uma das bem-aventuranças da nova aliança (Mt 5.8).

H. INSTRUÇÕES PARA O CASAMENTO, 5.1-23

No capítulo 5 temos a aplicação da sabedoria ao relacionamento entre homem e mulher. Depois de um apelo inicial a favor da atenção concentrada no ensino (1-2), há uma advertência muito forte contra o fascínio do pecado (3-6). Em seguida vem uma admoestação severa para se evitar a infidelidade (7-14). A última parte contém um apelo insistente a favor da fidelidade no casamento (15-23).

1. *Evite o Fascínio do Pecado* (5.1-6)

O mestre pede atenção às suas palavras: **à minha razão inclina o teu ouvido** (1). O ouvir precede o crer. Uma pessoa precisa conhecer as opções para fazer uma escolha responsável (Rm 10.14-17). Ela precisa aceitar a Deus pessoalmente e caminhar de forma prudente. Para que haja a conduta apropriada, precisa haver juízo sadio e discernimento espiritual. É necessário até que a pessoa vigie a sua fala por meio do **conhecimento** (2). Greenstone está correto quando comenta: “Seja conduzido na sua fala pelo conhecimento e não pelo impulso do momento”.²³

A razão desse apelo tão forte é destacada no versículo 3. O homem ou é servo de Deus ou é escravo do pecado; ou escolhe as correntes da disciplina divina ou as cadeias do mal. **Porque** (3) existe a **mulher estranha**, a adúltera, que vai oferecer as suas tentações.

Ela representa as sedução do pecado — da obstinação em contraste com a vontade de Deus. Ela é a mulher de outro homem (veja comentário de 2.16-19). Os seus **lábios** [...] **destilam favos de mel** (“destilam palavras melosas”, Berkeley), **e o seu paladar é mais macio do que azeite**. Ou seja, é lisonjeira e sedutora. Um exemplo disso é dado em 7.13-21.

No entanto, o resultado do envolvimento com a adúltera é exatamente o oposto das promessas que ela faz àquele que é objeto das suas maquinações. **O seu fim é amargoso como o absinto** (4). A palavra **fim** (hb. *’aharith*) é usado com frequência para expressar a idéia do juízo final (cf. 5.11; 14.12-13; 16.25; 19.20; 20.21; 23.18; 24.14; 25.8; 29.21). Em vez da doçura do mel e da maciez do azeite vem a amargura. **Absinto** (4) é uma planta amarga que é usada com frequência na Bíblia para descrever os resultados trágicos do pecado (Dt 29.18; Jr 9.15; Lm 3.19; Am 5.7; 6.12). **A espada de dois fios** sugere a natureza devoradora do pecado (Jr 46.10; Na 2.13). No versículo 5, as palavras **morte** e **inferno** (hb. *sheol*) são virtualmente sinônimas. *Sheol* significa o lugar dos espíritos dos que partiram. Aqui se fala da morte como um resultado do caminho do pecado.²⁴

A mulher devassa é descrita com mais detalhes no versículo 6. Algumas versões trazem o tratamento na segunda pessoa do singular (“Para que não ponderes...”, ECF), em vez de **Ela**. O texto hebraico não está claro nesse ponto. Mais provavelmente deve ser traduzido por “ela”, como está aqui na ARC. A versão *Berkeley* traz: “O caminho da vida ela não considera”. Os seus caminhos são **variáveis**, ou “inconstantes e escorregadios” (Moffatt). Assim a palavra de Deus destaca a destrutibilidade do pecado. Rylaarsdam diz: “Os sábios e profetas fizeram algo profundo quando escolheram a prostituição como metáfora da idolatria; ambas expressam infidelidade porque ambas são motivadas por irresponsabilidade e egocentrismo. E é bem por isso que ambas são autodestrutivas, ‘porque aquele que quiser salvar a sua vida perdê-la-á’ (Mt 16.25)”.²⁵

2. O Alto Custo da Infidelidade (5.7-14)

Nestes versículos o poder destrutivo da imoralidade é esboçado graficamente. Em primeiro lugar, o autor adverte novamente que a adúltera deve ser evitada. **Afasta dela o teu caminho** (8) — “Fique longe dela” (Moffatt). No linguajar de hoje diríamos: “Não brinque com fogo, a não ser que você queira se queimar”. O autor nos diz que o auto-indulgente chega ao final dos seus dias com o coração cheio de remorso e com as energias físicas totalmente dissipadas (9-11). Ele reconhece tarde demais o erro das suas escolhas. Ele diz: **Como aborreci a correção!** (12), que literalmente significa: “Como pude ser tão tolo de me recusar a seguir a orientação?”.

O homem dissoluto é tolo não somente diante de Deus, mas também à vista dos outros homens. **Quase que em todo o mal me achei no meio da congregação** (14) significa: “Quase fui sentenciado à morte pela congregação” (Moffatt), ou: “Eu estava à beira da ruína total” (RSV). As palavras do versículo 14 podem significar que esse homem adúltero quase foi levado à condenação pública, e isso poderia ter significado um castigo severo e a morte (Lv 20.10; Dt 22.22; Ez 16.40). As palavras também podem significar desgraça pública mesmo que ele fosse membro da congregação de Israel (“quase caí na desgraça diante de todos”, NTLH).

3. O Apelo a Favor da Fidelidade (5.15-23)

Após a reprovação severa da promiscuidade sexual na seção anterior, o autor agora prossegue para um apelo magistral a favor da fidelidade no casamento. Enquanto a relação extraconjugal é contrária à vontade de Deus, a relação sexual no casamento conta com a aprovação divina. Um casamento honroso e feliz, descrito nos versículos 15-20, é considerado uma proteção contra a infidelidade.

Em concordância com o imaginário típico do Antigo Oriente, o autor usa água, cisternas, fontes e poços como metáforas para descrever a mulher de um homem (Ct 4.12,15). As expressões **da tua cisterna e das correntes do teu poço** (15) destacam a fidelidade no casamento. No versículo 15, temos uma reflexão acerca do sétimo mandamento: “Não adulterarás” (Êx 20.14). O conhecimento de Deus e a obediência às suas exigências morais são combinados neste capítulo. Assim, Provérbios faz eco da contribuição de Israel ao mundo — a lei revelada por meio de Moisés e da religião personalizada por intermédio dos profetas.

No versículo 16 é difícil interpretar o texto hebraico. Ou temos uma referência à criação de filhos no contexto sagrado do relacionamento matrimonial ou uma alusão à inutilidade da promiscuidade. Alguns estudiosos preferem o primeiro ponto de vista, e a

estrutura da frase parece apoiá-los. Outros transformam o versículo em pergunta, como é o caso da ARC aqui: **Derramar-se-iam por fora as tuas fontes** [descendentes], **e pelas ruas, os ribeiros de águas** [filhos]? Qualquer dessas interpretações destaca a importância da fidelidade no relacionamento matrimonial.

No versículo 17, o autor fala de um relacionamento monogâmico. No versículo 18 ele dá o seguinte conselho ao homem: **alegra-te com a mulher da tua mocidade**. No versículo 19, ele usa as imagens claras de Cântico dos Cânticos (4.5) para falar do desejo que o homem deve ter por sua esposa. Ele aconselha o homem (19-20) a manter o clima romântico no seu casamento. A expressão “ser atraído” nos versículos 19-20 seria melhor traduzida como “perder-se em”, “embriagar-se com” (cf. ARA).

Nos versículos 21-23, o mestre destaca mais uma vez o destino dos malfeitores. Ele diz que **os caminhos do homem estão perante os olhos do SENHOR** (21). Greenstone comenta: “Os caminhos do homem estão escancarados diante de Deus; até mesmo os atos realizados no mais profundo segredo são percebidos por Deus, e isso deveria ser mais um empecilho para que assim o homem não se entregue a atos indecentes”.²⁶ A verdadeira moralidade é o reflexo da santidade de Deus. O autor deixa claro que é o pecador quem fabrica as **cordas do seu pecado** (22) e a que a sua triste condição se deve ao fato de ele não obedecer às leis de Deus (23).

Alexander Maclaren dá o seguinte título ao versículo 22: “As Cordas do Pecado”. Ele sugere o seguinte esboço: 1) Os nossos maus atos se tornam maus hábitos; 2) Os nossos maus atos nos aprisionam; 3) Os nossos maus atos produzem o seu próprio castigo; e 4) As cordas podem ser desatadas.

I. UMA SÉRIE DE ADVERTÊNCIAS, 6.1-19

O livro de Provérbios está repleto de sinais de advertência, luzes vermelhas piscando para nos alertar do perigo e do desastre à frente. Nesta seção temos quatro dessas luzes vermelhas piscando. Essas advertências nos lembram mais uma vez da relevância da mensagem de Provérbios. Numa época de revolta moral e de relativismo ético, é bom ler com frequência as palavras diretas e francas dos sábios de Israel “que falavam francamente dos males dos seus dias e indicavam aos jovens o caminho da sabedoria que é o caminho de Deus”.²⁷

1. Não Seja Fiador (6.1-5)

A advertência do sábio aqui não deve ser compreendida como uma proibição direta e total contra todo tipo de fiança — o assumir da dívida ou obrigação de outro. No antigo Israel, a caridade para com o compatriota na comunidade hebraica era incentivada com frequência, e a usura (o juro abusivo sobre empréstimos) era condenado (Êx 22.25-26; Lv 25.36-37; Dt 23.19-20; Sl 15.5; Ez 18.8,13,17). Havia também algumas obrigações relacionadas às dívidas de parentes (Rt 4.1-6).

Neste trecho de Provérbios, no entanto, o autor está tratando de forma prática com a decisão impulsiva de assumir a dívida de outras pessoas — do **companheiro** ou do **estranho** (1). Advertências semelhantes contra este tipo de fiança aparecem em Provérbios (11.15; 17.18; 22.26-27). O conselho não é contra a generosidade bem pensada e

planejada. Kidner expressa isso muito bem quando diz: “Isso não elimina a generosidade; está mais próximo de eliminar as apostas e o jogo”.²⁸ Assumir repentina e impensadamente as dívidas de outros vai resultar, como o jogo, em dificuldades para a pessoa impulsiva e sua família.

Se deste a tua mão significa simplesmente: “Se deste garantia ou fizeste acordo”. Neste caso a pessoa está “enredada” (2; “caiu na armadilha”, Moffatt) pelas suas palavras. A solução desse problema é fazer de tudo para cancelar imediatamente a garantia dada — **Faze, pois, isto agora** (3). Deve-se importunar o estranho para conseguir a libertação (cf. Lc 18.1-8). O homem deve “livrar-se” (5) das consequências do seu acordo feito no impulso. Ele deve ser livre como a **gazela** que escapou **do caçador** e a ave que se esquivou do **passarinheiro**.

2. Não Seja Preguiçoso (6.6-11)

A segunda advertência trata das virtudes da diligência e do zelo pelo trabalho. As advertências contra a indolência são freqüentes em Provérbios (10.26; 13.4; 19.15; 24.30-34). O mestre acreditava que a preguiça atrapalhava a prosperidade (10.4; 12.11; 20.13; 23.21; 24.33-34; 28.19). Salomão se volta aqui à natureza para apresentar um exemplo de diligência (cf. 1 Rs 4.33). A **formiga** (6), mencionada somente aqui e em 30.25, pode nos ensinar algumas lições sobre o zelo pelo trabalho e a previdência. Ela trabalha diligente e voluntariamente (7) para preparar no **verão** o alimento para o inverno que está adiante (8).

A ocorrência tripla da expressão **um pouco** (10) destaca o fato de que pequenas negligências resultam em grandes deficiências. Hoje, só mais um gole antes de pegar o volante pode resultar em grandes tragédias. O sábio adverte que, como resultado da indolência repetida, a **pobreza** e a **necessidade** sobrevirão ao preguiçoso (11).

3. Não Semeie Discórdia (6.12-15)

A terceira advertência trata das características de um homem perverso. É um **homem de Belial** (12). A palavra **Belial** é usada posteriormente no Novo Testamento como designação de Satanás (2 Co 6.15). Aqui estão incluídos maldade e inutilidade. Enquanto uma série de traduções designa essa pessoa como “inútil” (Berkeley, RSV), Moffatt o chama de mau caráter. Greenstone diz: “Os rabinos entendem que significa uma pessoa sem jugo, que lançou fora todo jugo de responsabilidade moral e religiosa, uma pessoa depravada”.²⁹ Diz o texto acerca da sua fala que **anda em perversidade de boca** (12); literalmente, a fala é “torta” ou “torcida”. A sua piscadela indica insinceridade e malícia; os gestos dos seus pés e mãos são típicos de um homem ímpio.

Esta pessoa perversa **anda semeando contendas** (14), ou literalmente: “deixa a briga correr solta”. Moffatt diz: “Ele está sempre semeando discórdias”. Um homem desse tipo era especialmente problemático numa sociedade primitiva. E ele é a ruína de qualquer sociedade. Horton diz: “Este tipo de homem é o fermento da hipocrisia e da malícia na igreja cristã; ele faz conspiração e causa intrigas. Ele predispõe as pessoas contra o seu pastor e incita o pastor a suspeitar do seu rebanho. Ele se põe a realizar trabalhos religiosos porque é lá que consegue produzir o maior prejuízo. Ele nunca se satisfaz mais do que quando consegue se apresentar como defensor da ortodoxia, porque aí ele parece estar protegido e se sentir aprovado pela bandeira que ele está carregando”.³⁰

4. *Não Cometa estes sete Pecados* (6.16-19)

Nesta quarta advertência o autor deixa claro que o pecado não é somente desastroso para o homem, mas repugnante para Deus. Um Deus santo abomina o mal. A lista de pecados que o jovem deve evitar é expressa por meio de uma expressão idiomática hebraica — **Estas seis coisas [...] e a sétima** (16). Não se deve pensar que o paralelismo poético limite o mal a sete pecados, nem se deve fazer uma distinção significativa entre o sexto e o sétimo pecado. Acerca de expressões semelhantes veja Jó 5.19; Pv 30.18,21,29; Ec 11.2; Am 1.2—2.8. Os pecados detestáveis tão ofensivos a Deus estão alistados nos versículos 17-19.

J. A SABEDORIA E O ADULTÉRIO, 6.20—7.27

Após o interlúdio composto de quatro breves advertências, o autor retorna ao perigo do adultério em forma semelhante à de 2.16-19; 5.3-11; 9.13-18. Depois de um parágrafo introdutório acerca da importância da obediência à autoridade dos pais (20-23), o mestre destaca o perigo do adultério (24-35). O capítulo 7 é uma continuação de 6.20-35. Este novo discurso contém uma advertência adicional contra a loucura de se envolver com uma prostituta. Também destaca a sabedoria como resposta à tentação e como a única orientação segura nas lutas da vida. Toda esta seção (6.20—7.27) é o discurso mais longo em Provérbios tratando do pecado do adultério.

1. *Um Apelo à Obediência* (6.20-23)

Nestes versículos, o autor aponta novamente para o valor da instrução dos pais (veja comentários de 1.8 e 4.1-9). Para uma explanação acerca das expressões **ata-os e pendura-os** (21) veja comentário de 1.8 e 3.2. No versículo 22, temos um belo tributo à fidelidade das orientações divinas que servem para nos abençoar. Estas instruções da lei (*torá*) eram ensinadas ao jovem estudante pelos seus pais (Dt 6.6-7). Há duas afirmações significativas no versículo 23. **O mandamento é uma lâmpada** para lançar luz sobre os caminhos traiçoeiros da vida (Sl 19.8; 119.105). Como fonte do ensino dos pais, a lei é **uma luz**; por isso, “o homem que rejeitar esses mandamentos, é como se a sua lamparina fosse apagada”.³¹

2. *O Perigo do Adultério* (6.24-35)

Respeitar as instruções dos pais é uma atitude que vai guardar (24), ou “proteger” (RSV), o jovem das armadilhas da mulher sedutora. A expressão **má mulher** (“mulher estranha” em outras ocorrências em Provérbios) “sempre significa uma que não é a mulher do homem em questão; às vezes pode ser também uma *prostituta estrangeira*, uma que é *estranha* também para o Deus de Israel”.³² É significativo que a palavra hebraica usada aqui e traduzida por **não cobices** (25) seja a mesma do décimo mandamento (Êx 20.17; Dt 5.21). O mestre adverte que a adúltera está especialmente **à caça de preciosa vida** (26), isto é, da pessoa jovem, inexperiente.

Com duas perguntas retóricas nos versículos 27-28, o autor tenta mostrar o risco mortal do adultério. A resposta às perguntas sobre **fogo** (27) e **brasas** (28) é um enfático “Não”. O adúltero está abraçando o fogo, e o resultado danoso de um ato desses é inescapável. Ele não **ficará inocente** (29); literalmente: “Ele será castigado”.

O mestre sublinha sua lição nos versículos 30-35 por meio do artifício da comparação. O ladrão pode estar motivado por circunstâncias atenuantes, como a fome física. Ele pode fazer restituição pelo seu roubo, nem que isso exija todas as suas posses. **Sete vezes tanto** (31) não significa necessariamente sete vezes o valor roubado, mas uma restituição completa. Mas o adúltero não pode reparar a situação tão rapidamente. O seu pecado inicia uma corrente de conseqüências desastrosas. Ele corre o risco de destruir-se a si mesmo — **a sua alma** (32). Porque **nenhum resgate [...]** **ainda que multiplique[s] os presentes** (35), irá satisfazer o marido ofendido, que vai insistir na pena de morte (Lv 20.10; Dt 22.22-24). Rylaarsdam diz: “Na psicologia israelita o adúltero é literalmente um assassino e por isso digno do destino de um assassino”.³³

3. *Um Apelo Introdutório* (7.1-5)

Nos primeiros cinco versículos desse capítulo temos um forte apelo ao jovem para que ande no caminho da sabedoria, que é o caminho do Senhor. Os sinônimos de “sabedoria” nos versículos 1-4 deixam isso muito claro: **palavras** (1), **mandamentos** (1,2), **lei** (2) e **prudência** (4). É necessário mais do que um bom conselho para fortalecer a pessoa contra a tentação. É a fé em Deus e a aplicação dessa fé à vida diária que proporcionam a melhor proteção contra o mal. Ao aceitar e trilhar o caminho de Deus é que a pessoa verdadeiramente torna-se sábia e encontra o segredo da vida vitoriosa.

Guarda [...] a minha lei, como a menina dos teus olhos (2). O cuidado que o homem tem pelo caminho do Senhor deveria ser algo tão delicado e sensível quanto o cuidado que tem pela pupila dos seus olhos. **A menina dos teus olhos** é uma expressão proverbial que representa algo muito precioso, que exige cuidado meticuloso (cf. Dt 32.10; Sl 17.8). É com esse cuidado e apreciação que devemos tratar a vontade de Deus. Esta singularidade de propósito é a melhor proteção contra o pecado de qualquer tipo.

Ata-os [...] escreve-os (3) são expressões de profundo significado religioso (veja comentário de 3.3). O que se tem em mente aqui é mais do que a exortação à prática literal de atar os filactérios às partes do corpo da pessoa ou de inscrever trechos da lei nos batentes das portas ou nos portões (Dt 6.8-9). Edgar Jones vê nisso “uma prescrição interior que vai muito além de meros rituais exteriores. Será que não vemos aqui um eco de Jeremias 31 com o seu ensino da Aliança Interior?”³⁴

O apelo do mestre chega a um clímax no versículo 4. A expressão **minha irmã** é uma designação usada para se referir à noiva ou esposa (Ct 4.9; 5.1-2). O homem deve valorizar a sabedoria assim como valoriza a sua noiva. “Dize à sabedoria: ‘Tu és a minha querida’” (Moffatt). **E à prudência chama tua parenta** (“amiga íntima”, RSV). A referência aqui é a um parente (cf. Rt 2.1; 3.2) de cuja proteção a pessoa tinha direito de depender. Assim a ênfase do versículo 4 é simplesmente em que a **sabedoria** e a **prudência**, como um bom casamento e uma boa amizade, são as melhores defesas contra a **mulher alheia** (5).

4. *A Arte Sedutora da Tentadora* (7.6-23)

Nesta passagem, o sábio retrata em detalhes vívidos a história do jovem que era o objeto dos planos maus de uma adúltera. Ele relata as conseqüências trágicas de o homem se entregar à estratégia sedutora dessa mulher devassa.

a) *O objeto de planos destruidores* (7.6-9). O autor apresenta aqui de forma realista e vívida os detalhes da cilada da adúltera. Ele menciona a visão que se tem por meio da **grade** (6; “treliça”, Berkeley) de uma casa oriental e de como dali se pode observar o jovem que é o objeto das más intenções da mulher. Toy diz: “As janelas de casas orientais (como as da Europa alguns séculos atrás) não são fechadas com vidro, mas têm uma estrutura em forma de treliça feita de madeira ou de metal, através da qual a pessoa que fica do lado de dentro pode observar a rua sem ser vista de fora; a janela era o ponto de observação predileto”.³⁵

O objeto de observação da adúltera era um jovem dentre **os simples** (7), ou dentre os “de cabeça vazia e de coração oco” (AT Amplificado). Este jovem era **falto de juízo**. A RSV o chama de “jovem sem bom senso”. Kidner o descreve como alguém “jovem, inexperiente, desmiolado”.³⁶ Faltava a esse jovem a compreensão dos princípios morais, mas ele não era meramente um simplório (veja comentário de 1.4).

Este jovem estava andando errante e sem rumo pela rua. Ele parecia não somente perdido, mas também inconsciente dos perigos de se demorar na **esquina** (8) da casa da tentadora. Assim ele se colocou numa posição que era vantajosa para ela. Ele começou o seu passeio no **crepúsculo** (9), mas logo veio a **noite** e a **escuridão**. Cook comenta: “Há um certo significado simbólico no retrato da escuridão que se torna cada vez mais densa [...] A noite está caindo sobre a vida do homem assim como as sombras estão se aprofundando”.³⁷

b) *A estratégia da sedutora* (7.10-20). A adúltera não estava sem objetivo e rumo como o jovem. Os seus planos estavam bem traçados. Ela era desavergonhada nas suas maquinacões. Embora tivesse marido (19-20), apresentou-se a ele **com enfeites de prostituta** (10; cf. Gn 38.14-15). O homem não precisava temer a lei ao se envolver com essa mulher, pois não havia represália do marido no caso de uma prostituta profissional. O **coração** dessa tentadora é **astuto** (10); ela é dura e obstinada nos seus planos maus. Ela é **alvoroadora e contenciosa** (11; “tumultuosa e teimosa”, AT Amplificado). A sua “rebeldia é obviamente a recusa da lei de Deus e das obrigações da moralidade”.³⁸ Ela era uma transgressora freqüente, pois **não paravam em casa os seus pés** (11). Ela ficava **espreitando** (“prepara a sua armadilha”, Berkeley) **por todos os cantos** (12).

As seduções da adúltera vêm numa sucessão rápida. Ela foi ousada, abraçou o jovem e **esforçou o seu rosto** (13); literalmente: “mostrou um rosto ousado” (cf. Jr 3.3). Toy diz: “Esta expressão [...] não sugere que a mulher assuma uma atitude que não lhe seja natural, mas simplesmente descreve a sua ousadia de meretriz”.³⁹

A adúltera continua a sua sedução ao dizer ao jovem que “a sua geladeira está cheia, como nós diríamos”.⁴⁰ **Sacrifícios pacíficos tenho comigo** (14). A carne dos sacrifícios de animais deveria ser comida no dia do sacrifício ou no dia seguinte. O que não fosse consumido tinha de ser queimado no terceiro dia (Lv 7.16-18). A tentadora diz à jovem vítima que ela ofereceu os seus sacrifícios e que há carne em abundância na sua casa. Eles vão fazer uma festa juntos. Não é estranho que uma pessoa que foi fiel em cumprir com as suas obrigações religiosas em relação aos rituais sacrificais não tenha percebido a contradição entre estas coisas e os seus planos pecaminosos (cf. Is 1.11-15)?

A tentadora agora se volta para a bajulação. Diz ao jovem que era exatamente ele que ela queria para essa ocasião festiva: **saí ao teu encontro [...] e te achei** (15). Ele é

o “homem dos sonhos dela, alto, moreno e vistoso”. Ela desce ao nível do sensual para o apelo seguinte (16-18). Em seguida a sua vítima recebe a garantia de que o marido saiu para uma viagem demorada e não vai voltar antes do **dia marcado** (20); literalmente: “depois de muitos dias”.

c) *O resultado trágico* (7.21-23). A sedução é bem-sucedida. O jovem cede à tentação. Ele segue a tentadora **como boi que vai ao matadouro**, como um criminoso acorrentado vai à sua execução, ou como uma **ave que se apressa para o laço** preparado para ela (22-23). Mas o pecado vai lhe custar **a sua vida** (23). Esta expressão retrata a corrupção moral com a sua culpa e miséria como também sugere as consequências trágicas que podem resultar quando o marido da adúltera descobrir o caso de amor ilícito (veja comentário de 6.30-35).

5. *Uma Exortação Final* (7.24-27)

Com o exemplo da jovem vítima diante dele, o mestre apela em tom solene aos seus pupilos para que se protejam desse tipo de tentações. Em primeiro lugar, eles deviam estar **atentos às palavras** dele (24). A sabedoria é sua única proteção segura. Em segundo lugar, eles deviam guardar o seu coração dos **caminhos** (25) da tentadora (veja comentário de 4.23). Em terceiro lugar, deviam se manter distantes das **suas veredas**. Finalmente, não deviam esquecer que as baixas do pecado são muitas — **são muitíssimos os que por ela foram mortos** — e que o resultado do pecado é a destruição do corpo e da alma (26-27). Fritsch comenta: “Nas descrições que o livro faz da desgraça e do castigo que o pecador sofre há um tom de finalidade e desesperança que faz o cristão estremecer. A lei instrui a alma no caminho certo e adverte contra as calamidades que lhe sobrevirão se os seus preceitos não forem obedecidos”.⁴¹ A adúltera simboliza, portanto, a negação do governo de Deus, e o fato de alguém rejeitar a Deus tem consequências abrangentes e trágicas.

K. A FAMA E A EXCELENÇA DA SABEDORIA, 8.1-36

No capítulo anterior, tivemos um retrato repulsivo da sedução e do pecado. Neste capítulo, temos um retrato magnífico da sabedoria. O contraste se parece com a diferença entre as planícies pantanosas da degradação do pecado e os planaltos da piedade em que o ar é puro e a visão clara. No capítulo 8, o conceito hebraico de sabedoria alcança o zênite da sua expressão no Antigo Testamento. Greenstone se expressa muito bem quando diz deste capítulo: “Esta não é uma série de discursos acerca da beleza da vida em família, nem mesmo em louvor à castidade, mas um apelo ao jovem estudante para que se dedique de forma zelosa e infatigável à busca da sabedoria que oferece as orientações mais seguras para a vida”.⁴²

1. *O Convite da Sabedoria* (8.1-21)

Nesta seção e em todo o capítulo 8 a sabedoria é novamente personificada. Como em 1.20-33, ela é um mestre profético. Aqui ela é também evangelista, um arauto das boas notícias do amor e da preocupação de Deus por todos os homens.

a) *O chamado universal à sabedoria* (8.1-5). Aqui o escritor sagrado proclama as boas notícias. A sabedoria apresenta sua mensagem nos lugares mais públicos e abertos possíveis (2-3). Horton diz corretamente: “A sabedoria, ao contrário do que faz a mulher depravada que espreita no crepúsculo da esquina da rua em que está o seu covil, se levanta nos lugares abertos; ela se torna amplamente manifesta ao ocupar uma posição elevada, da qual a sua voz ressonante pode ser ouvida pelas ruas e encruzilhadas, e pode atrair a atenção dos que estão entrando pelos portões da cidade ou pelas portas das casas. Assim como a sua voz é forte e clara, assim as suas palavras são completas e polidas; não há sussurros, não há resmungos, nenhuma insinuação ambígua, nenhum incitamento sutil a prazeres secretos; o seu tom é o da brisa da manhã; ela é inspiradora como a aurora; há algo nela que nos faz pensar involuntariamente no espaço ao ar livre, no céu aberto e nas grandes obras de Deus”.⁴³

A mensagem premente da sabedoria “é tão relevante para o *shopping center* (2,3) quanto para o próprio céu (22)”.⁴⁴ Além disso, é universal nas suas propostas. As palavras **homens e filhos dos homens** (4) sugerem todo tipo de pessoas, os gentios e os judeus. Não há nada de exclusivo nem provincial no convite da sabedoria. Até os **simples** (5; “negligentes”, Moffatt) e os **loucos**, ou espiritualmente obstinados, podem vir, se quiserem (cf. Mt 7.7-8).

b) *O caráter e o valor da sabedoria* (8.6-16). A mensagem da sabedoria é caracterizada pela verdade e pela justiça (6-9). Não há **nenhuma coisa tortuosa nem perversa** (8; “torcida nem torta”, Berkeley) nas palavras do pregador. Além disso, as suas proclamações **são retas para o que bem as entende e justas, para os que acham o conhecimento** (9). Aqui “afirma-se um princípio fundamental. Os que estiverem dispostos a se comprometer em receber a sabedoria vão ser capazes de compreender melhor a sua natureza”.⁴⁵ Nas palavras de Jesus — “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina, conhecerá se ela é de Deus” (Jo 7.17) — temos um equivalente neotestamentário do que o pregador estava dizendo no versículo 9 (cf. Jo 8.31-32).

O valor da sabedoria é destacado novamente (veja comentário de 3.13-17). É mais valioso do que coisas preciosas como **a prata [...] o ouro fino e os rubins** (10-11). **De tudo que se deseja nada se pode comparar com ela**. Moffatt diz: “Nenhum tesouro é igual a ela” (11). Certamente o amor intenso de Deus e a sua provisão redentora são incomparáveis (cf. Jó 28.15,18; Sl 19.10; 119.127). Aqui a sabedoria destaca a verdade de que mais importante do que riquezas terrenas são os tesouros celestiais (Mt 6.19-21).

A sabedoria descreve virtudes adicionais nos versículos 12-16. Ela é prática e cheia de recursos — **acho a ciência dos conselhos** (12). Ela se identifica com o **temor do SENHOR** (13; veja comentário de 1.7). Ela odeia todo tipo de mal. Harris diz que “a verdadeira piedade não é sempre afirmativa. O ensino de que o pecado é odioso é uma verdade maravilhosa e vital”.⁴⁶ Ela é capaz — **minha é a fortaleza** (14) — de colocar a sabedoria em prática. A verdadeira ciência de governar vem por meio da orientação dela (15-16). Salomão encontrou ajuda nela para o seu reinado (1 Rs 3.5-12).

c) *A recompensa da sabedoria* (8.7-21). Nesta passagem a sabedoria oferece muitas recompensas às pessoas que reagem positivamente ao desafio profético. Todos os que **amam a Deus** — os que o **buscam [...] de madrugada** (17; “diligentemente”, RSV) — o

acharão (cf. Mt 5.6). Inclui-se aí a prosperidade material (18, 21), mas o favor e a amizade de Deus são as bênçãos supremas do caminho da sabedoria (19).

2. A Eternidade e a Criatividade da Sabedoria (8.22-31)

Esta seção tem sido chamada “o trecho mais importante do livro de Provérbios”.⁴⁷ Fritsch vê aqui “um dos retratos mais perfeitos de Cristo a ser encontrado no Antigo Testamento”.⁴⁸ Esta seção magnífica antevê passagens tão significativas quanto João 1.1-14; 1 Coríntios 1.24,30; Colossenses 1.15-18 e Hebreus 1.1-4. Greenstone nega qualquer conexão entre essa personificação sublime da sabedoria e o conceito do Logos.⁴⁹ Entretanto, Deane e Taylor-Taswell dizem: “Não há [...] nada forçado ou incongruente em ver nesse episódio um retrato da Segunda Pessoa da abençoada Trindade, a sabedoria essencial de Deus personificada, o Logos de livros posteriores, e do evangelho”.⁵⁰ Fritsch diz que os Antigos Pais da Igreja “usavam esse texto para formular as suas idéias acerca da Segunda Pessoa da Trindade”.⁵¹ Atanásio e outros líderes enfrentaram uma das grandes crises doutrinárias da Igreja Cristã com a sua Cristologia Nicena, que extraiu os seus fundamentos dessa fonte profunda de revelação do Antigo Testamento da mesma forma em que dependia também dos registros inspirados do Novo Testamento.

a) *A eternidade da sabedoria* (8.22-23). No versículo 22, temos um dos textos mais discutidos do Antigo Testamento. A palavra traduzida por **me possuiu** (hb. *qanah*) é um tanto ambígua e por isso foi traduzida de diversas formas. O seu significado mais comum é “comprar”, “adquirir” ou “possuir”. A palavra é usada dessa forma em pelo menos uma dezena de trechos em Provérbios. O seu significado menos comum é “criar” (cf. Dt 32.6; Sl 139.13). Dessa forma tem sido traduzida como “me formou” (Smith-Goodspeed, Moffatt), “me fez” (Berkeley), ou “me criou” (RSV, LXX, Targum). Os heréticos seguidores de Ário usaram o versículo 22 como base da sua tese de que Cristo foi um ser criado, subordinado a Deus. Ele não era, portanto, nem divino nem eterno. Atanásio, no entanto, traduziu essa frase difícil da seguinte forma: “constituiu-[apontou-]me [Cristo] cabeça da criação”.

Tanto o significado mais comum do termo hebraico *qanah* quanto o sentido mais geral do texto como um todo (22-31) sugerem que a sabedoria existia antes de Deus ter criado o mundo e que estava ativa no processo criativo (cf. 3.19). Kidner observa de forma penetrante: “Bens são possuídos por meio de aquisição, filhos por nascimento [...] a sabedoria — para os mortais — por aprendizado. E a sabedoria em relação a Deus? Dizer que ela lhe faltava e que ele teve de criá-la ou aprendê-la é estranho ao texto e algo absurdo”.⁵²

Maclaren comenta o seguinte acerca dos versículos 22-23: “A Sabedoria personificada de Provérbios é a Palavra pessoal do prólogo de João. O apóstolo chega próximo de citar o texto antigo quando diz ‘ela estava no princípio com Deus’, pois a sua palavra lembra a grande declaração: ‘O SENHOR me possuiu no princípio de seus caminhos [...] Desde a eternidade fui ungida; desde o princípio, antes do começo da terra’. Então há dois princípios, um perdido nas profundezas do ser eterno, outro, no começo da atividade criativa, e a Palavra estava com Deus no princípio mais remoto, assim como no mais recente”.⁵³

b) *A primazia da sabedoria* (8.24-26). Estes três versículos constituem uma bela proclamação poética da eternidade da sabedoria. Antes de qualquer coisa do universo físico vir a ser, a sabedoria já existia (cf. Jo 1.1). O salmista escreveu uma declaração

semelhante de Deus: “Antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade, tu és Deus” (Sl 90.2).

c) *O papel da sabedoria na criação* (8.27-31). Este texto mostra a função da sabedoria na criação do mundo. Ao fazer isso, destaca a unidade da Trindade no empreendimento da criação. O versículo-chave nesta seção é o 30: **então, eu estava com ele**; literalmente, “ao lado dele”. Estas palavras ligam o Deus Redentor e o Deus Criador (cf. Jo 1.1-4).

E era seu aluno é mais uma expressão com diversas interpretações. A dificuldade está nas palavras **era seu aluno** (hb. *amon*), que significa ou “artífice-mor”, “arquiteto” (veja a ARA), ou “criança pequena”, “pupilo”. A sabedoria estava do lado de Deus “como um mestre ou diretor de obra” (AT Amplificado). A sabedoria era o “artífice-mor” (RSV) ou o “construtor-mor” (Berkeley). Uma criança ou pupilo, no entanto, é alguém que está constantemente com seus pais ou tutores. Por isso a sabedoria era “um pupilo dele” (Smith-Goodspeed) ou “seu filho de criação” (Moffatt). Ambas as interpretações de *amon* fazem da sabedoria uma parte do empreendimento criador. A primeira, no entanto, torna a sabedoria ativa na criação. Esta interpretação parece mais satisfatória, visto que se encaixa melhor no contexto total e se harmoniza melhor com a cristologia posterior do Novo Testamento. No versículo 31, descobrimos que o resultado da atividade criadora deu prazer à sabedoria (cf. Sl 16.3).

O tema dos versículos 22-31 é “Cristo-Sabedoria encarnado”. Temos aí: 1) A sua eternidade ou pré-existência, 22-26; 2) A sua bem-aventurança primordial, 30; 3) A sua função ativa na criação, 27-30; e 4) O seu prazer na humanidade, 31.

3. O Apelo Conclusivo da Sabedoria (8.32-36)

Aqui está a conclusão desafiadora do sermão. **E agora** (32) — à luz de tudo que o pregador disse — os pupilos precisam tomar a sua decisão. Não estão tomando decisões acerca de uma questão casual. As conseqüências finais são afirmadas novamente. Grandes bênçãos estão reservadas para aqueles que respeitam as palavras da sabedoria (32, 34-35). Grande tragédia resultará da negligência delas. **Todos os que me aborrecem amam a morte** (36) — a morte espiritual (cf. Dt 11.26-28; 30.19-20).

L. O CONTRASTE ENTRE A SABEDORIA E A LOUCURA, 9.1-18

Este capítulo que conclui a primeira seção de Provérbios apresenta as opções da vida nos dois convites contrastantes da sabedoria (1-6) e da loucura (13-18). Ambas são apresentadas como duas anfitriãs que oferecem as suas respectivas festas a todos. Os seus convites estão separados por um interlúdio interessante (7-12). Alguns estudiosos acreditam que esse interlúdio pertence à seção seguinte de Provérbios e foi colocado aqui por engano. Moffatt coloca esse trecho no final do capítulo. Kidner, no entanto, considera a inclusão dele aqui muito significativa. Ele diz: “A sua posição permite que o capítulo (a seção do livro) culmine com um clímax arrasador (18); o seu conteúdo corrige a impressão segundo a qual os homens são salvos ou se perdem meramente por meio de uma decisão isolada e impulsiva. Vê-se aqui que a escolha amadurece e se transforma em caráter e assim em destino”.⁵⁴

1. *O Convite da Sabedoria* (9.1-6)

Anteriormente vimos a sabedoria personificada como um pregador profético (1.20-33; 8.1-21). Nesta passagem a vemos como uma anfitriã cortês. Ela construiu uma casa com **sete colunas** (1). Esta expressão pode significar simplesmente muitas colunas ou o número de colunas que sustentavam uma casa grande no Oriente. As interpretações alegóricas da expressão são numerosas.⁵⁵ A sabedoria preparou a sua festa com generosidade. Ela até **misturou o seu vinho** (2). A mistura era o acréscimo de especiarias para tornar o vinho mais saboroso. A verdadeira festa desse texto é, sem dúvida, uma festa espiritual com o propósito de ajudar os convidados a tomar a decisão de trilhar o caminho certo em meio às opções da vida (veja comentário de 4.10-19).

O convite para a festa é anunciado a todos — até aos **simples** e aos **faltos de entendimento** (4). Edgar Jones diz: “Os simples são as pessoas não-comprometidas, especialmente jovens que estão sujeitos a tantas influências e pressões, mas ainda não tomaram decisões irrevogáveis”.⁵⁶ Os **faltos de entendimento**, literalmente “de coração”, são os que necessitam de força espiritual. A cena antevê a festa de casamento na parábola de Jesus (Mt 22.2-10). O convite: **Vinde, comei [...] e bebei** (5), nos lembra do chamado evangelístico de Isaías 55.1-5 e de João 6.35. Esta é a hora da decisão. **Deixai os insensatos, e vivei** (6). Renuncie ao caminho da loucura e do pecado e escolha o caminho da vida.

2. *O Interlúdio Interessante* (9.7-12)

Nos versículos 7-9, o autor trata do problema de lidar com aqueles que rejeitam o caminho da sabedoria, isto é, o caminho de Deus. Só porque alguém corre o risco de tomar **afrenta** para si (7; “abuso”, RSV), não está livre da obrigação de repreender o seu próximo por causa das transgressões deste. Este texto reconhece de forma realista as reações dos maus. O **sábio**, no entanto, aprecia a correção (9). Os que temem o Senhor são ensináveis (10).

O conceito da responsabilidade individual é sublinhado no versículo 12. Kidner comenta: “Talvez essa seja a expressão mais forte de individualismo na Bíblia”.⁵⁷ Expressões semelhantes dessa verdade podem ser encontradas em Deuteronômio 24.16; Jeremias 31.30; Ezequiel 18.4. O caráter é o resultado das escolhas pessoais de um homem, e ele precisa assumir responsabilidade completa por seu destino final. Esta verdade é adequadamente colocada entre os dois convites deste capítulo.

3. *O Convite da Mulher Louca* (9.13-18)

Em contraste com o convite para o banquete da vida, temos agora o convite para a festa da loucura. **A mulher louca é alvoroçadora** (13; “barulhenta e sedutora”, Moffatt). Ela **não sabe coisa alguma**, ou “não tem senso de vergonha” (Moffatt) nos seus esforços de seduzir os homens. Ela não tem respeito por valores eternos. O seu convite tem sido comparado ao apelo da serpente no Éden (Gn 3.4). Na expressão **águas roubadas são doces** (17; cf. 20.17; Is 5.20), Rylaarsdam vê “um convite ao adultério (veja 5.15), embora este pecado particular seja simbólico de todo o mal e, de maneira mais direta, do convite satânico que está em todo lugar desafiando o chamado de Deus na sabedoria”.⁵⁸

Os loucos ou pecadores parecem ter prazer na vida (17), mas o resultado do seu caminho é morte (18). Dessa forma, esta seção de Provérbios conclui com um apelo dramático, lembrando-nos de que a única escolha satisfatória e completamente adequada é escolher o caminho de Deus. A alternativa é frustrante no final — sempre o caminho da morte.

SEÇÃO II

OS PROVÉRBIOS DE SALOMÃO

Provérbios 10.1—22.16

Chegamos agora à seção principal de Provérbios. Não encontramos aqui longos discursos como os dos primeiros nove capítulos. Esta seção consiste em 375 parelhas aforísticas de versos de duas linhas. São breves, completas em si mesmas e independentes uma da outra. Elas quase que resistem a qualquer ordenação ou classificação lógica. Constituem um mosaico praticamente sem padrão definido. Em vista disso, a exposição se torna difícil. Aqui e acolá algumas parelhas parecem relacionadas. Em 10.1—15.33, as parelhas são predominantemente antitéticas, ou provérbios de contraste. Em 16.1—22.16, as parelhas são em grande parte paralelas. Fritsch ressalta o fato de que somente 33 de 191 dessas parelhas são expressas em linhas contrastantes.¹ Na maioria das parelhas desta última seção, encontramos o paralelismo sinônimo, em que a segunda linha simplesmente repete em palavras diferentes a primeira.

Os cabeçalhos temáticos no comentário desta seção central de Provérbios buscam prover uma estrutura geral e tem o propósito de destacar o tema predominante que aparece num grupo de provérbios ou num capítulo. O texto bíblico, entretanto, é tal que a ordenação temática sugerida não é nem completamente definitiva nem inteiramente adequada. Não obstante os problemas de ordenação, o propósito geral desta seção central de Provérbios está claro. A sabedoria está desafiando os não-comprometidos a escolher o caminho do Senhor. Harris diz de forma apropriada: “Mais uma vez precisamos insistir em que esse não é um simples almanaque de dizeres incisivos e que refletem o senso comum acerca dos problemas da vida; essa é uma coletânea divina de dizeres retratando e destacando o caminho da santidade”.²

A. PROVÉRBIOS DE CONTRASTE, 10.1—15.33

1. *Os Justos e os Ímpios* (10.1-22)

No versículo 1, temos a segunda de três ocasiões em que a autoria salomônica é indicada (cf. 1.1; 25.1). Nesta coletânea, Salomão começa com um provérbio acerca da casa, tão significativa no ensino do caminho de Deus (cf. 13.1). Greenstone diz que os termos **sábio** e **louco** no versículo 1, como no restante de Provérbios, “não devem ser compreendidos no sentido intelectual mas no sentido moral. O sábio é o que segue a vereda da sabedoria que é a vereda da conduta correta, enquanto o louco é o ímpio, perverso e imoral”.³ Em 9.12, temos o destaque para a responsabilidade individual. No versículo 1, temos o princípio das obrigações sociais. A santidade de coração e de vida é sempre pessoal e social.

Os tesouros da impiedade (2; “ganhos ilícitos”, Moffatt) não têm valor algum na hora do julgamento. Esta expressão antevê as palavras de Jesus: “Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou que dará o homem em recompensa da sua alma?” (Mt 16.26). A justiça, no entanto, é a melhor segurança do homem e lhe será de grande vantagem no dia do julgamento.

As palavras **justiça** (2) e **justo** (3), tão proeminentes neste capítulo, são palavras-chave em Provérbios. Descrevem o contrário de “impiedade” e “ímpio”. O homem **justo** não passará fome (3; cf. Sl 37.25). O seu labor é acompanhado da bênção de Deus (4-5,16; veja comentário de 6.6-11). Ele é abençoado e o seu bom nome e influência permanecem (6-7). Ele continua a aprender (8) e não tem nada a esconder (9). **A boca do justo é manancial** (“fonte”, Berkeley) **de vida** (11). “A conversa de homens bons é uma fonte da qual jorra vida” (Moffatt). O próprio Deus é a fonte dessa vida (Sl 36.9; Jr 2.13). Jesus usou linguagem semelhante para descrever o dom do Espírito (Jo 4.14; 7.38-39). O homem justo é orientado pela **sabedoria** (13) e a sua fala é disciplinada (14). Ele continua apto a ser ensinado (17). A sua fala é digna de ser ouvida (20). As suas palavras são bênção para os outros (21). A sua fortuna consiste nas riquezas superiores que somente Deus pode dar (22). Em todo este retrato, o caminho da sabedoria é apresentado por meio da antítese dos provérbios.

2. *Resultados da Vida Correta e da Vida Errada* (10.23-32)

Os ímpios encontram prazer no mal, mas o homem justo encontra o seu prazer em fazer a vontade de Deus (23). O ímpio teme as conseqüências dos seus atos, mas o justo deseja somente o que é a vontade de Deus para ele, e o que está reservado para ele (24). **Como a tempestade, assim passa o ímpio** (25), mas o **justo** tem um **fundamento** que dura para sempre (cf. 1.27; Mt 7.24-27). No versículo 26, o sábio diz que o **preguiçoso** é tão irritante quanto o **vinagre** e a **fumaça**.

No versículo 27 o **temor do SENHOR aumenta os dias**, mas **os anos dos ímpios serão abreviados** (cf. 2.18; 3.2). A alegre **esperança dos justos** (28) e o desespero dos **ímpios** são comparados. O justo encontra força (ou **fortaleza**, como está aqui na ARA) em Deus, mas o mesmo poder traz **ruína** para os ímpios (29). **O justo nunca será abalado** nem removido da terra (veja comentário de 2.21-22), **mas os ímpios** não serão abençoados (30). O caráter do justo e do ímpio é revelado por suas palavras (31). O justo sabe **o que agrada** a Deus e edifica o seu próximo, **mas a boca dos ímpios anda**

cheia de perversidades (32), ou “do que é intencionalmente obstinado e contrário” (AT Amplificado). Clarke diz: “Assim como o amor de Deus não está no coração desse homem, assim a lei da bondade não está nos seus lábios”.⁴

3. O Justo e o Ímpio (11.1-11)

A primeira parêntese deste capítulo associa a honestidade à vontade do SENHOR. “Um falso equilíbrio é repugnante para o Eterno” (1, Moffatt). A lei proibia o uso de pesos e medidas falsos (Lv 19.35-36; Dt 25.13-15). Os profetas advertiram contra a desonestidade nos negócios (Ez 45.10; Am 8.5; Mq 6.11). Assim, os sábios de Israel refletiam os ensinamentos da lei e dos profetas (cf. 11.1; 16.11; 20.10,23). Um **peso justo** é literalmente “uma pedra cheia ou completa”. Era fácil desgastar ou tirar uma lasca da pedra que era usada naqueles dias como peso-padrão, e assim a balança forneceria ao comprador uma quantidade menor. A **soberba** (ou arrogância) é contrastada com a humildade (2). Os **humildes** (hb. *tseñim*) significa “despretensioso”, “modesto”. Ocorre somente aqui e em Miquéias 6.8.

Nos versículos 3-9 a justiça é contrastada com a impiedade, e os efeitos de cada caminho de vida são destacados. A “integridade” (ARA; aqui na ARC: **sinceridade**) **encaminhará** (3) os justos. Esta “integridade” é a perfeição ou completude moral. O verbo “encaminhar” (“guiar”, ARA) “é usado em referência a um pastor guiando as suas ovelhas através de uma região perigosa”.⁵ Embora a riqueza material não seja má em si mesma, ela não será suficiente **no dia da ira**, ou no dia do juízo (cf. Sf 1.15-18), ou até na hora da **morte** (4). O **homem ímpio** está espiritualmente falido (7). O **justo** pode até ser exposto à **angústia** (8) mas ele é vindicado. Os ímpios se metem em problemas dos quais os justos escapam. **Pelo conhecimento** do Senhor **os justos são libertados** (9). Nos versículos 10-11, temos o impacto **dos justos** sobre a sociedade. Se o mundo aprecia ou não a justiça, ela é uma bênção para a sociedade (cf. Mt 5.13-14). Em contraste, **os ímpios** são nocivos na sua influência sobre os outros.

4. O Fidedigno e o Mexeriqueiro (11.12-23)

O homem que é **falso de sabedoria** (12; “de bom senso”, Berkeley) **despreza** (“deprecia”, RSV) **o seu próximo**. Kidner diz: “A forma mais enganosa de uma pessoa se sentir sábia é sentir-se superior (14.21 expande isso: é pecado), porque está negando que Deus é o único juiz competente para julgar o valor humano”.⁶ O homem que fala de forma desdenhosa de outros é mexeriqueiro (**anda praguejando**, 13); literalmente “caluniador” (hb. *rakil*).⁷ Em contraste com ele há o **fiel de espírito** — uma pessoa “constante ou confiável”.

No versículo 14, a sabedoria está relacionada à forma sábia de governo e liderança. **Não havendo sábia direção**, o povo sofre. A palavra **direção** é usada para a pilotagem de um navio. Assim o “navio” de um estado precisa de boa liderança (Berkeley) para que seja direcionado de forma adequada. No versículo 15, temos mais uma advertência contra a **fiança** (veja comentário de 6.1-5). No versículo 16, as nobres características da **mulher aprazível** — literalmente “mulher de graça” — são comparadas às maquinacões dos homens maus que querem ficar ricos rapidamente. Moffatt capta o significado desses versículos quando diz: “A mulher fascinante ganha o respeito; o homem arrogante ganha somente riquezas”.

Nos versículos 17-21, temos mais dísticos (parelhas de versos) que descrevem as conseqüências do bem e do mal. “Juntar mão à mão” (**Ainda que o mau junte mão à mão**, 21) é uma expressão de difícil tradução. A palavra hebraica significa literalmente “mão em mão”, provavelmente uma referência ao costume de apertar as mãos em relação a uma promessa (Jó 17.3). “Façam de tudo” (RSV) para que nenhum ímpio fique sem retribuição. No versículo 22, o sábio diz que a beleza sem caráter não tem valor algum. **A mulher [...] que se aparta da razão** (“do bom gosto”, Berkeley) é uma mulher sem discernimento moral. No versículo 23, o resultado da vida do homem está relacionado ao seu **desejo**, ou aquilo que motiva a sua vida e caráter.

5. *As Recompensas e os Castigos* (11.24-31)

Nos versículos 24-29, o homem generoso e o avarento são comparados. **A alma generosa engordará** (25; “enriquecerá”, Berkeley). Jesus disse: “Dai, e ser-vos-á dado” (Lc 6.38). A pessoa avarenta **retém o trigo** (26) quando **o povo** precisa dele. Hoje aplicaríamos esta idéia ao homem envolvido no mercado negro. Uma pessoa consegue aquilo **que busca** na vida, seja bem ou mal (27). O erro do avarento, no entanto, não é ter **riquezas**, mas confiar nelas (28). O avarento cria perturbação na sua própria casa e pode ser reduzido à escravidão (29).

A expressão **árvore de vida** (30) significa que o homem justo não somente escolhe o caminho da vida, mas também exerce uma influência geradora de vida sobre outros. **O que ganha almas** é literalmente “um que toma ou adquire almas”. O significado é o de “capturar” outros com idéias ou influência. Jesus disse aos discípulos para que fossem pescadores de homens (Lc 5.10). Jones e Walls dizem: “O significado certamente é que o sábio ganhe a vida de outras pessoas por meio do seu exemplo, da mesma forma que a sua justiça seja uma *árvore de vida* para outros como também para si mesmo”.⁸ Nem o **justo** nem o **ímpio** devem pecar sem ser punidos (31; cf. Jr 25.29; Ez 18.24; 1 Pe 4.12-19).

6. *O Caminho da Disciplina* (12.1-8)

Os homens reagem à **correção** (1; “disciplina”, ARA) moral e religiosa de maneiras diferentes. O que busca sinceramente o conhecimento vai aceitar a correção e se beneficiar com ela. Mas a pessoa que se ressentida da disciplina é “como uma besta irracional, estúpida e confusa” (AT Amplificado). Toy diz: “O provérbio faz alusão a todo tipo de ensino (pelos pais, amigos, sacerdotes, advogados), mas provavelmente se ocupa especialmente com as escolas ou os escritos dos sábios, nos quais eram apresentadas regras para a condução da vida”.⁹

Nos versículos 2-3, os destinos dos homens bons e dos ímpios são contrastados. **O homem de bem** encontra o **favor do SENHOR**, mas Deus declara culpado o homem ímpio. **A impiedade** (3) não fornece uma base adequada para a vida do homem, mas a justiça traz a perpetuidade desejada (cf. 7,12,19; Sl 1.3-4). No versículo 4, temos uma descrição resumida da **mulher virtuosa**. A descrição detalhada é apresentada mais tarde em 31.10-31. A palavra **virtuosa** (hb. *hayil*) significa força tanto do corpo como da mente. Assim, a mulher virtuosa é uma mulher de caráter forte. Este tipo de mulher **é a coroa do seu marido** (cf. Jó 19.9; Lm 5.16); ela é “a glória e a alegria dele, dando-lhe alegria em casa e honra quando está fora pela forma em que organiza o seu lar, e o respeito que o seu caráter evoca”.¹⁰ A mulher **que procede vergonhosamente** (“a que

o envergonha [envergonha o marido]”, ECF) é como uma doença nos **ossos** do homem, drenando toda a sua força e destruindo a sua felicidade (cf. 31.23; 1 Co 11.7).

Nos versículos 5-6, as intenções básicas do homem são comparadas. Os **pensamentos** (5), desígnios ou planos, **do justo** são comparados aos **conselhos** enganadores **dos ímpios**. Um equivalente neotestamentário deste versículo é: “Portanto, pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7.20). **As palavras dos ímpios** (6) são como assassinos, esperando emboscados para destruir sua vítima. Mas a fala **dos retos** é a sua melhor defesa contra o caluniador. No versículo 7, temos a instabilidade dos maus em contraste com a prosperidade **dos justos** (cf. Mt 7.24-27). No versículo 8, o respeitado homem de **entendimento** é contrastado com o homem **perverso de coração**.

7. O Caminho da Diligência (12.9-14)

No versículo 9, temos um protesto contra a ostentação. Edgar Jones diz que esse versículo ressalta a “falácia da fachada social”.¹¹ O contraste entre o homem humilde que só tem condições de ter um servo e o homem que se gaba, mas não tem o que comer. O homem **justo** tem consideração pelos animais (10; cf. Êx 23.12; Dt 25.4). No versículo 11, o homem diligente e trabalhador “terá abundância de alimentos” (Moffatt), mas “o que vai atrás de atividades inúteis” (AT Amplificado) não tem muito senso.

O texto hebraico no versículo 12 é obscuro. **Deseja o ímpio a rede dos maus**, isto é, o que a rede deles produz. Greenstone diz: “Os ímpios cobiçam o que produzem as pessoas da sua classe, sendo esta uma forma fácil de adquirir riquezas pela apropriação dos lucros daqueles que os acumularam por meio de trabalho duro”.¹² O **fruto**, no entanto, do trabalho do homem justo vai ser duradouro. Nos versículos 13-14, vemos destacada a verdade segundo a qual as palavras e atos do homem vão ter a sua recompensa (cf. Mt 12.36-37; 2 Co 5.10). No Novo Testamento temos uma expressão equivalente a esta verdade em Gálatas 6.7.

8. O Sábio e o Tolo (12.15-28)

O **tolo** é inflexível na opinião que tem de si mesmo, mas o **sábio** é apto a aprender (15). O tolo dá vazão a emoções autodestrutivas, mas o sábio tem domínio próprio, até mesmo quando é insultado (16). “O homem prudente ignora o insulto” (Moffatt). Nos versículos 17-19, temos a expressão de três provérbios contrastantes. Muitos provérbios desta última parte do capítulo tratam do uso da língua.¹³ Fritsch diz que mais de uma centena de provérbios tratam da língua.¹⁴ O versículo 14 deixa claro que as palavras de um homem revelam o seu caráter. O tolo prejudica os outros com suas palavras, mas a fala do sábio faz bem à **saúde** (18). A **verdade** é permanente, mas a falsidade **dura só um momento** (19).

Os ímpios não somente dizem falsidades, mas são falsos **no coração** (20). No versículo 21, os destinos do **justo** e dos **ímpios** são mais uma vez contrastados (cf. Sl 91.10; Rm 8.28). Nos versículos 22-23, há outros dois contrastes da fala. O Senhor odeia **lábios mentirosos**, mas tem prazer na verdade (cf. 6.17; 11.20; Ap 22.15). Toy crê que o versículo 23 esteja falando de “discrição sábia e conversa tola”.¹⁵

A diligência é recompensadora, mas a preguiça custa caro (24). **Os enganadores serão tributários**, ou “colocados para fazer trabalhos forçados” (AT Amplificado). A “ansiedade” (ARA; a ARC traz aqui **solicitude**) é pesada no coração do homem, **mas**

uma boa palavra o alegra. No versículo 26, o texto hebraico da primeira linha é difícil, mas o significado do versículo é que o **justo** é útil aos outros e os **ímpios** são nocivos. No versículo 27, o **preguiçoso** é descrito como negligente até para assar o que caçou. No versículo 28, as consequência finais são mais uma vez expressas — **vida e morte**.

9. *O Caminho para a Verdadeira Riqueza* (13.1-11)

No versículo 1, o **filho sábio** e o **escarnecedor** são contrastados na sua atitude em relação à disciplina paterna. O verbo “ouvir” na primeira parte, que falta no texto hebraico, é suprido pela harmonia com a segunda linha do paralelismo. No versículo 2, temos o resultado da conduta. Um homem bom usufrui o fruto da justiça (cf. 12.14), mas os **prevaricadores** (“infiéis”, Smith-Goodspeed) vão se alimentar da **violência**. Alguns estudiosos enxergam retribuição na segunda linha. Moffatt traduz assim: “Mas as almas ímpias encontram um fim precoce”. O versículo 3 nos dá uma advertência contra a fala impulsiva (cf. 10.19; 21.23; Sl 39.1; Tg 1.26). No versículo 4, vemos que a diligência é melhor do que sonhar com o trabalho e sua recompensa. **Engorda** significa “prospera”. Enquanto o justo odeia a **mentira** [...] **o ímpio é abominável**; literalmente, “causa mau cheiro” (5). Os resultados da vida correta e da errada são contrastados no versículo 6 (cf. 11.3-9).

Nos versículos 7-8, as riquezas e a pobreza são comparadas. O versículo 7 pode ser compreendido de duas formas. Primeiro como o pretexto do esbanjador ou alpinista social e o encobrimento do avaro (RSV, ASV, *et al.*). A segunda interpretação vê aqui uma comparação entre a verdadeira e a falsa riqueza (cf. Lc 12.21,23; 2 Co 8.9). No versículo 8, vemos tanto a vantagem como a desvantagem da riqueza. Embora as **riquezas** sirvam como proteção contra o perigo, elas também expõem o homem rico ao furto e à extorsão. **O pobre não ouve as ameaças**; melhor do que “não ouve repreensão” (KJV). Os pobres não estão expostos ao furto e à chantagem. No versículo 9, a alegria **dos justos** é comparada com a situação difícil **dos ímpios**. Acerca do simbolismo de **luz e candeia** (lâmpada), veja Ester 8.16; Jó 18.5-6; Sl 27.1. No versículo 10, a **soberba** é contrastada com a humildade da pessoa que teme a Deus. No versículo 11, temos os resultados contrastantes das duas formas de se aumentar **fazenda** (“os bens”, ARA) — por meios fraudulentos ou pela diligência e economia.

10. *A Fonte da Verdadeira Esperança* (13.12-25)

A demora na realização das esperanças da pessoa é a base do desapontamento, se não do desânimo (12). O **coração** aqui, como no restante de Provérbios, significa a personalidade completa e abrangente. No entanto, realizar o **desejo** (esperança ou anseio) traz alegria. **A árvore de vida** é uma expressão de satisfação e felicidade (cf. 3.18; 11.30). No versículo 13, temos uma advertência acerca da importância de se obedecer à palavra de Deus. Kidner diz: “Palavra e mandamento são um lembrete de que a religião revelada é pressuposta em Provérbios”.¹⁶ Acerca do versículo 14, **A doutrina** (ensino) é **uma fonte de vida**, veja comentário de 10.11. Os obedientes são salvos de muitos perigos (1 Tm 6.9; 2 Tm 2.25-26).

A expressão **bom entendimento** (15) tem sido traduzida de diversas formas. Moffatt denomina essa pessoa “um homem de tato”. Smith-Goodspeed provavelmente chega mais próximo da intenção original ao traduzir como “boa conduta”. Harris pensa que **enten-**

dimento (hb. *sekel*) e **graça** (hb. *hen*) “aqui são termos tão claramente morais, ocorrendo como resultado dos mandamentos de Deus, que é difícil entender como Delitzsch pôde chamar *sekel* de ‘cultura fina’”.¹⁷ O contraste provavelmente é o de bondade e transgressão na segunda linha. **O caminho dos prevaricadores é áspero** (“intransitável”, ARA), “como o solo estéril e seco do pântano intransponível” (AT Amplificado).

O homem **prudente** (16) é usado em contraste com o **tolo** que **espraia** (expõe) **a sua loucura**. No versículo 17, são contrastados o bom (**embaixador**) e o **mau mensageiro**. Fritsch diz: “Nos dias antigos, a natureza e os resultados de uma mensagem dependiam em grande parte do caráter do mensageiro”.¹⁸ O sábio diz a seguir que os ensináveis são bem-sucedidos, mas os que rejeitam a **correção** vão acabar na **pobreza e afronta** (18; cf. 1.20-33). A realização do **desejo** [...] **deleita a alma** (19), mas o tolo não abre mão do seu caminho mau nem mesmo por esse sentido correto de realização. No versículo 20, somos lembrados de que a sabedoria do homem é afetada pelas pessoas de sua companhia.

Os destinos do justo e do ímpio são contrastados nos versículos 21-22 (cf. v. 25). Até a **riqueza do pecador**, se não for dissipada no seu tempo de vida, torna-se herança do justo. Embora o versículo 23 seja de difícil tradução, Kidner diz: “O ponto principal deste breve provérbio aparentemente é que o tamanho dos seus recursos importa menos do que o juízo com que você os administra”.¹⁹ No versículo 24, temos um provérbio conhecido que ressalta novamente a seriedade com que os pais hebreus tratavam a disciplina dos seus filhos (cf. Ef 6.4; Hb 12.5-11). No versículo 25, a verdade dos versículos 21-22 é expressa novamente.

11. Sabedoria e Tolice (14.1-19)

No versículo 1, a natureza construtiva da sabedoria é colocada lado a lado com o poder destrutivo da tolice. Aqui a sabedoria é personificada como **mulher** (cf. RSV), e esse versículo reflete os convites da sabedoria e da tolice em 9.1-6 e 9.13-18. No versículo 2, lemos que os caminhos dos justos e dos perversos são determinados pela forma em que a pessoa trata a Deus e sua vontade. O versículo 3 é mais um provérbio que destaca a importância de se controlar a fala. A palavra traduzida por **vara** é “ramo”, “rebento” e ocorre somente aqui e em Isaías 11.1. A versão *Berkeley* traduz assim: “Na boca do tolo está uma vara para o seu orgulho”. Jones e Walls dizem: “O ponto por trás do versículo 4 provavelmente é: ‘Se não há bois, não há necessidade de se limpar o estábulo; mas também não se ara a terra, e não há colheita’”.²⁰ No versículo 5, a **testemunha verdadeira** é contrastada com a **testemunha falsa**. O juramento falso em corte é condenado com frequência em Provérbios (6.9; 12.17; 19.5,9; 21.28; *et al.*).

O sábio nos lembra que o **escarnecedor** (6) não está qualificado para a busca à sabedoria porque ele não teme o Senhor (cf. 1.7). A associação com o **homem insensato** (7) não é recompensadora, “pois você não vai encontrar uma palavra de bom senso nele” (Moffatt). A **sabedoria** ajuda o homem a avaliar corretamente a sua conduta, mas a **estultícia dos tolos** (8) “é enganadora” (ARA), tanto para eles mesmos como para os outros. Os estudiosos têm dificuldade em interpretar o versículo 9. A palavra traduzida como **pecado** (hb. *asham*) é com frequência traduzida como “sacrifício pelo pecado”. Assim, “o sacrifício pelos pecados zomba dos tolos”. Alguns intérpretes vêem aí o vazio das observâncias cerimoniais do pecador. Outros vêem aqui a insolência do pecador em zom-

bar do pecado e assim incorrer em culpa — “A culpa tem a sua casa entre os tolos” (Smith-Goodspeed). A RSV traduz o versículo 9b como: “Os retos têm prazer no favor dele”. No versículo 10, temos uma declaração de rara beleza que destaca a solidão do sofrimento e da alegria. Somente Deus e amigos próximos podem compartilhar as experiências humanas dessas emoções.

No versículo 11, os destinos dos justos e dos maus são novamente contrastados. **A casa dos ímpios** não vai permanecer, mas **a tenda dos retos** não somente vai durar, mas vai prosperar. **Há caminho que ao homem parece direito** (12; lit. “reto”), mas o seu destino é tremendamente trágico. Termina nas “profundezas do inferno” (LXX). Este versículo é repetido em 16.25. No versículo 13, o autor diz que o **riso** muitas vezes encobre uma dor interior, e que a alegria é seguida de tristeza. Não há aqui expressão alguma de pessimismo, mas de realismo concernente às mudanças de ânimo e disposição emocional na vida da pessoa. O versículo 14 tem sido interpretado assim: “Aquele cujo coração se afasta vai ter a recompensa completa dos seus caminhos; mas um homem bom vai ter a recompensa dos seus atos” (BB).

Nos versículos 15-16, o cuidado e a prudência do **sábio** são contrastados com a ingenuidade e autoconfiança exagerada do **tolo**. Nos versículos 17-18, a raiva impulsiva e o mal propositado do tolo estão em contraste com a paciência do sábio cuja vida é coroada de sabedoria. No versículo 19, temos a vindicação da bondade.

12. *Os Ricos e os Pobres* (14.20-35)

Nos versículos 20-21, temos paralelismos acerca dos ricos e dos pobres. Embora a pobreza com frequência traga consigo a solidão e a riqueza atraia muitos **amigos** (20), **o que se compadece dos humildes é bem-aventurado** (21). Este provérbio antevê a caridade e as esmolas dos tempos do Novo Testamento (cf. Mt 6.1). Na primeira linha do versículo 22, temos uma pergunta retórica usada para sublinhar a certeza da questão. Pode ser traduzida assim: “Certamente erram ‘os que planejam o mal’ (ARA)”. A palavra “errar” significa “perder-se”, “desviar-se”, e é uma figura de linguagem emprestada das viagens. Toy diz: “O homem ímpio vagueia sem esperança”.²¹ No versículo 23, a diligência é recomendada a todos, mas a fala inútil é denunciada como conducente à pobreza.

Os **sábios** (24) são adornados com a “riqueza da sua sabedoria” (AT Amplificado), mas a “grinalda dos tolos é a tolice” (Smith-Goodspeed). O versículo 25 declara que a **testemunha verdadeira** salva vidas, enquanto a testemunha falsa causa sofrimento ao inocente (cf. 6.19; 12.16; 19.28; 25.18). Além disso, a testemunha fiel teme o Senhor e dá aos **seus filhos** o refúgio da fé (26-27). Alguns estudiosos vêem uma descrição puramente secular de um rei e do seu poder no versículo 28. Mas Greenstone diz: “Alguns comentaristas judaicos associam este versículo com o anterior e obtêm o significado de que o homem temente a Deus se sente mais seguro do que o rei com o seu exército”.²²

No versículo 29, vemos a paciência da sabedoria em contraste com a impulsividade da tolice (cf. 16.32; Tg 1.19). O versículo 30 nos ensina que “uma mente tranqüila dá vida ao corpo” (RSV), mas a inveja, o ressentimento e outras atitudes mentais doentias são prejudiciais para a saúde da pessoa. Os que oprimem o **pobre** insultam a Deus (31; cf. 17.5; Mt 25.40,45). No versículo 32, o destino dos ímpios é contrastado com a esperança dos justos em relação à morte. No versículo 33, somos lembrados de que “a sabedoria encontra o seu descanso na mente dos sábios, mas não é encontrada entre os tolos” (BB).

No versículo 34, a força de uma nação é medida por meio do seu relacionamento com a lei de Deus. No versículo 35, o **contentamento** (“reconhecimento”) do rei é fundamentado no caráter e nas ações de um homem.

13. *A Língua dos Sábios* (15.1-20)

No versículo 1, temos um dos princípios mais conhecidos de Provérbios acerca do poder da fala **branda** (cf. v. 18). No versículo 2, há um lembrete do tipo de fala que vem dos **sábios** e dos **tolos** (cf. v. 7). No versículo 3, vemos a preocupação de Deus por todos os filhos que criou, tanto os **maus** como os **bons**. Aqui o nome pessoal que Israel usa para Deus (*Yahweh*; “Javé”) aparece novamente.²³ Palavras geram vida ou causam destruição ao **espírito** do homem (4). O sábio aceita a **correção** e a instrução (5). A piedade é recompensada por um **grande tesouro** (6; “muita riqueza”, Smith-Goodspeed), mas os ganhos ilícitos do **ímpio** a certa altura se perdem. O sábio gosta de compartilhar o conhecimento, mas o tolo é indiferente a ele (7; cf. v. 2).

Nos versículos 8-9, Deus não condena o sistema de sacrifícios em si, mas destaca a necessidade da conduta e das atitudes corretas para permitir que o homem se aproxime dele (cf. 1 Sm 15.22; Is 1.11; Jr 7.22; Am 5.21-24). No versículo 10, a importância da constância nas escolhas certas é destacada novamente. Toy diz: “A vida é representada como uma disciplina — ai daquele que não se beneficiar dela”.²⁴ No versículo 11, o **inferno** (hb. *sheol*) e a **perdição** (hb. *abaddon*) são sinônimos. Edgar Jones captou o pensamento deste versículo: “Se Deus conhece os mistérios escondidos do Sheol e Abaddon, quanto mais então as inconstâncias e evasivas da mente e do coração humanos”.²⁵ Um **escarnecedor** (12; homem presunçoso e orgulhoso) está determinado na sua rejeição da sabedoria. A alegria é contagiante, mas a tristeza é depressiva, tanto para a pessoa quanto para os outros (13). Os sábios se alimentam do **conhecimento**; os **tolos**, da tolice (14). A aflição é depressiva, mas o homem que tem alegria interior tem diante de si um **banquete contínuo** (15).

No versículo 16, o sábio destaca a superioridade das riquezas do espírito — o **temor do SENHOR**. Uma festa luxuosa não é suficiente quando falta o amor. Uma travessa de saladas e verduras numa atmosfera de **amor** é melhor do que um filé suculento em meio ao **ódio** (17). O **homem iracundo** (“irritável”, NVI) provoca discussões, mas um homem disciplinado alivia as tensões (18; cf. v. 1). O **caminho do preguiçoso** é como uma cerca **de espinhos** (“coberta de espinhos”, AT Amplificado), **mas a vereda dos retos** está livre de obstáculos (19; cf. Is 57.14; Jr 18.15). Acerca do versículo 20, veja comentário de 10.1.

14. *Os Segredos do Coração Alegre* (15.21-33)

O tolo tem prazer na sua **estultícia** (“insensatez”, NVI) e parece não compreender o resultado dos seus atos imorais. Kidner o chama de “*playboy*”.²⁶ Mas o homem de Deus **anda retamente** (21). Acerca do versículo 22, veja comentário de 11.14. A resposta certa traz alegria ao **homem**, e especialmente quando essa **palavra** apropriada vem na hora certa (23). “O caminho da vida conduz o sábio para cima, para que ele evite o Sheol em baixo” (24, Berkeley). No versículo 25, lemos que Deus se opõe à exploração, especialmente da **viúva**. O versículo 26 nos lembra que Deus odeia os **pensamentos do mau**. O **que se dá à cobiça** (“saqueia para obter lucros”, Berkeley;

“o que é ávido por lucro”, ARA) traz dificuldades sobre si e sua família, mas o que se recusa a aceitar a propina **viverá** (27; cf. Is 5.8; Jr 17.11).

No versículo 28, temos um contraste entre a fala dirigida e bem-elaborada e uma avalanche de palavras impensadas (cf. 1 Pe 3.15). A maldade coloca um abismo entre Deus e o pecador (Êx 33.3). Mas Deus está próximo **dos justos** e ouve a sua **oração** (29; cf. v. 8-9). Há **luz** nos **olhos** de quem leva as boas novas, e esse contentamento edifica a atitude e o ânimo do homem (30). **Os ouvidos** (31) representam aqui o homem todo. A pessoa que dá ouvidos à **repreensão** tem vida duradoura. O versículo 32 destaca as recompensas da pessoa que se deixa ensinar e corrigir (cf. 10,12). **O temor do SENHOR** (33) não é somente o princípio da sabedoria (1.7), mas também a sua continuação. Os que têm a **humildade** de aceitar a Deus e a sua condução serão honrados por Ele.

B. PROVÉRBIOS PARCIALMENTE PARALELOS, 16.1—22.16

1. *O Senhor da Vida* (16.1-11)

É significativo que em cada um dos primeiros sete versículos deste capítulo apareça o nome pessoal com que Israel se dirigia a Deus (*Yahweh*; “Javé”). Esta seção destaca a atividade de Deus nos afazeres do homem. No versículo 1, o sábio diz que tanto os planos dos homens quanto a sua execução estão sujeitos ao controle divino. A ARC é preferível aqui à ASV e RSV (em inglês) e à maioria das versões em português (ARA, NVI, BJ). Maclaren diz que as palavras no versículo 2 — **Todos os caminhos do homem são limpos aos seus olhos** — descrevem “a nossa estranha capacidade de nos cegarmos a nós mesmos”.²⁷ O homem pode estar satisfeito com a sua vida, mas essa vida precisa do escrutínio do Senhor e da sua santa lei (cf. 12.15; 21.2), porque Deus **pesa os espíritos**; Ele verifica a fundo as ações e avalia a motivação da pessoa. No versículo 3, o autor nos dá uma receita para tratar o problema da ansiedade. Ele diz: **Confia** às mãos de Deus **as tuas obras** (cf. Sl 37.5; 90.17; 1 Pe 5.7). O versículo 4 destaca o propósito de Deus em todas as coisas. Ele criou o homem para servi-lo, embora alguns tenham se rebelado contra ele. Até mesmo as consequências do pecado vão servir como lição para os outros. Este versículo, no entanto, não pode ser distorcido para significar a predestinação dos maus nem para fazer de Deus o autor do mal moral (cf. Tg 1.13).²⁸

Deus despreza a atitude da arrogância (5). Acerca do significado da expressão **ainda que ele junte mão à mão**, veja comentário de 11.21. **Misericórdia e verdade** (6; “amor e fidelidade”, Berkeley) são frutos necessários na vida do homem que pela graça caminha com Deus no **temor do SENHOR**. No versículo 7, há uma palavra de encorajamento para o homem de Deus (cf. Jr 39.12). No versículo 8, temos um apelo a favor da integridade semelhante ao expressado em 15.16. No versículo 9, a soberania de Deus é ressaltada (cf. v. 1; Jr 10.23). No versículo 10, temos um provérbio sobre a responsabilidade de um **rei** ser correto nos seus juízos. Acerca do versículo 11, veja comentário de 11.1

2. *A Sabedoria como Fonte da Vida* (16.12-24)

Nos versículos 12-15, temos ditados que tratam das responsabilidades dos reis. Jones e Walls dizem: “A história nos revelou o quanto a casa real ficou aquém desse ideal. Mas o retrato permaneceu, para que fosse mais claramente definido pelos profetas e cumpri-

do no Reinado de Cristo”.²⁹ Uma verdade semelhante em Provérbios é expressa no versículo 16 (veja comentário de 3.13-18 e 8.10-11,19). O **alto caminho dos retos** (17) não está somente livre de obstáculos que poderiam derrotar uma pessoa (15.19), mas ela também continua a evitar o **mal** moral (cf. Is 35.8). Tanto o sábio como os profetas de Israel denunciaram a **soberba** (18; Is 2.11-17; Jr 13.15). No versículo 19, é usada uma metáfora do contexto militar: “Melhor é ter espírito humilde entre os oprimidos do que partilhar despojos com os orgulhosos” (NVI).

Até mesmo nas questões cotidianas da vida a pessoa necessita do apoio da fé (20). O versículo 21 exalta a fala amável e ressalta a sua habilidade de persuasão — “As suas palavras amáveis aumentam a sua influência” (Moffatt). No versículo 22, a sabedoria é considerada uma **fonte de vida** (veja comentário de 10.11). O versículo 23 é semelhante ao 21. Palavras bondosas são como um **favo de mel** (24; cf. Sl 19.10).

3. Os Planos maus dos Homens (16.25-33)

O versículo 25 é idêntico a 14.12 (veja comentário). No versículo 26, o sábio nos conta que o trabalho árduo é necessário para a existência física: “O apetite do trabalhador age a favor dele, porque a sua boca o estimula” (Berkeley; veja a NVI). Nos versículos 27-30, temos quatro descrições de homens ímpios. No versículo 27, o **homem vão** (“homem sem caráter”, NVI; literalmente “homem de Belial”; veja comentário de 6.12) é maldoso, e as suas palavras “queimam como fogo” (Moffatt). No versículo 28, o **homem perverso** (veja comentário de 2.12) semeia a discórdia e prejudica as amizades. No versículo 29, o **homem violento**, “um homem de métodos imorais e criminosos”,³⁰ leva outros à perdição. Somos lembrados no versículo 30 de que muito dano pode ser causado por meio de um simples movimento dos olhos e da expressão dos **lábios**.

Coroa de honra da idade avançada é a **justiça** (31). No versículo 32, o homem que tem paciência e autocontrole é honrado mais que o herói da batalha. Na primeira linha do versículo 33, há uma referência ao lançar sortes (cf. Nm 34.13; 1 Sm 14.41-42; Jn 1.7; At 1.26). Mas a segunda linha deixa claro que no âmbito moral não há espaço para o acaso. Maclaren diz: “Nada acontece por acidente. A pequena província do homem é delimitada em todos os lados pela de Deus, e as duas são limítrofes. Não há território neutro no meio, em que reine o acaso ímpio”.³¹ Assim, o capítulo 16 conclui com a mesma nota com que começou — a mão controladora de Deus nos afazeres do homem.

4. Deus Depura o Caráter do Homem (17.1-12)

A harmonia do lar é tratada no versículo 1. O **bocado seco**, ou refeição escassa, comido com contentamento é melhor do que um jantar refinado numa atmosfera de **contentenda** (veja comentário de 15.17). O texto hebraico traz: “sacrifícios de contendendas”; isso está em contraste com as “ofertas de paz” de uma família israelita (cf. Dt 12.15; 1 Sm 20.6). No versículo 2, um **servo** fiel substitui um **filho** indigno na satisfação e na **herança** do pai. Vemos um cumprimento histórico deste provérbio na vida de Jeroboão e Roboão (1 Rs 11.26—12.19). O **crisol** (3; “fundidor”, Moffatt) é usado para refinar a **prata** e como **forno** para o **ouro**. Da mesma forma, Deus usa as provações para depurar o caráter do homem (cf. Ml 3.3). O versículo 4 fala da responsabilidade do ouvinte, uma mordomia muitas vezes esquecida. No versículo 5, o sábio de Israel adverte os que não têm coração — destituídos de compaixão (cf. 14.13).

O significado da família na tradição hebréia é afirmado no versículo 6. Os netos são bênção especial para os idosos, e um bom pai é **a glória dos filhos**. Na **fala** a pessoa precisa ser ela mesma; suas palavras devem estar em harmonia com seu caráter e responsabilidades. No versículo 8, vemos que o suborno é demasiadamente bem-sucedido. O **presente** (lit. “propina”) funciona. Edgar Jones escreve: “Isto é realismo social com vingança”.³² O versículo 9 diz que quem é paciente mostra o seu anseio por boas amizades, **mas o que renova a questão** (“revolve o assunto”, ECF) indis põe um “amigo íntimo” (Moffatt). **Mais profundamente entra a repreensão** (“faz marca mais profunda”, NVI) no coração sensível do homem bom do que **cem açoites no tolo** (10). No versículo 11, os ímpios são alertados acerca dos riscos da rebeldia contra Deus ou contra o governo. O versículo 12 adverte que o **tolo** é mais perigoso do que “uma urso da qual roubaram os filhotes” (NVI).

5. O Preço da Sabedoria (17.13-28)

Já é suficientemente ruim retribuir o mal com o mal, mas o versículo 13 fala do pecado horrendo de se retribuir o **mal por bem**. O melhor momento de cessar uma discussão é no seu **princípio** e não quando o rio chega à maré alta (14). O versículo 15 usa a linguagem do tribunal e adverte contra os erros judiciais. O **preço na mão** (16) é uma expressão que não deve ser interpretada literalmente, porque o mestre judaico estava proibido de receber pagamento por seu ensino. O **tolo** não está disposto a pagar o preço do caminho de Deus. Edgar Jones expressa isso assim: “Para obter sabedoria a pessoa precisa estar moralmente receptiva e religiosamente comprometida”.³³ No versículo 17, vemos o valor da amizade duradoura. Um verdadeiro **amigo** é amigo em tempos bons e em épocas ruins.³⁴ O versículo 18 não contradiz o 17, mas adverte contra o abuso da amizade (veja comentário de 6.1-5).

A pessoa orgulhosa e briguenta vai sofrer por causa de suas atitudes más. **O que alça a sua porta** pode bem significar: “o que abre muito a sua boca” (Berkeley). Observe 1 Samuel 2.3; Miquéias 7.5. A impiedade também leva à desgraça (20). No versículo 21, o sofrimento é visto como o que é causado pelo filho moral e religiosamente rebelde (cf. v. 25; veja comentário de 10.1). O versículo 22, que nos conta que um **coração alegre** paga dividendos, é tão atual quanto a terapia psicossomática (cf. 3.8; 12.25). O versículo 23 condena o suborno (cf. v. 8). No versículo 24, a concentração e a atenção do piedoso são contrastadas com a ausência de propósito e rumo do pecador (cf. Fp 3.13-14). Acerca do versículo 25 veja comentário do versículo 21. No versículo 26, temos uma advertência contra procedimentos inapropriados e injustos (cf. Jo 18.23). O versículo 27 fala do valor da fala disciplinada e controlada. Lemos no versículo 28 que **até o tolo** sai lucrando quando limita as suas palavras.

6. Os Sábios e os Tolos (18.1-24)

Temos no versículo 1 um texto hebraico extremamente difícil. Alguns estudiosos vêem aqui um apelo a favor da solidariedade social, tão importante para o povo hebreu.³⁵ A sabedoria não é uma virtude a ser exercida no isolamento. “A pessoa que intencionalmente se separa e se aliena [de Deus e do homem] busca o seu próprio desejo e o pretexto para se rebelar contra todo discernimento sábio e sadio” (AT Amplificado). O **tolo** é descrito como não tendo **prazer** [...] **no entendimento** (2); tem desejo somente de ostentar

as suas deficiências morais. No versículo 3, vemos **desprezo**, desonra e desgraça como companheiros do pecado. Em contraste com isso está a glória e a honra do homem que anda com Deus (Is 6.3; Rm 8.30). As **palavras** de tal homem são geradoras de vida, e a sua fonte é inesgotável (4; veja comentário de 10.11).

A advertência do versículo 5 é contra a injustiça legal. Não está certo mostrar parcialidade para com os culpados ou privar **o justo** da justiça. Nos versículos 6-8, temos três provérbios acerca da fala tola e caluniosa. A expressão **a sua boca brada por açoites** (6) é traduzida como: “A sua boca está pedindo uma surra” (AT Amplificado). Moffatt traduz assim o versículo 8: “As palavras de um escarnecedor são como bocados deliciosos, engolidos e saboreados completamente”. O homem preguiçoso e o homem destruidor são irmãos de espírito semelhante (9). O que não produz nada é tão mau quanto o que destrói a propriedade. No versículo 10, somos lembrados de que podemos nos refugiar em um Deus de amor para buscar segurança assim como um homem pode se esconder numa **torre forte** para buscar proteção do inimigo. O homem de riquezas imagina que o seu dinheiro lhe dê segurança (11; cf. v. 10 e 10.15). A expressão **na sua imaginação** é traduzida também como: “assim ele pensa” (Berkeley).

Moffatt interpreta o versículo 12 assim:

*A arrogância termina em desastre;
a humildade é o caminho para a honra.*

Veja também 15.33; 16.18-19.³⁶ O versículo 13 é mais um provérbio contra a fala apressada e impulsiva. Acerca do versículo 14 Kidner comenta de forma apropriada: “Na falta de recursos exteriores, a vida é dura; na falta de recursos interiores, é insuportável”³⁷ (cf. 12.25; 15.13). Para ter algum tipo de vida agradável o desejo de aprender é indispensável (15). No versículo 16, vemos o uso dos dons no cultivo da cortesia nos contatos sociais (cf. Gn 32.20; 1 Sm 25.27). O perigo de abusar em dar presentes é destacado em 15.27 e 17.8,23.

Como reflexo dos procedimentos na corte, o versículo 17 destaca a importância de se ouvir os dois lados da questão. A NVI o traduz assim: “O primeiro a apresentar a sua causa parece ter razão, até que outro venha à frente e o questione”. O versículo 18 sugere o lançar sortes para resolver a disputa de forma adequada. O versículo 19 adverte que ofensas são facilmente cometidas, mas dificilmente resolvidas. Moffatt interpreta assim o versículo 20:

*Um homem precisa responder por suas declarações
e assumir as conseqüências por suas palavras.*

O versículo 21 reconhece o **poder da língua** tanto para o bem como para o mal. O versículo 22 fala da bênção de uma **mulher** agradável (veja comentário de 12.4). Uma descrição realista da linguagem acerca do **rico** e do **pobre** é dada no versículo 23. No versículo 24, dois tipos de **amigos** são sugeridos, embora o texto hebraico seja de difícil tradução e permita diversas interpretações. Existem os amigos só para os bons momentos, e existem aqueles que são mais dedicados e leais do que os próprios irmãos da pessoa (cf. 17.17; 27.10).

7. *Parelhias sobre a Pobreza e a Riqueza* (19.1-17)

No versículo 1, o **pobre** com a sua honestidade e simplicidade é contrastado com o **tolo** que é **perverso de lábios**. Alguns eruditos consideram este versículo uma adaptação de 28.6. Outros acham que a antítese do versículo 1 se desfaz se não considerarmos o tolo um tolo rico, como em 28.6. **Não é bom** que a pessoa fique **sem conhecimento** (2), especialmente o conhecimento de Deus. O homem que não tem orientação divina **peca**, ou erra o alvo (cf. Jz 20.16). No versículo 3, o pecador é orientado a colocar a culpa pelos seus erros no lugar certo — na sua **estultícia** (“insensatez”, NVI). **O seu coração se irará** (lit. está “irado”, “aborrecido”) **contra o SENHOR**. “Ele acusa a Deus no seu coração” (LXX). A influência das **riquezas** e as desvantagens da pobreza são afirmadas novamente no versículo 4 (cf. 14.20; 18.23-24). O versículo 5 adverte contra o juramento falso (veja v. 9 e comentário de 4.5). Nos versículos 6-7, vemos que a riqueza traz favores e amizades, mas a pobreza resulta em ser esquecido por parentes e **amigos** oportunistas. Embora ele os persiga **com palavras** (de súplicas), eles não se importam.

O valor da **sabedoria** é novamente ressaltado no versículo 8. Acerca do versículo 9 veja comentário do versículo 5. No versículo 10, a palavra traduzida por **deleite** seria melhor traduzida como “luxúria”. Assim temos duas impropriedades notáveis: um **tolo** vivendo na luxúria e um **servo** exercendo poder político sobre **príncipes**. No versículo 11, somos lembrados de que a “disciplina” (ARA; hb. *sekel*; veja comentário de 13.15) gera controle da ira (cf. 14.17,19) e um espírito perdoador (Mq 7.18-19). O versículo 12 desafia ao reconhecimento realista das disposições de humor de um **rei**.

Um **filho** genioso pode arruinar a felicidade do seu pai (cf. 10.1; 17.21,25) e uma **mulher** resmungona pode destruir a paz de um lar (13). Em relação a isso, Toy cita um provérbio árabe: “Três coisas tornam uma casa intolerável: *tak* (a goteira no dia de chuva), *nak* (a murmuração da mulher) e *bak* (insetos)”.³⁸ No versículo 14, o sábio diz que as posses podem ser uma questão de **herança**, mas uma **mulher prudente** é presente de Deus (veja comentário de 12.4). A **preguiça** faz com que o homem esqueça os seus melhores interesses e isso resulta em **fome** (15; veja comentário de 6.10). A obediência a Deus traz vida, mas o pecado resulta na morte espiritual (16; veja comentário de 15.10). No versículo 17, temos a certeza de que a bondade demonstrada ao **pobre** tem a sua recompensa (cf. Is 10.1-2; Am 2.6-7; 4.1-5). No entanto, não podemos fazer este versículo significar que as obras sejam expiação pelos pecados (cf. Ef 2.8-9).

8. *A Importância do Ouvir* (19.18-29)

No versículo 18, o sábio nos lembra que reter a disciplina da criança quando ela é pequena e apta a aprender é injusto para com ela. As palavras: **para o matar não alçarás a tua alma** são traduzidas assim (Berkeley): “Não disponha o seu coração para destruí-la [a criança]”. A idéia é que o pai exageradamente tolerante com sua brandura vai destruir o seu próprio filho. Em Provérbios, mimar uma criança é pecado contra Deus e a sociedade, como também contra a própria descendência. No versículo 19, os estudiosos reconhecem um texto hebraico de difícil tradução e sujeito a diversas interpretações. É provável, no entanto, que seja um lembrete de que um homem com um temperamento incontrolável vai levá-lo a muitos problemas, e a pessoa que quiser tirá-lo das dificuldades vai ter de fazê-lo **novamente**. O versículo 20

contém um apelo para o ouvir com responsabilidade. A expressão **para que sejas sábio nos teus últimos dias** pode ser traduzido também como: “para que seja sábio no restante dos seus dias” (Berkeley).

A soberania de Deus é destacada no versículo 21 (veja comentário de 16.1). Embora o texto hebraico seja especialmente difícil de traduzir no versículo 22, alguns estudiosos consideram a palavra **desejo**, ou intenção, a chave para a sua compreensão (cf. Mc 12.41-44; 2 Co 8.12). O **pobre** que gostaria de ajudar alguém com problemas é **melhor** do que o rico que tem a capacidade de dar ajuda, mas não tem o **desejo** de fazê-lo. “Um homem pobre mas justo é melhor do que um rico mentiroso” (LXX). Conhecer a Deus e viver para Ele é um caminho satisfatório (23) — uma verdade-chave em Provérbios (cf. 10.2-3; 14.27). No versículo 24, temos uma sátira acerca do **preguiçoso**. Greenstone diz o seguinte: “A ironia é voltada contra a pessoa preguiçosa que coloca a sua mão na vasilha para tirar algo para comer, mas a sua preguiça é maior que a fome e ela não consegue colocar a comida na boca”.³⁹ Há uma referência aqui talvez ao comer o alimento que está numa vasilha comum (cf. Mc 14.20).

O tolo aprende por meio do exemplo (25); o homem sábio aprende por meio da repreensão e da instrução. Acerca do significado dos termos **escarnecedor** e **simples**, veja comentários de 1.4 e 1.22. No versículo 26, um filho ingrato é descrito e se destaca a forma vergonhosa em que trata os seus pais idosos (cf. 28.7, 24). **Cessa, filho meu, ouvindo a instrução, de te desviares das palavras do conhecimento** (27) sugere que há tanto ensino bom como ensino mau. Poderia ser também uma advertência para que a pessoa não ouça a verdade e depois deixe de agir de acordo com o que ouviu, pois ao fazer isso somente aumentaria a sua culpa. No versículo 28, temos mais uma advertência contra a distorção da verdade (cf. 16.27; veja comentário de 14.5). As pessoas que se negam a dar atenção à instrução não escaparão do castigo merecido (29).

9. O Caráter dos Justos (20.1-14)

Bebidas inebriantes — **vinho** e **bebida forte** (1) — são personificadas para simbolizar o que fazem os homens que estão sob a sua influência. Eles se tornam escarnecedores de valores elevados (“zombador” NVI); pessoas barulhentas e briguentas. Temos aqui uma condenação veemente da embriaguez. Esta condenação é apresentada com linguagem mais abrangente e mais vívida em 23.29-35.⁴⁰ O **vinho** (hb. *yayin*) é suco de uva fermentado; **bebida forte** (hb. *shekar*) é um termo geral para designar todas as bebidas inebriantes (cf. Is 28.7). Estas bebidas eram proibidas aos sacerdotes (Lv 10.9), aos nazireus (Nm 6.3) e aos recabitas (Jr 35).

A **ira** resultante do **terror do rei** é como o medo produzido pelo **bramido do leão** (2; cf. 19.12). Quem provoca um rei **peca contra a sua própria alma**, ou melhor: “Quem o deixa irado coloca a sua própria vida em risco” (Berkeley). No versículo 3, há uma advertência contra a atitude de brigas constantes, pois “o tolo briga com todos” (Moffatt; veja comentário de 17.14). No versículo 4, parece que a falta de vontade de trabalhar do preguiçoso se deve ao tempo frio. Mas as palavras **por causa do inverno** significam literalmente: “no outono”, quando a colheita terminou e chegou o tempo de arar a terra. O homem preguiçoso se recusa a arar a terra na época certa; por essa razão os seus vizinhos mais tarde se negam a ajudá-lo. O versículo 5 sugere a busca de motivos: “O propósito no coração do homem é como águas profundas; mas o homem de

bom senso consegue extraí-lo” (BB). No versículo 6, temos um contraste entre declaração e realidade. No versículo 7, a **sinceridade** de um homem justo é vista como herança honrada dos **seus filhos**.

Um juiz justo avalia o caráter. A palavra **dissipa** (8) é um verbo usado em relação ao ato de joeirar o cereal. Kidner diz: “O olho treinado de um verdadeiro governante separa o joio do trigo; mais justo e seguro ainda é o Espírito do Senhor: Isaías 11.3; 1 Coríntios 2.15”.⁴¹ O versículo 9 destaca a universalidade do **pecado** e a insuficiência dos remédios humanos. **Quem poderá dizer: Purifiquei o meu coração?** Clarke responde: “Homem algum. Mas milhares podem testemunhar de que o sangue de Jesus Cristo os purificou de toda a injustiça. E aquele que é justificado amplamente pela redenção que há em Jesus é purificado do seu pecado”.⁴² Acerca do versículo 10, veja comentário de 11.1. No versículo 11, vemos como a conduta de uma **criança** revela o seu caráter. Acerca da expressão **ouvido que ouve** (12) veja comentário de 15.31. O **olho que vê** representa aqui a pessoa inteira. Assim, pela obediência devida ao ouvir e pela compreensão devida ao ver, somos devedores da graça (cf. Ef 2.8-10). Acerca do versículo 13, veja comentários de 6.6-8. No versículo 14, temos uma referência à prática comum dos mercados orientais. Toy diz: “O comprador deprecia a mercadoria, consegue uma pechincha com o vendedor, e depois se gaba da sua esperteza”.⁴³

10. A Sabedoria e a Riqueza Duradoura (20.15-30)

A sabedoria é o tesouro mais duradouro (15; veja comentário de 3.13-17 e 8.10-11). O versículo 16 destaca a tolice de ser **fiador** de outra pessoa (veja comentário de 6.1-5). É melhor traduzir a última parte do versículo 16 da seguinte forma: “mantê-lo como garantia quando é fiador de estrangeiros” (RSV). No versículo 17, temos um provérbio acerca das conseqüências do pecado (veja comentários de 5.4 e 9.17). Moffatt traduz o versículo 18 assim:

*Busque conselho quando estiver fazendo planos
E tenha um plano de ação quando for para a guerra.*

Veja comentário de 11.14. No versículo 19, temos uma advertência contra a fofoca (veja comentário de 11.13). Acerca do versículo 20, veja comentário de 4.19 e 7.9. No versículo 21, o sábio destaca a perda das bênçãos de Deus na vida daqueles que obtêm a sua **herança** por meios injustos (cf. 13.11). O versículo 22 é um lembrete de que Deus está no controle da vida do homem; Ele é o nosso Salvador e Vindicador (cf. Rm 12.17; 1 Pe 3.9). Acerca do versículo 23, veja o versículo 10 e comentário de 11.1

Sobre o versículo 24 veja comentários de 16.1-2, 9. Edgar Jones comenta de forma apropriada: “Essa confirmação da graça de Deus e do seu controle supremo da vida humana é altamente significativa numa obra que destaca a liberdade e a iniciativa do homem. Ela sublinha as pressuposições da fé e da convicção religiosas subjacentes aos axiomas práticos”.⁴⁴ O versículo 25 destaca o perigo de alguém fazer **votos** de forma precipitada. É melhor que a pessoa faça as contas antes de fazer um voto de maneira apressada “sem primeiro analisar [se pode cumpri-lo]” (AT Amplificado). Acerca do versículo 26 veja comentário do versículo 8. A **roda** é a roda da máquina de debulhar, e não deve ser interpretada literalmente, mas antes como um símbolo que sugere castigo.

Deus deu a cada homem uma **alma** vivente (27) — a consciência. A palavra significa literalmente: “o sopro da vida” (cf. Gn 2.7), por meio do qual Deus age na vida do homem. A expressão **o mais íntimo do ventre** é usada para se referir à personalidade toda. No versículo 28, o sábio nos diz que a justiça do rei precisa ser temperada com misericórdia. No versículo 29, vemos a **força** como o **ornato** (“beleza”, NVI) **dos jovens**, mas a sabedoria como a glória da idade avançada (cf. 16.31). O sábio, no entanto, não está querendo negar que um jovem seja justo nem que um homem idoso desfrute de força. No versículo 30, o castigo físico é visto como algo que tem algum efeito moral, talvez um meio de impedir outros pecados (cf. Sl 119.67). **Os vergões das feridas** são uma referência a golpes recebidos. Moffatt traduz isso assim:

*Golpes e vergões marcam de forma indelével;
Eles penetram até o fundo da alma.*

Mas somente as pisaduras do Servo Sofredor podem produzir a nossa salvação (cf. Is 53.5).

11. *Os Maus e os seus Caminhos* (21.1-12)

Este capítulo começa com uma ênfase na mão controladora de Deus sobre a vida dos homens. O **coração do rei** (1; suas escolhas) pode ser conduzido por Deus assim como um agricultor pode direcionar a água de irrigação para diversos canais. Sobre o versículo 2, veja comentário de 16.1-2. Acerca do versículo 3, veja comentários de 15.8-9. Na ARC as duas partes do dístico do versículo 4 parecem não ter relação alguma. Na primeira linha, o **olhar altivo** (“olhos altivos”, Berkeley) e o **coração orgulhoso** são denunciados. Na segunda linha, a **lavoura**, ou o trabalho do pecador que não tem o propósito de glorificar a Deus, é desagradável a Ele (cf. 1 Co 10.31). A palavra **lavoura** é às vezes traduzida por “lâmpada” (Vulg., LXX, ARA), sugerindo pelo seu simbolismo que a felicidade e a esperança falsas do pecador são repugnantes para Deus.

O versículo 5 nos conta que a seriedade no planejamento vale a pena, mas o esquema de “ficar rico da noite para o dia” é condenado (cf. 13.11; 20.21). A riqueza obtida por meios fraudulentos desaparece no vento e é prejudicial a quem a obteve; e parece que os que assim procedem deliberadamente **buscam a morte** (6; cf. 10.2; Jr 17.11). O versículo 7 é paralelo aos versículos 5 e 6 e sublinha o efeito bumerangue dos atos pecaminosos. As alternativas dos homens ímpios e da justiça dos homens de Deus são apresentadas no versículo 8 (cf. o Salmo 1). Acerca da frase: **mas a obra do justo é reta**, Deane e Taylor-Taswell comentam: “Os puros de coração serão justos na ação; eles seguem a sua consciência e a lei de Deus, e trilham de forma correta o seu caminho sem se desviarem ou hesitarem”.⁴⁵

Paz com privações é melhor do que a briga com uma **mulher rixosa** (9; cf. v. 19 e comentários de 19.13-14). Este provérbio é repetido em 25.24. Kidner diz que no versículo 10 temos “uma verdade importante acerca da depravação: os homens são capazes de pecar não somente por fraqueza, mas com intensidade e crueldade”⁴⁶ (cf. 4.16). O pecado também tem um impacto social; ele afeta o **próximo** de quem o comete. Acerca do versículo 11, veja comentário de 19.25. O versículo 12 consiste em duas linhas descon-

xas e a sua interpretação é difícil. Toy diz: “Na forma em que está o texto hebraico, o sujeito do dístico tem de ser Deus, o *justo* [...] Pode-se dizer que um homem justo considera e observa os ímpios, mas não se pode dizer que o justo arrasta os ímpios para a ruína”⁴⁷ (cf. ARA). Assim, é Deus quem leva o pecador ao julgamento. Jones e Walls acham que o ponto central do versículo 12 é “que o justo aceite a advertência com base no exemplo da ruína dos ímpios”.⁴⁸

12. *Os Tesouros do Sábio* (21.13-31)

Quem não tem coração sensível para o **clamor do pobre** (13) não deveria esperar receber ajuda de Deus ou de homens (cf. 24.11-12; 25.21; também Mt 25.31-46; Lc 16.19-31). No versículo 14, temos mais um provérbio acerca do suborno, mas aqui os seus resultados observados com frequência são avaliados de forma realista (veja comentários de 15.27 e 17.8). Enquanto os justos se alegram em ver que a justiça é feita, ela é **espanto para os que praticam a iniquidade** (15). Os resultados dos atos do desviado moral estão no versículo 16; ele está praticamente morto (cf. 27.8; Sl 119.176). No versículo 17, há uma advertência para o esbanjador e para o excessivamente tolerante (cf. v. 20; também Am 4.1-3; 6.3-6). No versículo 18, vemos a vindicação final do **justo**. Greenstone ressalta que o significado “não é que o ímpio é punido por causa do pecado do justo, mas que no caso de uma calamidade geral, o justo escapa e o ímpio toma o seu lugar”.⁴⁹ O mal de que o justo é poupado cai sobre o ímpio. Veja ilustrações bíblicas deste provérbio em Ester 7.10 e Lucas 16.25.

Acerca do versículo 19, veja o versículo 9 e comentários de 19.13-14. No versículo 20, somos lembrados de que o **sábio** usa as posses materiais de forma comedida e refletida, enquanto o tolo as esbanja. Os que buscam **a justiça e a bondade** (21) certamente as acharão (cf. Mt 5.6). No versículo 22, a sabedoria é vista como uma segurança melhor do que cidades muradas (cf. 2 Co 10.4; 1 Jo 5.4). Acerca do versículo 23, veja comentários de 12.13 e 13.3. O escarnecedor é retratado no versículo 24. Ele trata os outros **com indignação e soberba** (“age com arrogância e orgulho”, AT Amplificado). Acerca dos versículos 25-26, Kidner comenta acertadamente: “O preguiçoso vive no seu mundo dos desejos, que é o seu substituto para o trabalho. Isto tem o potencial de arruiná-lo materialmente (25) e aprisioná-lo espiritualmente (26), pois ele não consegue nem dominar-se a si mesmo nem fugir de si mesmo”.⁵⁰ Em contraste com o preguiçoso está o **justo**, marcado pela diligência e pela generosidade; ele tem em abundância para si mesmo e um pouco para compartilhar com os outros.

O **sacrifício dos ímpios** (27) é inaceitável para Deus, especialmente quando é oferecido **com intenção maligna**, isto é, como substituto do arrependimento genuíno (veja comentário de 15.8-9). Uma testemunha confiável é a que dá testemunho do que ouve (28) e vê (cf. 14.5; 1 Jo 1.1-3). O endurecimento do **seu rosto** (29) lembra a fachada descarada da pessoa descarada e desavergonhada (cf. Jr 5.3; Ez 3.7). Mas o homem **reto considera o seu caminho** (age de forma refletida) com base em princípios sólidos. A ênfase do versículo 30 é no fato de que a **sabedoria** e as maquinações humanas não podem derrotar os propósitos do **SENHOR** (cf. At 2.23; 4.27-28). O versículo 31 condena a confiança no poder militar e nos recursos materiais como substituto da confiança em Deus (cf. Sl 20.7; 33.17-22; Is 31.1-3).

13. *O Valor de um Bom Nome* (22.1-16)

O **bom nome** (1; reputação ou caráter; cf. Ec 7.1; Lc 10.20; At 6.3) é mais desejável do que tesouros perecíveis. A igualdade de todos os homens diante do **SENHOR**, independentemente da sua riqueza, é destacada no versículo 2 (cf. 14.31; 29.13). Acerca do versículo 3, Greenstone diz: “O retrato sugere um objeto perigoso que se encontra no caminho, e que é visível e evidente ao prudente, mas o inexperiente continua caminhando e tropeça no objeto”.⁵¹ Acerca do significado de **simples**, veja comentário de 1.4. A **humildade e o temor do SENHOR** (4) conduzem às legítimas recompensas (cf. 3.5-8; 21.21; Lc 14.11). O versículo 5 nos lembra que o perverso tropeça com muitos obstáculos no seu caminho, mas o caminho dos justos é desimpedido (veja comentário de 13.15).

O versículo 6 mostra a importância de se treinar as crianças nos seus anos de formação. Alguns eruditos vêem aqui uma ênfase no treinamento vocacional. A expressão **no caminho em que deve andar** significa literalmente: “de acordo com o seu caminho”, isto é, com as suas aptidões e inclinações. Mas é provável que o sábio hebreu esteja falando principalmente de formação moral. A palavra traduzida como “ensinar” é usada em outras passagens para “dedicar” uma casa (Dt 20.5) e o templo (1 Rs 8.63). Fritsch vê nesse versículo a expressão “de um dos pontos fortes dos sábios hebreus, isto é, a sua insistência na formação moral que os pais dão à criança”.⁵² **E, até quando crescer, não se desviará dele.** Estas palavras são tremendamente reconfortantes para pais fiéis e dedicados. No entanto, não devem ser interpretadas como garantia absoluta. O ambiente por si só não vai salvar os nossos filhos. Igualmente necessário para a sua salvação é o exercício da livre escolha por parte deles para que recebam a sempre disponível graça de Deus.

No versículo 7, temos mais uma expressão de realismo econômico (cf. 10.15). O versículo 8 nos dá uma lição de semear e colher (veja comentário de 12.13-14). Greenstone interpreta as palavras **a vara da sua indignação falhará** assim: “O seu poder para fazer o mal falhará. A vara que o ímpio segura sobre a sua vítima não vai durar muito”.⁵³

As bênçãos de Deus estão sobre aquele que dá **pão ao pobre** (9; cf. 19.17; Dt 15.9-10; 2 Co 9.7-8). No versículo 10, somos lembrados de que a **contenda** vai existir enquanto existir o **escarnecedor** (cf. Mt 18.17). O versículo 11 é de difícil tradução e pode ser melhor traduzido como: “Aquele que ama a pureza e os puros de coração, e é gracioso no falar, terá, em virtude da graça dos seus lábios, o rei por seu amigo” (AT Amplificado). O versículo 12 nos lembra de que Deus está do lado da verdade e protege os seus (cf. Dt 6.24; Js 24.17). No versículo 13, o preguiçoso formula uma desculpa esfarrapada para não trabalhar. Ele tem medo de ser **morto** por um **leão** que **está lá fora**.

Mais uma advertência contra as **mulheres estranhas** (adúlteras) aparece no versículo 14 (veja comentários de 2.16-19; 5.7-14; e 7.6-23). A **vara da correção** (15) é vista como um elemento aceitável na educação dos filhos (comentário 13.24). Diversas interpretações têm sido dadas ao versículo 16 em virtude da ambigüidade do texto hebraico. Uma das traduções mais satisfatórias diz: “O que oprime o pobre para conseguir lucros e o que dá ao rico certamente vão passar necessidades” (AT Amplificado).

SEÇÃO III

AS PALAVRAS DO SÁBIO

Provérbios 22.17—24.34

Nesta parte de Provérbios temos uma coletânea de ensinamentos morais e religiosos apresentados de forma pessoal pelo mestre ao seu pupilo ou filho. Esta seção lembra a primeira parte de Provérbios (caps. 1—9) pelo fato de que em geral consiste em unidades mais extensas do que em dísticos de duas linhas como na divisão anterior (10.1—21.16).

Alguns eruditos observaram a semelhança marcante entre esta parte de Provérbios e a literatura sapiencial de outros povos e pressupõem dependência direta ou indireta dessa literatura por parte dos sábios de Israel. Esta pressuposição é especialmente verdadeira em relação ao documento egípcio intitulado: “A instrução de Amen-em-opet [Amenemope]”. Veja a discussão desta questão em “Provérbios e o Restante da Literatura Sapiencial” na Introdução ao livro de Provérbios neste comentário.

A. INTRODUÇÃO, 22.17-21

No versículo 17, temos o início de uma seção distinta de Provérbios intitulada acertadamente: **as palavras dos sábios**. Nas suas profecias, Jeremias (18.18) reconheceu três grupos de mestres em Israel: o sacerdote, cuja função era apresentar a Torá, que incluía tanto a lei escrita como a oral; o sábio, que dava conselhos; e o profeta, que proclamava a palavra de Deus. As palavras dos sábios de Israel estão registradas nesta seção. As suas palavras não são meros chavões piedosos, mas repercutem o chamado de Deus que encontramos em todo o livro de Provérbios e em toda a Bíblia. **Se as aplicares todas aos teus lábios** pode ser traduzido também como: “Se as mantiveres prontas nos teus lábios”. **Aos que te enviarem** (21) pode ser entendido como “todos os que te perguntarem” (Moffatt).

Nos versículos 17-21, podemos ver “O Chamado de Deus”: 1) O pedido por aceitação e obediência, 17; 2) A percepção pessoal de Deus é antes experimentada interiormente e, depois, expressa exteriormente, 18; 3) O propósito do chamado de Deus é que confiemos totalmente nele, 19; 4) O resultado de conhecermos a Deus se mostra em vidas direcionadas e mudadas, 20; 5) A confissão pública de Deus é o testemunho que os outros precisam ouvir, 21.

B. PRIMEIRA COLEÇÃO, 22.22—23.14

Esta coletânea começa com uma advertência contra a exploração dos pobres. **Nem atropelos [...]** **o aflito** (22) significa não fazer uso de ações judiciais contra ele. **Na porta** (22) é uma referência à corte judicial reconhecida que se reunia na porta da cidade (cf. Jó 31.21). Deus será o defensor dos pobres e vai fazer cair o juízo sobre os seus opressores (23). O perigo da associação com pessoas erradas é destacada nos versículos 24-25 (veja comentário de 1.10-19). A palavra **aprendas** (25; hb. *alaph*) significa “aprender por associação ou participação”. Nos versículos 26-27, temos mais uma advertência contra a fiança indiscriminada (veja comentário de 6.1-5). A razão dessa advertência é:

*Pois se não tens com que pagar,
a tua própria cama te será tomada* (27, Moffatt).

Um dístico simples no versículo 28 destaca a importância do respeito pelos direitos de propriedade na tradição hebréia. A expressão **limites antigos** é uma referência às pedras que designavam as divisas das propriedades das pessoas. Estas divisas eram consideradas sagradas no mundo antigo. Esta verdade é sublinhada aqui na literatura sapiencial (cf. 23.10-11; Jó 24.2), e também na lei e nos profetas (cf. Dt 19.14; Os 5.10). O ganancioso rei Acabe violou esses direitos sagrados ao tomar a vinha de Nabote (1 Rs 21). No versículo 29, o homem capaz e **diligente** é louvado. Embora a palavra **diligente** seja usada para designar um escriba em Salmos 45.1 e Esdras 7.6, os hebreus honravam a pessoa diligente, independentemente de sua profissão ou ocupação. O homem **diligente** era honrado por **reis**. A expressão **de baixa sorte** na última frase desse versículo é traduzida como “[gente] obscura” (NVI; “pessoas obscuras”, BJ).

Em 23.1-3, o sábio de Israel destaca a importância da etiqueta apropriada na presença dos reis. **Põe uma faca à tua garganta** (2) provavelmente é uma expressão referente ao autodomínio. A precaução é recomendada no versículo 3 porque os **manjares** do rei podem ser **pão de mentiras**, isto é, “oferecidos com motivação duvidosa” (AT Amplificado). Nos versículos 4-5, a riqueza é considerada tão evasiva quanto a **águia** diante do caçador (cf. Lc 12.20; 1 Tm 6.7-10). A RSV traduz assim o versículo 4:

*Não te esforces em adquirir riquezas;
seja sábio o suficiente para desistir.*

Nos versículos 6-8, somos advertidos a nos mantermos longe **daquele que tem os olhos malignos**, isto é, um anfitrião avarento. **Mas o seu coração não estará conti-**

go (7) é traduzido também como: “mas ele faz esse gasto com má vontade” (AT Amplificado). Acerca das palavras **Vomitarias o bocado**, Greenstone diz: “Se você jantar com ele, vai ficar tão enfastiado com a avareza dele, que a comida vai causar náuseas em você”.¹

Não devemos lançar as pérolas aos porcos (9; veja comentário de 9.7-10). Nos versículos 10-11, Deus é descrito como o Protetor dos **órfãos** e indefesos. O Senhor é aqui chamado de *goel*, originariamente uma designação do parente mais próximo, que era obrigado a resgatar a terra de um parente desventurado (cf. Lv 25.25; Nm 5.8; Rt 4.1-8) ou até vingar um assassinato (Nm 35.19). Se os órfãos não tinham parentes para defendê-los, Deus seria o seu *Goel* (“Defensor”, Moffatt).

O sábio nos lembra que a sabedoria divina tem o seu preço, o qual é pago por meio da aceitação e da obediência (12; veja comentário de 1.2). Da mesma forma, as lições da escola da vida também apresentam as suas exigências (13-14). Para que a próxima geração conheça a Deus, alguma disciplina é necessária. A correta **disciplina da criança** não é errada e inoportuna, mas vai livrar **a sua alma do inferno** (veja comentário de 13.24 e 19.18). Esta admoestação não ignora a livre escolha ou a graça divina, mas destaca o papel dos pais como parceiros de Deus na tarefa redentora.

C. SEGUNDA SÉRIE, 23.15—24.22

1. *Orientações para a Vida Piedosa* (23.15-28)

Esta parte começa com um apelo pessoal caloroso — **Filho meu** — tão característico da primeira grande seção de Provérbios (caps. 1—9). O mestre se regozija com o progresso do seu pupilo (16). **O meu íntimo** é literalmente: “os meus rins”, mas é melhor traduzido como: “a minha alma” (RSV). Toy nos lembra que o povo hebreu “considerava tanto o coração como os rins (por conta da sua importância fisiológica) centros da vida intelectual, moral e religiosa, e nesse sentido os dois termos são usados como sinônimos”.² O sábio estimula o seu pupilo a não ter **inveja dos pecadores** (17; veja comentário de 1.7). O fruto da vida de um homem justo vai ser recompensador (18; veja comentário de 5.4 e 19.20).

Nos versículos 19-21, a embriaguez e a glotonaria são citadas como práticas prejudiciais capazes de reduzir um homem a **vestes rotas** (trapos; veja comentário de 20.1 e 23.29-35). As expressões **beberrões** e **comilões de carne** (20) foram posteriormente usadas pelos inimigos de Jesus (cf. Mt 11.19; Lc 7.34). O pupilo é encorajado a seguir a orientação dos pais (22-25), havendo aqui uma ênfase no quinto mandamento por parte do mestre. Depois disso, o sábio adverte contra o adultério (26-28), um mal tratado repetidamente em Provérbios (veja comentário de 2.16-19; 5.7-14; e 7.6-23).

2. *Um Retrato da Embriaguez* (23.29-35)

Aqui o sábio pinta com traços inesquecíveis o retrato de um bêbado — imoral, insensível e irresponsável. Ao observarmos este retrato, algumas perguntas precisam ser feitas. Se o uso de vinhos mais suaves, com baixo teor alcoólico, na época daquela cultura primitiva causou esse tipo de misérias, quem pode estimar as consequências trágicas do uso de bebidas destiladas com elevado teor alcoólico em uma sociedade que pulsa com as tensões de uma cultura complexa e que corre na velocidade da era do jato? Se o sábio

falou com tanta intensidade contra a embriaguez dos seus dias, qual seria a atitude dele com relação à sociedade dos dias de hoje que bebe tanto e produz milhões de alcoólatras? Se o mestre considerava a embriaguez tão prejudicial na sua época de viagens e transporte não motorizados, o que ele diria sobre o álcool e sua responsabilidade na carnificina dos acidentes automobilísticos do nosso transporte moderno de alta velocidade?

Smith-Goodspeed interpreta o versículo 30b como: “os que muitas vezes experimentam a mistura”.

Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho (31). Estas palavras não sugerem moderação, mas abstinência total de bebidas inebriantes. É impossível que alguém sofra as consequências da embriaguez e os tormentos do alcoolismo a não ser que beba. Schloerb afirma corretamente: “Ao retratar a infeliz condição do homem embriagado, o sábio espera fornecer o incentivo para que se deixe o copo cintilante a sós”.³

O versículo 35a pode ser traduzido assim: “E mesmo que me espanquem, não sinto dor alguma” (Smith-Goodspeed).

3. *Conselhos Sábios para um Filho* (24.1-22)

Este capítulo começa com uma advertência contra a influência maligna das más companhias (1-2; cf. 3.31; 23.17; 24.19; Sl 37.1,8). **Rapina** (2) é “violência” (ARA) e **fa-lam maliciosamente** é “planejam maldade”. Nos versículos 3-4, as vantagens da sabedoria são exaltadas, independentemente de o significado ser literal ou simbólico do caráter de uma família ou de um homem (cf. 9.1; 14.1). **Sabedoria, inteligência e conhecimento** como usados aqui e em todo o livro são praticamente sinônimos, e são usados como tais no paralelismo poético. Eles representam a percepção moral da pessoa, a sua habilidade de se relacionar corretamente com Deus, com as pessoas e com a vida. A sabedoria é necessária na estratégia militar (5-6; veja comentário de 11.14). No versículo 7, a **sabedoria** é considerada um tesouro pelo qual o **tolo** não se dispõe a pagar o preço necessário, e por isso ele não pode falar **na porta** (a assembléia pública dos anciãos; veja comentário de 1.20-23).

A pessoa que maquina fazer o mal é um **mestre de maus intentos** (8) — um causador de problemas. O conteúdo e a intenção dos planos do tolo são pecaminosos. A frase: **O pensamento do tolo é pecado** (9) pode ser traduzido também como: “Agora, o pecado é a maquinação da tolice” (Moffatt). Não somente Deus, mas também os homens condenam o **escarnecedor** como **abominável**. Se um homem se entrega **no dia da angústia** (10; tentação), ele revela a limitação da sua **força** ou coragem (10). Nos versículos 11-12, temos uma advertência a todos que de maneira egoísta se negam a se envolver nos problemas dos outros. As palavras **destinados à morte** (11) se referem às pessoas inocentes condenadas à morte por intrigas políticas ou que de outra forma estão em perigo extremo. O versículo 12 expõe a motivação egoísta da pessoa que não se envolve. Descarta completamente as desculpas superficiais que alguém poderia alegar para não demonstrar compaixão e oferecer ajuda aos aflitos (cf. 12.14; 24.29; Dt 22.1-4).

Nos versículos 13-14, por meio das figuras de **mel** (comer mel) e **favo de mel**, o mestre destaca os benefícios da sabedoria. Há prazer pessoal — **doce ao teu paladar** — em fazer a vontade de Deus (13; Sl 19.10). A **sabedoria** é recompensadora tanto no presente como no futuro (14; veja comentário de 3.13). O **ímpio** (15) é advertido a não fazer mal ao **justo**. **Sete vezes cairá o justo** (16) em dificuldades, não em pecado.

Cairá (hb. *naphal*) não traz a idéia de queda moral. **Sete vezes** é uma expressão hebraica que significa: “com frequência”. **Mas os ímpios tropeçarão no mal**: isto é, serão “esmagados” (Moffatt) por sua calamidade. Eles não têm os recursos interiores para ajudá-los a se recuperar como os têm os justos (cf. Sl 34.19; Mq 7.8).

É fato que o homem de Deus nunca deve se alegrar com a desgraça que cai sobre os seus inimigos (17; cf. 17.5). Alegrar-se com as calamidades dos outros não é agradável a Deus e vai resultar na **sua ira** (18). Acerca de uma expressão neotestamentária dessa verdade, veja Romanos 11.18-21. Nos versículos 19-20, somos lembrados a não ter inveja dos pecadores, pois a sua prosperidade aparente não é duradoura — **a lâmpada dos ímpios se apagará** (veja comentário de 7.9 e 13.9). Nos versículos 21-22, temos uma admoestação acerca da submissão às autoridades constituídas (cf. Rm 13.1-7; 1 Pe 2.17). A frase **com os que buscam mudanças** (21) descreve os agitadores ou revolucionários políticos que mudam a sua lealdade. O versículo 22 é traduzido de diversas maneiras, sendo que uma das melhores versões é: “Pois terão repentina destruição, e quem pode imaginar a ruína que o Senhor e o rei podem causar?” (NVI).

D. ADMOESTAÇÕES ADICIONAIS, 24.23-34

Também estes (23) pode significar: “Aqui há mais palavras dos sábios de Israel” (cf. NVI). Nos versículos 23-26, os mestres destacam a imparcialidade na administração da justiça. **Ter respeito a pessoas** (“parcialidade no julgar”, ARA) era algo proibido na lei dos hebreus (cf. Lv 19.15; Dt 1.17; 16.19). A expressão **Beija com os lábios** (26) pode significar que a pessoa que toma uma decisão correta vai ganhar respeito e afeição. No entanto, beijar na corte é algo que parece impróprio para alguns estudiosos. Eles preferem traduzir a palavra “beijar” por “equipar”. Assim o versículo 26 poderia significar que equipar os lábios de alguém com conhecimento o capacitaria a dizer **palavras retas**.

Sobre o versículo 27, Jones comenta: “O significado principal é que o casamento inclui a atenção especial para as responsabilidades de se prover o lar e o sustento. Estas necessidades devem ser supridas primeiro; então o casamento pode ter um bom fundamento em que se pode edificar uma família”.⁴ No versículo 28, temos uma advertência dirigida à falsa **testemunha** (veja comentário de 14.5). No versículo 29, o sábio de Israel fala contra o pecado da retaliação. Esta verdade é ampliada no Sermão do Monte (Mt 5.38-48). Nos versículos 30-34, temos mais uma acusação contra o preguiçoso (veja comentário de 6.6-11). O preguiçoso ouve a seguinte admoestação:

*A pobreza virá sobre você como um ladrão,
e a necessidade como um homem armado (34, RSV)*

SEÇÃO IV

A COLEÇÃO DE EZEQUIAS DOS PROVÉRBIOS DE SALOMÃO

Provérbios 25.1—29.27

Devemos esta coletânea de 137 provérbios salomônicos a Ezequias, talvez o maior dos reis reformadores da história de Judá. Ezequias não somente conduziu o seu povo à reforma espiritual, mas a tradição atribui ao seu reinado um grande avivamento literário. Ezequias era, indubitavelmente, um homem de grande interesse literário (cf. 2 Rs 18.18,37; Is 38.10-20). Durante o seu reinado ele tentou preservar o tesouro literário existente do seu povo, especialmente aquilo que provinha do maior sábio de Israel.

De acordo com o versículo que fornece o título à seção (25.1), os escribas de Ezequias **transcreveram** (lit.: “removeram de um documento para outro”) estes provérbios de Salomão. Os ditos desta coletânea foram tomados de alguma antologia anterior (cf. 1 Rs 4.32) e são semelhantes aos da primeira grande seção de Provérbios (10.1—22.16). Não temos aqui discursos extensos, nem conexões lógicas entre muitos de seus dísticos, e não há nenhuma ordenação de conteúdo facilmente compreendida. R. B. Y. Scott, no entanto, fez uma ordenação tópica desta seção.¹

A. PRIMEIRA COLEÇÃO, 25.1—27.27

1. *A respeito de Reis e da Corte* (25.1-10)

Sobre a importância do versículo 1, veja os parágrafos introdutórios acima. Nos versículos 2-7, o sábio apresenta o rei com traços positivos, como o vice-rei de Deus. Embora os caminhos de Deus sejam inescrutáveis, a **glória dos reis** (2) está na sua capacidade de saber o que está se passando no seu reino. A sabedoria do rei é superior e nem sempre compreendida pelo seu povo (3). Como as melhores vasilhas são feitas apenas de **prata** refinada, assim o governo justo de um rei só pode ser estabelecido com os servos

mais honrados (4-5). Os versículos 6-7 nos dão orientações acerca do comportamento **na presença do rei**. Jesus usou estas verdades numa parábola para ensinar uma lição acerca das atitudes de vida corretas e os perigos da auto-exaltação (cf. Lc 14.7-11).

Nos versículos 8-10, o sábio adverte contra o litígio precipitado. Isto pode conduzir a um veredicto desfavorável e à vergonha pública (8; cf. 17.14; Mt 5.25). É melhor discutir esse tipo de questões em particular e não revelar coisas que poderiam envolver outras pessoas de forma prejudicial (9; Mt 18.15). O **segredo** (9) ou as palavras difamatórias não podem ser recolhidas e são faladas para a desonra da pessoa (10).

2. Quatro Belas Comparações (25.11-14)

A **palavra dita a seu tempo** e com a atitude correta é como **maçãs de ouro em salvas de prata** (11). Aceitar a repreensão ou o conselho sadio é tão valioso quanto **gargantilhas de ouro fino** (12). Cowles diz o seguinte acerca do versículo 13: “Água gelada num dia quente de verão nos dá o verdadeiro sentido dessa figura. Assim é um mensageiro confiável para os seus empregadores. Eles podem confiar nele e são revigorados pela fidelidade dele”.² No versículo 14, temos uma acusação contra a fala orgulhosa. Esta fala é tão frustrante como **nuvens e ventos que não trazem chuva**. Assim o sábio descreve a pessoa que se gaba de sua generosidade quando na verdade não dá nada.

3. Conselhos Diversos acerca da Conduta Correta (25.15-28)

A paciência e a mansidão na hora de falar são armas surpreendentemente poderosas (cf. 15.1; 16.14, 32; 1 Pe 3.15-16). **A língua branda quebranta os ossos**, ou: “A fala mansa quebra a resistência mais dura que um osso” (15, AT Amplificado). No versículo 16, temos um convite para o autocontrole e a moderação (cf. v. 27). Kidner comenta acertadamente: “Desde o Éden o homem tem tentado extrair a última gota da vida, como para ultrapassar o limite do ‘basta’ de Deus, até a náusea”.³ No versículo 17, o princípio da moderação é aplicado aos relacionamentos sociais da pessoa. O **martelo**, ou a clava de guerra, e a **espada** e a **flecha** são usados para expressar o poder destruidor do **falso testemunho**. O texto hebraico do versículo 19 permite duas interpretações. Pode sugerir que a pessoa não deva depositar sua confiança no homem mau. Por outro lado, pode significar que o homem **desleal** não tem segurança alguma em tempos de provação (cf. Jó 8.13-15).

O versículo 20 nos diz que a leveza de espírito e a tristeza não podem andar juntas (cf. Dn 6.18; Rm 12.15). Em virtude das dificuldades do texto original, o versículo pode ser traduzido de diversas maneiras; destaca-se aqui a seguinte: “Como tirar a roupa num dia de frio, ou derramar vinagre numa ferida, é cantar com o coração entristecido” (NVI). Nos versículos 21-22, o sábio nos lembra de que a forma de vingança mais eficiente é fazer o bem ao nosso inimigo. Expressões neotestamentárias desse alto padrão ético podem ser encontradas no Sermão do Monte (Mt 5.44) e nos ensinamentos de Paulo (Rm 12.20).

O mal da difamação é retratado como as consequências do **vento norte** (23) que traz a **chuva** desagradável. (AARC aqui diz: “o vento norte afugenta a chuva”; a maioria das versões, no entanto, traduz: “traz chuva” [ARA, NVI]; “gera a chuva” [BJ]). **Língua fingida** é literalmente: “uma língua de segredo”, ou que fala por trás. Moffatt traduz assim o versículo:

*O vento norte traz a chuva;
a calúnia traz olhares irados.*

Acerca do versículo 24, veja comentário de 21.9. A comunicação era inadequada naqueles dias, assim as **boas-novas** (25) eram sempre muito bem-vindas (cf. 25.13). No versículo 26, temos uma advertência contra a catástrofe da deserção espiritual. “Como uma nascente barrenta e uma fonte poluída é o homem que cede, cai e faz concessões em relação à sua integridade diante dos maus” (AT Amplificado). A primeira linha do versículo 27 expressa o pensamento do versículo 16. A segunda linha é de difícil tradução. Uma das melhores versões diz: “Comer mel demais não é bom, nem é honroso buscar a própria honra” (NVI). Na falta de autocontrole se mostra uma grande fraqueza. Tal homem é como a **cidade** [...] **que não tem muros** (28; veja comentário de 16.32).

4. *A Respeito de Tolos e suas Tolices* (26.1-12)

Esta parte, com a exceção do versículo 2, tem sido designada por Toy como o “Livro dos Tolos — uma seqüência de observações sarcásticas acerca da classe mais detestada pelos sábios”.⁴ Veja comentários de 1.7, 22 acerca do significado da palavra “tolo” (ou “louco”) em Provérbios. O **louco** num cargo público é algo tão inapropriado quanto a **neve** no **verão** da Palestina e tão prejudicial quanto a **chuva** na época da colheita (março a setembro). No versículo 2, lemos que a **maldição** não merecida vai errar o seu alvo. “Como o pardal que voa em fuga, e a andorinha que esvoaça veloz, assim a maldição sem motivo justo não pega” (NVI). O louco não reage ao conselho mas à compulsão (3). Nos versículos 4-5, temos afirmações aparentemente contraditórias. O versículo 4, no entanto, adverte contra baixar-se ao nível do **tolo**. O versículo 5 nos exorta a repreender o **tolo** para que reconheça a sua **estultícia**.

O versículo 6 destaca o perigo de se enviar **mensagens pelas mãos de um tolo** (veja comentário de 13.17). Scott traduz assim o versículo 7: “Um ditado citado pelos tolos é tão manco quanto as pernas de um aleijado”.⁵ Cowles diz: “Somente homens sensíveis conseguem captar o verdadeiro significado do bom provérbio e sabem como expressá-lo de forma marcante”.⁶ O significado mais provável do versículo 8 é que dar **honra ao tolo** é tão absurdo quanto prender uma pedra numa **funda**, assim que se torna inútil. O versículo 9 é paralelo ao versículo 7. Edgar Jones diz: “O significado é que um bêbado não consegue usar um galho com espinhos sem se machucar assim como um tolo não é capaz de usar um *mashal* (provérbio) como meio de instrução”.⁷

Talvez o texto mais obscuro de todo o livro de Provérbios seja o versículo 10. Várias palavras hebraicas têm mais de um significado. Moffatt dá a seguinte tradução: “O homem capaz faz tudo ele mesmo; o tolo contrata o primeiro transeunte”. No versículo 11, vemos que o **tolo** se nega a aprender (cf. 2 Pe 2.22). O versículo 12 afirma que o **homem que é sábio a seus próprios olhos** é pior do que o **tolo** (cf. 3.7; 29.20; Lc 18.11; Rm 12.16; Ap 3.17).

5. *O Preguiçoso* (26.13-16)

Nestes versículos temos um retrato satírico do negligente — um alvo preferido dos sábios de Israel. Veja comentário de 6.6-11; 19.24; e 22.13. O número **sete** no versículo 16 é um número indefinido.

6. *Diversos Salafreiros* (26.17-28)

O versículo 17 traz uma advertência contra o fato de alguém se intrometer nos assuntos de outra pessoa. Moffatt traduz assim: “A pessoa que se mete em briga que não é sua pega pelas orelhas um cão que passa”. Edgar Jones diz: “A força da comparação está no fato de que o cão na Palestina representava perigo e não domesticidade, visto que corria solto nas ruas”.⁸

Os versículos 18-19 significam ou que o brincalhão experiente que engana o **seu próximo** para a sua própria diversão será condenado, ou, que será condenado o homem que engana o seu próximo e depois, para salvar a sua pele, diz: **Fiz isso por brincadeira**. Nos versículos 20-21, o **maldizente** (que faz fofoca) é condenado. Acerca do versículo 22, veja um provérbio idêntico em 18.8 e seu comentário.

Nos versículos 23-28, temos uma denúncia de fala e caráter hipócritas. **Os lábios ardentes e o coração maligno** (23) são com um vaso de barro **coberto de escórias de prata**, dando a impressão de prata maciça (cf. Mt 23.27). O ódio é o pai de **lábios mentirosos** e de **engano** contínuo (24). A expressão: **sete abominações [...] no seu coração** (25) retrata um coração mau (cf. Mt 12.45). Mais cedo ou mais tarde essa hipocrisia resulta em julgamento e exposição pública a toda a **congregação** (26; veja comentário de 5.14). As conseqüências de um mal do tipo bumerangue são expressadas no versículo 27. O homem de más intenções que cava uma **cova** para outros e que rola uma **pedra** colina acima para fazê-la rolar sobre outros vai ser pego nas suas próprias maquinações (cf. Sl 7.15; Ec 10.8). A expressão **a língua falsa** (28) leva ao coração do problema. A **língua falsa** e a **boca lisonjeira** são o escoadouro de um coração impuro e cheio de ódio; produzem a **ruína** tanto do objeto como do possuidor.

7. *Verdades para Hoje e Amanhã* (27.1-22)

No versículo 1, somos lembrados de que o hoje e o **amanhã** estão nas mãos de Deus. Aqui o sábio nos conta que, visto que as forças do homem são limitadas, precisamos viver constantemente no temor do Senhor (veja comentário de 1.7). Veja expressões neotestamentárias dessa verdade em Lucas 12.16-21 e Tiago 4.13-16. Um homem deve viver de tal forma, assim diz Salomão, que outros o louvem para que não tenha de louvar-se a si mesmo com sua **boca** e **lábios** (2). É mais fácil levar uma carga de **pedra** e **areia** (3) do que suportar as explosões de ira do tolo. A **inveja** é ainda mais difícil de suportar do que a **ira** (4). O **amor** não deve se calar quando pode servir aos interesses de um amigo por meio de uma **repreensão**. A repreensão saudável de um “amigo” (ACF) sincero, mesmo não sendo agradável, é muito melhor do que as expressões de um “inimigo” (ACF) que são “excessivas e enganadoras” (AT Amplificado).

O valor do apetite saudável é expressado no versículo 7. Quando alguém tem fome espiritual, pode se beneficiar até da repreensão amarga do versículo 6. O versículo 8 expressa a condição difícil do andarilho. Talvez tenhamos aqui uma referência ao destino dos sábios em Israel, que eram mestres itinerantes. O versículo 9 é de difícil tradução, e as tentativas são muitas. Uma das melhores diz: “Como o perfume e o incenso agradam os sentidos, assim a cordialidade de um amigo fortalece o espírito”.⁹ O verso de três linhas do versículo 10 nos estimula a não abandonarmos antigos amigos da família: **melhor é o vizinho perto do que o irmão longe**.

A responsabilidade e o envolvimento por parte do pupilo são a alegria do mestre (11; cf. 1 Ts 2.19-20; 3.8; veja comentário de 10.1). Acerca do versículo 12, veja provérbio idêntico em 22.3 e o comentário ali. Sobre o versículo 13, veja um dístico semelhante em 20.16 e o comentário de “fiança” (6.1-5). A declaração de amizade pomposa e em **alta voz**, como os beijos numerosos do inimigo (6), levam a suspeitar de intenções sinistras (14). Acerca do versículo 15, veja o dístico semelhante em 19.13 e seus comentários. Scott associa o versículo 16 ao 15 e traz a seguinte tradução do versículo 16: “Tentar contê-la é o mesmo que tentar conter o vento; e assim a pessoa diz: ‘a mão está muito escorregadia’ ”.¹⁰

O impacto dos amigos sobre o caráter da pessoa é o tema do versículo 17 (veja comentário de 1.10-19; cf. 13.20; 22.24-25). As distinções sociais não vão impedir um servo fiel de ser recompensado **pelo seu Senhor** (18). Greenstone faz este comentário sucinto acerca do versículo 19: “Assim como o reflexo na água depende do seu grau de pureza e translucidez, assim o coração do homem reflete o juízo que faz do caráter de outro homem”.¹¹ O homem pecaminoso é irrequieto, e os seus desejos **nunca se fartam** completamente (20; acerca do significado de **inferno** [*sheol*] e **perdição** [*abbaddon*], veja comentário de 15.11). O caráter do homem é testado e provado seriamente **pelos louvores** dos outros ou por aquilo que ele mesmo louva (21). Sem a graça de Deus, o **tolo** e a sua tolice são inseparáveis. Uma tradução adequada é: “Ainda que você moa o insensato, como trigo no pilão, a insensatez não se afastará dele” (NVI).

8. A Parábola do Pastor (27.23-27)

Nestes versículos, o sábio elogia a modo de vida nômade que caracterizava uma grande parcela do povo de Israel. Veja Isaías 28.23-29 acerca de instruções semelhantes aos agricultores. A expressão **Procura conhecer o estado das tuas ovelhas** reflete o trabalho bem feito como tema do versículo 23. As **riquezas** (24) são passageiras, e não podemos esquecer os valores que são eternos (cf. 23.5; Jó 20.28; Sl 49.10). Aqui estão palavras tão valiosas para pessoas da era espacial quanto o eram para os antigos pastores e agricultores de Israel. Nos versículos 25-27, o pastor é lembrado de que as coisas confiadas a ele exigem cuidado e responsabilidade para que se tornem frutíferas e úteis. A diligência por parte do homem precisa estar associada ao cuidado providencial por parte de Deus.

B. SEGUNDA COLEÇÃO, 28.1—29.27

1. Os Ímpios e os Justos (28.1-28)

A boa consciência dá coragem à pessoa (1). A palavra **confiado** aqui pode ser traduzida também como “corajosos” (NVI). Kidner diz: “O homem honesto, como o leão, não tem necessidade de olhar desconfiado para trás. O que está atrás de si não é o seu passado (Nm 32.23), mas a sua retaguarda: a bondade e a misericórdia de Deus (Sl 23.6)”.¹² Um governo instável — **muitos são os seus príncipes** (2) — está fundamentado em corrupção moral, mas homens justos compõem um governo bom. “Um homem mau que oprime os necessitados é como uma chuva devastadora que destrói a colheita” (3).¹³ Homens maus combinam os seus esforços contra a **lei** e a ordem, mas homens bons, **que guardam a lei**, opõem-se a essa conduta (4; cf. Rm 1.18-32). Enquanto **homens maus** não sabem o que é certo, **os que buscam o SENHOR** (5) são iluminados (cf. Sl 119.100; Ec 8.5; Jo 7.17; 1 Co 2.15).

A pobreza honesta e a conduta correta são melhores do que a riqueza desonesta (6; veja comentário de 19.1). Um filho indisciplinado é uma desgraça (7; veja comentário de 23.19-25). **Comilões** é melhor tradução do que “desregrados” (ACF). “O que dá atenção à instrução é um filho sábio; mas o companheiro dos libertinos traz desgraça ao seu pai” (Smith-Goodspeed). No versículo 8, o sábio nos lembra de que os lucros do extorsionário avarento por meio da **usura** (veja comentário de 6.1-5) um dia vão cair nas mãos daquele que **se compadece do pobre**. Na parábola dos talentos, Jesus expressou uma verdade semelhante (Lc 19.24). A pessoa que rejeita a vontade de Deus revelada na **lei** (9) mostra a sua falta de sinceridade e não consegue orar de forma correta. A parábola do fariseu e do publicano é um paralelo neotestamentário dessa verdade (Lc 18.10-14). Enganar outros é algo condenado no versículo 10 (cf. Mt 5.19; 18.6; 23.15). Este tipo de comportamento tem o efeito bumerangue (veja comentário de 26.27).

A presunção do **rico** é o tema do versículo 11. O homem arrogante pensa que a sua habilidade para os negócios é uma indicação de sabedoria superior, mas o **pobre** consegue perceber coisas por trás das limitações desse homem e possuir a verdadeira sabedoria e segurança (veja comentário de 18.11). No versículo 12, a liderança dos **justos** e dos **ímpios** é contrastada. Este versículo é bem traduzido assim: “Quando triunfam os justos [que não fazem concessões], há grande glória e celebração; mas quando os ímpios sobem [ao poder], os homens se escondem” (AT Amplificado). No versículo 13, somos lembrados de que a **misericórdia** de Deus depende de arrependimento sincero. As expressões clássicas dessa verdade estão em Salmos 32.1-4 e 1 João 1.6-9. O temor do Senhor (14) é visto como uma proteção contra o pecado e suas terríveis consequências. O **ímpio que domina** (15) é comparado às bestas da floresta. Toy consegue captar bem o significado do versículo 16 quando diz: “Quem age como tirano é falto de inteligência; o que odeia o lucro injusto terá vida longa”.¹⁴

A RSV esclarece o versículo 17 da seguinte forma:

*Se um homem carrega o peso do sangue de outro homem,
que seja fugitivo até morrer;
que ninguém o ajude (cf. Nm 35.31-34).*

O caminho de Deus é lucrativo (18; cf. 10.9). Uma tradução adequada diz: “Um homem de vida inculpável está seguro; as armadilhas derrubam o homem de caminhos tortuosos” (Moffatt). Um apelo à diligência é expressado no versículo 19 (veja o provérbio semelhante em 12.11). O **homem fiel** (20) deve esperar ganhar riquezas somente por meio de trabalho duro e não por meio de maquinações apressadas para ficar rico da noite para o dia (veja comentário de 20.21). O contexto do versículo 21 é o da corte judicial. Um juiz tem de ser imparcial e não pode aceitar nem o menor suborno — **um bocado de pão** (cf. 18.5; 24.23). Ao buscar riquezas, as pessoas com frequência tropeçam em práticas que resultam em **pobreza** moral e espiritual interior; descobrem também que o lucro material é ilusório (22; cf. 23.4-5 e o comentário correspondente). Ter um **olho mau** é ser egoísta.

A longo prazo a repreensão honesta é melhor do que a bajulação enganosa (23). O filho que **rouba a seu pai ou a sua mãe** (24), isto é, que tenta conseguir o controle da propriedade deles ou esbanja os seus recursos, é colocado na mesma classe dos animais

destruidores (cf. Mc 7.11-12; 1 Tm 5.4,8). O homem **altivo de ânimo** (orgulhoso) se mete em dificuldades, mas **o que confia no SENHOR** prospera (25; cf. Mt 6.19-34). É completa tolice confiar somente na própria capacidade; o sábio confia no Senhor (26). A bênção de dar é destacada no versículo 27 (veja comentário de 11.24-29 e 22.9). **O que esconde os olhos** é o homem que não dá atenção aos pobres. Acerca do versículo 28, veja comentário do versículo 12.

2. Deus e o Reinado dos Justos (29.1-27)

O destino do homem que teimosamente se nega a aprender e resiste à verdade é expressado no versículo 1. Veja o desenvolvimento deste tema no comentário de 1.24-33. Acerca do versículo 2, veja comentário de 28.12 e 11.10-11. O filho sábio é a alegria dos seus pais (3; veja comentário de 28.7 e 10.1). Um **rei** sábio governa com **juízo** (justiça) e se nega a receber **subornos** (4; cf. 15.27). O bajulador enganoso se prende na própria **rede** (5; 26.28; 28.23). No versículo 6, temos um contraste entre o **homem mau** que é pego na armadilha do pecado e o **justo** que se alegra por ter escapado dessas armadilhas. O homem de Deus se preocupa pessoalmente pela **causa dos pobres** (7), mas o **ímpio** se nega a assumir qualquer responsabilidade pelos necessitados. Veja um exemplo de preocupação pelos pobres em Jó 29.12-17.

O sábio considera os **homens escarnecedores** (8) espiritual e moralmente arrogantes. Estes homens “alvorçam a cidade” (ARA), o que quer dizer literalmente: “atizam as chamas da disputa até que haja um fogo”. Os homens de Deus, no entanto, produzem paz e harmonia (cf. Tg 3.13-18). O versículo 9 está mais claro na RSV:

*Se um homem sábio tem uma discussão com um tolo,
o tolo só se enfurece e ri,
e não há sossego.*

Uma versão excelente do versículo 10 diz: “Os sedentos de sangue detestam o homem inculpável, mas os justos estão preocupados com o seu bem-estar”.¹⁵ O tolo não tem sabedoria nem autodomínio, mas o **sábio** controla as suas emoções (11; cf. 14.17,29; 16.32; 25.28). O caráter do **governador** dá o tom moral ao seu reino — tal rei, tal servo (12). Tanto o oprimido como o opressor se beneficiam com o cuidado providencial de Deus — ele dá luz aos **olhos de ambos** (13). Jesus expressou essa verdade em Mateus 5.44-45.

A permanência do reinado de um rei depende do seu caráter moral e do exercício da justiça (14; cf. 16.12; 20.28; 25.5). No versículo 25, temos um apelo à restrição saudável dos limites na vida da criança. Acerca do versículo 16, veja o ensino semelhante do versículo 2, também 28.12,28. A disciplina das crianças traz resultados recompensadores para os pais (17; um paralelo do v. 15). Acerca do versículo 18, Jones e Walls dizem: “A lei, os profetas e a literatura sapiencial se encontram nesse versículo. Sempre que se perde de vista a vontade revelada de Deus, como expressa na sua Palavra, o seu povo quebra a sua lealdade”.¹⁶ O escravo, assim como o filho, vai precisar de treinamento e disciplina adequados (19). Acerca do versículo 20, veja o provérbio semelhante em 26.12. No versículo 21, temos uma advertência dirigida ao proprietário de escravos generoso. A idéia é bem transmitida por meio desta versão: “Quem mima o seu servo desde criança, vai fazer com que mais tarde este exija os direitos de filho” (AT Amplificado).

A tolice da ira é o tema do versículo 22. O temperamento violento não somente gera problemas; também “é a causa de muitos pecados” (Moffatt). A **soberba** e a humildade são novamente contrastadas no versículo 23 (cf. 1.2; veja comentário de 16.18-19). Na escolha das amizades, a pessoa pode colocar-se em perigo (24). **O que tem parte com o ladrão** partilha do roubo, mas incorre em culpa. Além disso, ele se nega a testemunhar contra o ladrão e assim comete perjúrio (cf. Lv 5.1). **O receio do homem**, ou do que os outros pensam, pode resultar em covardia moral e pecado (25; cf. Mt 10.28; Mc 8.38). Mas **quem confia no SENHOR** estará seguro (**será posto em alto retiro**; cf. 16.7; 18.10). Deus decide o destino de cada homem, assim a confiança indevida na força humana, especialmente na força política, é deplorada pelos sábios (26). No versículo final desta seção de Provérbios, o conflito entre o bem e o mal é posto mais um vez, e a importância da escolha moral é sublinhada (27; comentário de 2.12-15).

SEÇÃO V

PALAVRAS DE AGUR

Provérbios 30.1-33

O capítulo é intitulado “Palavras de Agur” com base na sua frase inicial. Nada sabemos de **Agur, filho de Jaque** (1). Como Jó, ele pode ter sido um não-israelita que conheceu o Deus da fé dos hebreus. Pode ter sido um respeitado mestre não-hebreu e possivelmente contemporâneo de Salomão. Alguns estudiosos têm conjecturado que **Agur** era simplesmente mais um nome de Salomão. No entanto, mais significativo do que a identidade exata de Agur é o fato de que as suas palavras foram consideradas dignas de inclusão no Livro de Provérbios.

A. OBSERVAÇÕES PESSOAIS, 30.1-9

1. *O Conhecimento de Deus* (30.1-4)

O significado exato do versículo 1 é tão incerto quanto a identidade de Agur. Alguns estudiosos consideram **Itiel** e **Ucal** pupilos prediletos de Agur. Outros traduzem esses nomes de tal forma que simbolizem a luta de Agur para chegar ao conhecimento de Deus. “Eu estou exausto, ó Deus, estou exausto, ó Deus, e consumido” (Smith-Goodspeed). Nos versículos 2-3, Agur expressa a sua ignorância de Deus e sua total humildade na sua aproximação de Deus. No entanto, ele não é um cético, como alguns afirmam, mas reconhece que Deus não pode ser compreendido somente pela sabedoria humana. Agur não advoga **conhecimento do Santo**, como outros fizeram.

Com cinco perguntas retóricas ele contrasta o Criador e a criatura (4). Deus pode ser conhecido, mas ele é também incompreensivelmente grande (cf. Jó 11.7-8; 38—41; Sl 104.1-5; Pv 8.24-29 e comentário; Is 40.12; Rm 11.33-35). À luz da “transcendência majestosa” de Deus, o homem é visto com todas as suas limitações finitas.

2. *A Revelação de Deus* (30.5-6)

Estes versículos fornecem a resposta às perguntas investigativas dos versículos 2-4. Embora a luz do intelecto humano seja inadequada para prover uma compreensão apropriada do ser de Deus e de suas obras, a auto-revelação inerrante por meio da sua Palavra está ao alcance de todos **os que confiam nele** (5). Deus é completamente confiável, e **as suas palavras** (6) não necessitam de especulação humana para torná-las completas (Dt 4.2; 12.32; Sl 18.30; 84.11; 115.9-11).

3. *A Oração de Agur* (30.7-9)

A ênfase da oração de Agur é dupla. Ele ora humildemente, em primeiro lugar, para que seja capaz de manter a sua integridade e piedade — **antes que morra** (7) — ou, literalmente: “todos os dias da minha vida”. **Afasta de mim a vaidade** (falsidade) **e a palavra mentirosa** (8). Em segundo lugar, ele ora sinceramente pelas necessidades mais simples da vida, nada mais, nada menos. Esta petição antecede a Oração do Pai Nosso. Agur não quer nem os perigos da prosperidade nem o desespero da **pobreza**. Ele não deseja nada que o faça negar ou blasfemar o seu Senhor. Aqui está o meio termo aplicado às questões espirituais e morais. As aspirações de Agur podem muito bem estar no coração e nos lábios de nós todos.

B. PROVÉRBIOS NUMÉRICOS, 30.10-33

Nesta seção, temos os provérbios numéricos (veja vv. 15,18,21,24,29), característicos da literatura didática hebréia. Os sábios de Israel usavam artifícios como seqüências numéricas, padrões acrósticos e diversos tipos de paralelismos para destacar verdades e para auxiliar na memorização.

1. *Contra a Calúnia e os Malfetores* (30.10-14)

No versículo 10, temos um dístico que adverte contra a calúnia (cf. Rm 14.4). Nos versículos 11-14, há condenações severas de quatro tipos de pessoas depravadas — as que rejeitam as pretensões familiares (11); as que se consideram justas (12); as que desdenham os outros (13); e as que são cruéis com palavras e atos (14).

2. *Quatro Coisas Insaciáveis* (30.15-16)

Acerca da **sanguessuga** (15) Greenstone diz: “A sanguessuga suga o sangue da sua vítima até que esteja saciada e aí cai. Por isso se tornou símbolo de avareza e crueldade”.¹ Por isso é um símbolo apropriado para introduzir os quatro exemplos de coisas insaciáveis, a **sepultura**, a **madre estéril**, a **terra** e o **fogo**.

3. *O Filho Arrogante* (30.17)

O corpo de um filho irreverente não receberá um sepultamento decente, mas servirá de comida para os **corvos** e os **pintãos da águia** (lit. “filhotes de abutre”). Este retrato tão vívido é usado pelo sábio para destacar a grande importância que os hebreus davam à autoridade paterna (cf. 23.22 e Êx 20.12).

4. *Quatro Coisas Incompreensíveis* (30.18-19)

O homem nunca poderá compreender completamente os fenômenos da natureza, nem mesmo nesta época de explosão do conhecimento. Nos seus dias pré-científicos, o sábio escolheu quatro exemplos dos mistérios da natureza (19).

5. *A Adúltera Escandalosa* (30.20)

Depois de ilustrar os mistérios da natureza, o sábio descreve a **mulher adúltera** que está à vontade com o seu pecado e é totalmente indiferente em relação à sua imoralidade. Kidner diz: “O ato do adultério é tão pouco notável a ela quanto uma refeição”.²

6. *Quatro Coisas Intoleráveis* (30.21-23)

Quatro pessoas insuportáveis são aqui descritas. Moffatt as explica assim:

*o escravo que se torna rei,
o tolo que faz fortuna,
a moça desprezada que por fim se casa,
e a serva que toma o lugar da sua senhora.*

Estas pessoas trazem o caos a uma comunidade ou sociedade, e os sábios de Israel “eram inimigos da revolução social ou política”.³

7. *Quatro Pequenas Coisas Notáveis* (30.24-28)

O sábio que escreveu essas palavras não estava encantado com a grandeza. Ele conseguia enxergar o significado e a produtividade de coisas pequenas como as **formigas** (25); os **coelhos** (26); os **gafanhotos** (27); e a **aranha** (28) ou “lagartixa” (Berkeley, RSV).

8. *Quatro Coisas Imponentes* (30.29-31)

Aqui o sábio cita quatro exemplos de coisas imponentes e de grande força — o **leão**; o **cavalo de guerra** (o hb. é incerto; tem sido traduzido de diversas maneiras: “galo de andar altivo” [NVI]; “galo de briga” [Berkeley]); o **bode**; e o **rei**. Estes são símbolos da força que Deus deu às suas criaturas.

9. *Um Desafio Final* (30.32-33)

A conclusão deste capítulo, assim como o início, trata da virtude da humildade. Se alguém se tornou culpado de comportamento arrogante, ou pensou nisso, deve encarar a verdade: **põe a mão na boca** (32). Esta é uma expressão que sugere a admissão silenciosa da culpa (cf. Jó 21.5; 40.4). As palavras finais de Agur contêm um apelo para que a pessoa se recuse a promover a **contenda** (33), e um encorajamento para viver em “paz com todos os homens” (Rm 12.18).

SEÇÃO VI

AS PALAVRAS DE LEMUEL

Provérbios 31.1-9

A. TÍTULO, 31.1

Esta seção contém a instrução da mãe do rei ao seu filho. O **rei Lemuel** e a **sua mãe** provavelmente não eram israelitas, embora nada se saiba com certeza acerca deles. As lições do texto, no entanto, são claras e significativas. Toy chama este segmento de Provérbios de “um manual para reis e juízes”.¹

B. ADVERTÊNCIAS CONTRA A LASCÍVIA E BEBIDAS FORTES, 31.2-7

A estrutura do versículo 2 sugere tanto seriedade como preocupação amorosa. Moffatt traduz assim este versículo:

*Filho meu, dê atenção ao que eu digo,
ouça, ó filho das minhas orações, e obedeça.*

Lemuel é o seu filho e alguém que ela dedicou ao Senhor (cf. 1 Sm 1.11). Ela o adverte, em primeiro lugar, contra a libertinagem sensual (3). Edgar Jones diz: “O conselho não é uma mera proibição, mas é dado para que o rei possa cumprir com as suas responsabilidades diante da comunidade. Significa disciplina para uma dedicação maior”.² Ela está desejosa que ele dê o melhor à sua função de rei.

O governante não deve ser moralmente adequado apenas, mas também forte fisicamente. Assim a honrada mãe adverte: **Não é próprio dos reis beber vinho, nem dos príncipes desejar bebida forte** (4) e assim **pervertam o juízo** (5). O sábio, evidente-

mente, reconhece o uso do vinho como remédio em algumas situações (6; cf. 1 Tm 5.23) e como um sedativo para criminosos que estão sofrendo (6-7). A observação de Rylaarsdam é muito adequada: “O fato de Jesus ter recusado o vinho que lhe foi oferecido na cruz (Mc 15.23) provavelmente foi registrado para chamar atenção ao seu reinado, especialmente na cruz, e ao seu julgamento sobre o pecado e a morte”.³

C. JULGAR RETAMENTE, 31.8-9

O conselho final da mãe do rei é direcionado a motivar o seu filho a reinar com justiça, dando atenção especial aos **pobres** e desprivilegiados. Ela aconselha: **Abre a tua boca** (8; “Erga a voz”, NVI) a favor daqueles que não podem falar por si mesmos. A exortação a ajudar a **todos os que se acham em desolação** reflete a preocupação por justiça social defendida com tanta frequência pelos profetas de Israel (cf. Is 10.1-2; Am 2.6-7; 4.1; 5.15).

SEÇÃO VII

A MULHER E MÃE VIRTUOSA

Provérbios 31.10-31

Nesta seção final temos um belo poema acróstico que é um tributo imortal à mulher e mãe virtuosa. O poema contém vinte e duas estrofes ou dísticos, sendo que cada um começa com uma letra do alfabeto hebraico.

Este poema é uma conclusão adequada do livro de Provérbios. Em primeiro lugar, muito se disse acerca da mulher briguenta (cf. 19.13; 21.9; 25.24; 27.15), e assim o sábio dá honra agora a uma mulher mais nobre. Em segundo lugar, há condenações repetidas da mulher adúltera e pecaminosa (cf. caps. 1—9; 22.14; 23.27; 29.3; 31.3). Agora o sábio apresenta um retrato melhor das qualidades femininas. Já vimos que em todo o livro de Provérbios o lugar da mãe na educação dos filhos foi destacado (cf. 1.8-9; 10.1; 17.25; 18.22; 19.14; 23.25; 28.24). Nas palavras finais, o sábio destaca esta grande verdade da tradição familiar dos hebreus.

Finalmente, o propósito de Provérbios é ajudar as pessoas a obter sabedoria — o caminho do Senhor (veja comentário de 1.2-6). Na expressão poética final, o sábio retrata mais do que uma mulher de força e caráter em sentido geral. O poema não é um simples contraste com a mulher contenciosa e a adúltera. É mais do que um tributo às qualidades femininas da mulher hebréia. Esta mulher e mãe é um exemplo de alguém que cumpre os propósitos de Deus para a sua vida. É nesse sentido que o ideal que ela exemplifica está ao alcance de todos.

A. CARACTERÍSTICAS MÁXIMAS, 31.10-29

Uma mulher tão capaz e tão forte no seu caráter é inestimável — **seu valor muito excede o de rubins** (10). Ela é tão infalível na sua dedicação que ao seu marido “não

faltam riquezas” (11; BJ; “não há falta de ganho honesto, nem necessidade de saque desonesto”, AT Amplificado). Tudo que ela faz contribui para o bem-estar dele (12). Ela é incessantemente diligente (13-15). Ela tem habilidades excepcionais para os negócios (16-19). **O fruto de suas mãos** (16) é melhor: “com os lucros dela” (Smith-Goodspeed). As frases: **Cinge os lombos e fortalece os braços** (17) devem ser compreendidas como seus esforços para firmar o avental e as mangas para que não a atrapalhem no seu trabalho. A expressão: **A sua lâmpada não se apaga de noite** (18) não quer dizer que ela trabalha a noite toda, mas que há azeite suficiente na sua casa para que a lâmpada possa queimar a noite toda (cf. 13.9; Mt 25.8). O **fuso** e a **roca** (19) eram ferramentas usadas pelas mãos no manuseio dos fios para a fabricação do tecido.

Esta mulher ideal é caridosa e altruísta em relação às necessidades do **necessitado** (20). “Todos [na sua casa] andam vestidos de lã escarlate” (ARA, 21) indica artigos de luxo (cf. Êx 25.4; 2 Sm 1.24; Jr 4.30). A palavra “escarlate” pode também significar mais de uma vestimenta. Williams diz que a questão não era a cor. A tradução pode bem ser que “todos da sua casa estão vestidos com vestimentas duplas”.¹ **A sua própria veste** (22) é atraente e de bom gosto. Esta mulher é uma bênção para o **seu marido** (23), que é um líder respeitado na comunidade (cf. 1.21; 24.7). A sua diligência resulta em lucros para a sua família (24).

Esta mãe tem **força e glória** (25); ela está confiante em relação ao futuro da sua casa. Ela é generosa e bondosa nas suas instruções aos filhos e nas orientações aos seus servos (26). Ela é incansável na devoção à **sua casa** (28). O autor conclui assim esse elogio:

*Muitas mulheres se saíram bem,
mas você a todas superou (Smith-Goodspeed).*

B. TRIBUTO FINAL, 31.30-31.

No versículo 30, somos lembrados de que a **graça** (charme) e a **formosura** são passageiras, mas que o caráter piedoso é um valor duradouro. O marido dessa boa esposa é encorajado a dar-lhe o **fruto das suas mãos** (31) — reconhecimento merecido pelo seu trabalho e também elogio público.

Nem todas as pessoas possuem os dons e recursos raros dessa extraordinária mulher e mãe, mas todos podem segui-la assim como ela seguia o Senhor. Nisso ela é o exemplo da verdadeira sabedoria. Assim, Provérbios termina como começou (1.7): com o desafio de escolhermos o caminho da sabedoria, que é temer o Senhor sempre e viver de acordo com os seus propósitos.

Notas

INTRODUÇÃO

- ¹ "The Proverbs", *The New Bible Commentary*, ed. F. Davidson (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953), p. 516.
- ² Veja Madeline S. e J. Lane Miller, *Harper's Bible Dictionary* (Nova York: Harper and Brothers, 1956), "Solomon", pp. 692-94; "Ezion-Geber", p. 182; "Gezer", pp. 223-25; "Hiram", p. 262; "Megiddo", pp. 434-36; "Millo", pp. 445-46; J. A. Thompson, *The Bible and Archaeology* (Grand Rapids: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1962), pp. 100-107.
- ³ *The Book of Proverbs*, "Westminster Commentaries", ed. Walter Lock e D. C. Simpson (Londres: Methuen and Co., 1929), pp. Xxi-xxii.
- ⁴ "Book of Proverbs", *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, vol. G-K, ed. George A. Buttrick, *et al.* (Nova York e Nashville: Abingdon Press, 1962), p. 938.
- ⁵ *Ibid.*, p. 939.
- ⁶ Bernhard W. Anderson, *Understanding the Old Testament* (Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1957), p. 465.
- ⁷ Veja John A. Wilson, trad., "Egyptian Instructions", *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, ed. James B. Pritchard (Princeton: Princeton University Press, 1950), pp. 421-24; H. L. Ginsberg, trad., "Aramaic Proverbs and Precepts", pp. 427-30.
- ⁸ "Proverbs" (Introduction), *The Interpreter's Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al.*, IV (Nova York: Abingdon Press, 1955), p. 769.
- ⁹ "Proverbs", *The Biblical Expositor*, II, ed. consultor, Carl F. H. Henry (Filadélfia: A. J. Holman, 1960), p. 73.
- ¹⁰ *An Introduction to the Old Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950), pp. 303-4.
- ¹¹ W. T. Purkiser, *et al.*, *Exploring the Old Testament* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1955), p. 255.
- ¹² *The Proverbs: An Introduction and Commentary* (Londres: The Tyndale Press, 1964), pp. 13-14; veja também pp. 31-35.

SEÇÃO I

- ¹ *Commentary on the Whole Bible* (Nova York: Fleming H. Revell Co., s.d.), VIII, p. 791.
- ² *Proverbs and Ecclesiastes*, "Torch Bible Commentaries" (Nova York: The Macmillan Co., 1961), pp. 55-56.
- ³ R. Laird Harris, "Proverbs", *The Wycliffe Bible Commentary*, ed. Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison (Chicago: Moody Press, 1962), p. 558.
- ⁴ *The Proverbs, Ecclesiastes, The Song of Solomon*, "The Layman's Bible Commentary", ed. Balmer H. Kelley, *et al.* (Richmond: John Knox Press, 1964), X, p. 16.
- ⁵ C. H. Spurgeon, in *The Treasury of David* (Londres: Passmore and Alabaster, 1881), V, pp. 219-20.
- ⁶ *Op. cit.*, p. 59.
- ⁷ Acerca de uma discussão mais completa da palavra *louco*, veja Kidner, *op. cit.*, pp. 39-41.
- ⁹ Berk., nota de rodapé, *loc. cit.*
- ¹⁰ *Op. cit.*, p. 60.
- ¹¹ Veja E. Blackman, art. "Mind, Heart", *A Theological Word Book of the Bible*, ed. Alan Richardson (Nova York: The Macmillan Co., edição em brochura, 1962), pp. 144-46).

- ¹² Nota de rodapé, p. 643.
- ¹³ *The Book of Proverbs*, “The International Critical Commentary”, ed. Charles A. Briggs, Samuel R. Driver, Alfred Plummer (Nova York: Charles Scribner’s Sons), p. 46.
- ¹⁴ *Op. cit.*, IB, 4:797.
- ¹⁵ *Expositions of Holy Scripture* (II Kings, c. VIII—Ecclesiastes (Grand Rapids, Mich.: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1938), pp. 84-85.
- ¹⁶ *Op. cit.*, p. 520.
- ¹⁷ Veja uma discussão mais completa do símbolo tão significativo da árvore da vida em Kidner, *op. cit.*, p. 54, e em Rylaarsdam, *op. cit.*, p. 25.
- ¹⁸ *Op. cit.*, pp. 72-73.
- ¹⁹ *Op. cit.*, p. 76.
- ²⁰ *Op. cit.*, p. 67.
- ²¹ “Proverbs” (Exposition), *The Interpreter’s Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al.*, IV (Nova York: Abingdon Press, 1955), p. 810.
- ²² *The Book of Proverbs*, “The Expositor’s Bible”, ed. W. Robertson Nicoll (Nova York: A. C. Armstrong and Son, 1903), p. 58.
- ²³ *Proverbs with Commentary* (Filadélfia: The Jewish Publication Society of America, 1950), p. 46.
- ²⁴ Acerca de uma discussão mais abrangente das palavras **morte** e **inferno** no versículo 5 veja Kidner, *op. cit.*, pp. 53-56; R. Laird Harris, *op. cit.*, pp. 559.60.
- ²⁵ *Op. cit.*, p. 32.
- ²⁶ *Op. cit.*, p. 53.
- ²⁷ Charles T. Fritsch, art. “The Gospel in the Book of Proverbs”, *Theology Today*, VII, abril de 1950 —janeiro de 1951, ed. John A. Mackay (Princeton, N.J.), pp. 170-71.
- ²⁸ *Op. cit.*, p. 71.
- ²⁹ *Op. cit.* p. 60.
- ³⁰ *Op. cit.*, p. 87.
- ³¹ Greenstone, *op. cit.*, p. 64.
- ³² Adam Clarke, *The Holy Bible with a Commentary and Critical Notes*, III (Nova York e Nashville: Abingdon-Cokesbury Press, s. d.), p. 717.
- ³³ *Op. cit.*, p. 37.
- ³⁴ *Op. cit.*, p. 91.
- ³⁵ *Op. cit.*, p. 146.
- ³⁶ *Op. cit.*, p. 75.
- ³⁷ *Op. cit.*, p. 28.
- ³⁸ R. Laird Harris, *op. cit.*, p. 563.
- ³⁹ *Op. cit.*, p. 151.
- ⁴⁰ R. Laird Harris, *op. cit.*, p. 563.
- ⁴¹ *Op. cit.*, IB, 4:826.
- ⁴² *Op. cit.*, p. 78.
- ⁴³ *Op. cit.*, p. 107.

- ⁴⁴ Kidner, *op. cit.*, pp. 76-77.
- ⁴⁵ Edgar Jones, *op. cit.*, p. 97.
- ⁴⁶ *Op. cit.*, p. 564.
- ⁴⁷ Edgar Jones, *op. cit.*, p. 100.
- ⁴⁸ *Op. cit.*, *Theology Today*, VII, p. 181.
- ⁴⁹ *Op. cit.*, p. 84.
- ⁵⁰ "Proverbs" (Exposition), *The Pulpit Commentary*, ed. H. D. M. Spence e Joseph S. Exell (Londres e Nova York: Funk and Wagnalls Co., 1913), p. 164.
- ⁵¹ *Op. cit.*, *Theology Today*, VII, p. 170.
- ⁵² *Op. cit.*, p. 80.
- ⁵³ *Op. cit.*, p. 140.
- ⁵⁴ *Op. cit.*, p. 82.
- ⁵⁵ Veja Greenstone, *op. cit.*, p. 90; Edgar Jones, *op. cit.*, pp. 103-4; Kidner, *op. cit.*, p. 82.
- ⁵⁶ *Op. cit.*, p. 105.
- ⁵⁷ *Op. cit.*, p. 83.
- ⁵⁸ *Op. cit.*, p. 47.

SEÇÃO II

- ¹ *Op. cit.*, IB, 4.775.
- ² *Op. cit.*, p. 566.
- ³ *Op. cit.*, p. 98.
- ⁴ *Op. cit.*, p. 732.
- ⁵ Edgar Jones, *op. cit.*, p. 114.
- ⁶ *Op. cit.*, p. 91.
- ⁷ Veja o tratamento excelente que Rylaarsdam faz do conceito bíblico da natureza da fala, *op. cit.*, pp. 51-53.
- ⁸ *Op. cit.*, pp. 528-29.
- ⁹ *Op. cit.*, p. 242.
- ¹⁰ *Ibid.*, p. 243.
- ¹¹ *Op. cit.*, p. 123.
- ¹² *Op. cit.*, p. 130.
- ¹³ Para um estudo muito útil acerca de palavras e de como são usadas em Provérbios, veja Kidner, *op. cit.*, pp. 46-49.
- ¹⁴ *Op. cit.*, IB, 4.853-54.
- ¹⁵ *Op. cit.*, p. 255.
- ¹⁶ *Op. cit.*, p. 103.
- ¹⁷ *Op. cit.*, p. 569.
- ¹⁸ *Op. cit.*, IB, 4.859.
- ¹⁹ *Op. cit.*, p. 105.

-
- ²⁰ *Op. cit.*, p. 530.
- ²¹ *Op. cit.*, p. 295.
- ²² *Op. cit.*, p. 157.
- ²³ Veja a descrição que Rylaarsdam faz do uso do nome SENHOR em Provérbios, *op. cit.*, pp. 59-61.
- ²⁴ *Op. cit.*, p. 307.
- ²⁵ *Op. cit.*, p. 142-43.
- ²⁶ *Op. cit.*, p. 116.
- ²⁷ *Op. cit.*, p. 196.
- ²⁸ Veja comentário desse versículo em R. Laird Harris, *op. cit.*, p. 570.
- ²⁹ *Op. cit.*, p. 531.
- ³⁰ Toy, *op. cit.*, p. 332.
- ³¹ *Op. cit.*, p. 210.
- ³² *Op. cit.*, p. 155.
- ³³ *Ibid.*, p. 156.
- ³⁴ Veja o tratamento da palavra *amigo* em Provérbios que Kidner faz; *op. cit.*, pp. 44-46; acerca da palavra *amizade*, veja R. F. Horton, *op. cit.*, pp. 227-38.
- ³⁵ Veja discussão acerca de “O Mal do Isolamento” em R. F. Horton, *op. cit.*, pp. 239-49.
- ³⁶ Veja uma discussão muito útil acerca de orgulho e humildade em Rylaarsdam, *op. cit.*, pp. 66-67; R. F. Horton, *op. cit.*, pp. 179-90.
- ³⁷ *Op. cit.*, p. 129.
- ³⁸ *Op. cit.*, p. 373.
- ³⁹ *Op. cit.*, p. 209.
- ⁴⁰ Acerca de diferentes pontos de vista do uso do vinho no AT, veja Rylaarsdam, *op. cit.*, pp. 69-70, para quem o AT ensina a moderação e não a abstinência; veja também R. F. Horton, *op. cit.*, pp. 275-87, que defende fortemente a abstinência.
- ⁴¹ *Op. cit.*, p. 137.
- ⁴² *Op. cit.*, p. 757.
- ⁴³ *Op. cit.*, p. 388.
- ⁴⁴ *Op. cit.*, p. 175.
- ⁴⁵ *Op. cit.*, p. 405.
- ⁴⁶ *Op. cit.*, p. 143.
- ⁴⁷ *Op. cit.*, p. 402.
- ⁴⁸ *Op. cit.*, p. 533.
- ⁴⁹ *Op. cit.*, p. 227.
- ⁵⁰ *Op. cit.*, p. 145.
- ⁵¹ *Op. cit.*, p. 233.
- ⁵² *Op. cit.*, IB, 4.907.
- ⁵³ *Op. cit.*, p. 235.

SEÇÃO III

¹ *Op. cit.*, p. 245.

² *Op. cit.*, p. 433.

³ *Op. cit.*, p. 915.

⁴ *Op. cit.*, p. 202.

SEÇÃO IV

¹ "Proverbs—Ecclesiastes", *The Anchor Bible*, ed. W. F. Albright e D. N. Freedman (Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., Inc., 1965), p. 171.

² *Proverbs, Ecclesiastes and The Song of Solomon* (Nova York: D. Appleton and Co., 1884), p. 168.

³ *Op. cit.*, p. 159.

⁴ *Op. cit.*, p. 471.

⁵ *Op. cit.*, p. 157.

⁶ *Op. cit.*, p. 173.

⁷ *Op. cit.*, p. 212.

⁸ *Op. cit.*, p. 213.

⁹ Scott, *op. cit.*, p. 161.

¹⁰ *Ibid.*, p. 162.

¹¹ *Op. cit.*, p. 289.

¹² *Op. cit.*, p. 168.

¹³ Scott, *op. cit.*, p. 164.

¹⁴ *Op. cit.*, p. 502.

¹⁵ Scott, *op. cit.*, p. 168.

¹⁶ *Op. cit.*, p. 536.

SEÇÃO V

¹ *Op. cit.*, p. 321.

² *Op. cit.*, p. 180.

³ Rylaarsdam, *op. cit.*, p. 92.

SEÇÃO VI

¹ *Op. cit.*, p. 538.

² *Op. cit.*, p. 245.

³ *Op. cit.*, p. 92.

SEÇÃO VII

¹ Walter G. Williams, *Archaeology in Biblical Research* (Nova York-Nashville: Abingdon Press, 1965), p. 175.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- CLARKE, Adam. *The Holy Bible with a Commentary and Critical Notes*, vol. III. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, sem data.
- COOK, F. C. *The Bible Commentary: Proverbs-Ezekiel*. Condensado e editado por J. M. Fuller. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1953.
- COWLES, Henry. *Proverbs, Ecclesiastes and The Song of Solomon* (Critical, Explanatory and Practical). Nova York: D. Appleton and Co., 1884.
- DAVIES, G. Henton; RICHARDSON, Alan; WALLIS, Charles L. (ed.). *The Twentieth Century Bible Commentary*. Ed. rev. Nova York: Harper and Brothers, Publishers, 1955.
- DEANE, W. J., e TAYLOR-TASWELL, S. T. *Proverbs* (Exposition). "The Pulpit Commentary". Ed. H. M. D. Spence e Joseph S. Exell. Londres e Nova York: Funk and Wagnalls Co., 1913.
- FRITSCH, Charles T. "The Book of Proverbs" (Introduction and Exegesis). *The Interpreter's Bible*. Ed. George A. Buttrick, et al. Vol. IV. Nova York: Abingdon Press, 1955.
- GREENSTONE, Julius H. *Proverbs with Commentary*. Filadélfia: The Jewish Publication Society, 1950.
- HARRIS, R. Laird. "Proverbs" (Introduction and Commentary). *The Wycliffe Bible Commentary*. Ed. Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.
- HENRY, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*. Vol. III. Nova York: Fleming H. Revell, s.d.
- HORTON, R. F. *The Book of Proverbs*. "The Expositor's Bible". Ed. W. Robertson Nicoll. Nova York: A. C. Armstrong and Son, 1903.
- JONES, Edgar. *Proverbs and Ecclesiastes*. "Torch Bible Commentaries". Ed. John Marsh e Alan Richardson. Nova York: The Macmillan Co., 1961.
- JONES, W. A. Rees e WALLS, Andrew F. "The Proverbs" (Introduction and Commentary). *The New Bible Commentary*. Ed. F. Davidson, et al. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953.
- KIDNER, Derek. *The Proverbs* (An Introduction and Commentary). "The Tyndale Old Testament Commentaries". Ed. D. J. Wiseman. Londres: The Tyndale Press, 1964.
- KITCHEN, Kenneth A. "Proverbs". *The Biblical Expositor*. Ed. Consultor, Carl F. H. Henry. Vol. II. Filadélfia: A. J. Holman Co., 1960.
- MACLAREN, Alexander. *Expositions of Holy Scripture*. Vol. III. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1938.
- OESTERLEY, W. O. E. *The Book of Proverbs*. "Westminster Commentaries". Ed. Walter Lock e D. C. Simpson. Londres: Methuen and Co., 1929.
- PEAKE, Arthur S. *Peake's Commentary on the Bible*. Ed. Matthew Black e H. H. Rowley. Nova York: Thomas Nelson and Sons, 1962.
- RYLAARSDAM, J. Coert. *The Proverbs, Ecclesiastes, The Song of Solomon*. "The Layman's Bible Commentary". Vol. 10. Ed. Balmer H. Kelly, et al. Richmond, Va.: John Knox Press, 1964.
- SCHLOERB, Rolland W. "The Book of Proverbs" (Exposition). *The Interpreter's Bible*. Ed. George A. Buttrick, et al. Vol. IV. Nova York: Abingdon Press, 1955.
- SCOTT, R. B. Y. "Proverbs-Ecclesiastes" (Introduction, Translation and Notes). *The Anchor Bible*. Ed. W. F. Albright e D. N. Freedman. Garden City, Nova York: Doubleday & Company, Inc., 1965.
- SPURGEON, C. H. *The Treasury of David*. Vol. V. Londres: Passmore and Alabaster, 1881.

- TOY, Crawford H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Proverbs*. "The International Critical Commentary". Ed. Charles A. Briggs, Samuel R. Driver e Alfred Plummer. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1904.
- WILLIAMS, George. *The Student's Commentary on the Holy Scriptures*. Grand Rapids, Mich.: Kregel Publications (5 ed.), 1953.

II. OUTROS LIVROS

- ANDERSON, Bernhard W. *Understanding the Old Testament*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, Inc., 1960.
- ARCHER, Gleason L., JR. *A Survey of Old Testament Introduction*. Chicago: Moody Press, 1964.
- LINDSELL, Harold (Ed. da Introdução, Anotações, Subtítulos, Referências marginais e Índice). *Harper Study Bible* (The Holy Bible — Revised Standard Version). Nova York: Harper & Row, Publishers, 1964.
- PRITCHARD, James (ed.). *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. Princeton: Princeton University Press, 1950.
- PURKISER, W. T. et al. *Exploring the Old Testament*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1955.
- RHODES, Arnold B. *The Mighty Acts of God*. Richmond, Virginia: The Covenant Life Curriculum Press, 1964.
- RYLAARSDAM, J. Coert. *Revelation in Jewish Literature*. Chicago: The University of Chicago Press, 1946.
- THOMPSON, J. A. *The Bible and Archaeology*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962.
- UNGER, Merrill F. *Unger's Bible Handbook*. Chicago: Moody Press, 1966.
- WILLIAMS, Walter G. *Archaeology in Biblical Research*. Nova York: Abingdon Press, 1965.
- YOUNG, Edward J. *An Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950.

III. ARTIGOS

- BLACKMAN, E. C. "Mind, Heart". *A Theological Word Book of the Bible*. Ed. Alan Richardson. Nova York: The Macmillan Co., ed. Brochura, 1962, pp. 144-46.
- BLANK, S. H. "Book of Proverbs". *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. Ed. George Buttrick, et al. Nova York: Abingdon Press, 1962. Vol. K-Q, pp. 936-40.
- _____. "Wisdom". *IDB*, vol. , vol. R-Z, pp. 852-61.
- _____. "Wisdom of Solomon". *IDB*, vol. R-Z, pp. 861-63.
- FRITSCH, Charles T. "The Gospel in the Book of Proverbs". *Theology Today*, vol. VII, abril de 1950—Janeiro de 1951. Ed. John A. Mackay. Princeton, N.J., pp. 169-83.
- GIULMORE, Haydn, L. "Biblical Proverbs: God's Transistorized Wisdom". *Christianity Today*, X, número 22 (19 de agosto, 1966), pp. 6,8.
- HUBBARD, D. A. "Book of Proverbs". *New Bible Dictionary*. Ed. J. D. Douglas. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962, pp. 1049-50.
- _____. "Wisdom" e "Wisdom Literature". *NBD*, pp. 1333-35.
- MILLER, Madeleine e J. Lane. "Solomon", pp. 692-94; "Ezion-Geber", p. 182; "Gezer", pp. 223-25; "Hiram", p. 262; "Megido", pp. 434-36; "Millo", pp. 445-46. *Harper's Dictionary of the Bible*. Nova York: Harper and Brothers, Publishers, 1956.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

3

Jó a Cantares
de Salomão

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

Milo L. Chapman
W. T. Purkiser
Earl C. Wolf
A. F. Harper

ISBN 85-263-0687-1



9788526306875